



*As Rodas
do
Tempo*

Ellen Farias



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



As rodas do tempo

Ellen Farias

Dedico este livro a Fernando Ricardo Garzon.

Meu grande amor de tantas vidas.

Pelo companheirismo e carinho
compartilhados através dos tempos.

Sumário

[Prólogo – O espírito da Terra](#)

[Capítulo I – O colégio](#)

[Capítulo II – A mestra](#)

[Capítulo III – O templo Shaolin](#)

[Capítulo IV – As lições do mestre Cheng Zhi](#)

[Capítulo V – A mente aberta para o impossível](#)

[Capítulo VI – O treinamento do guerreiro Shaolin](#)

[Capítulo VII – O desafio de Ming](#)

[Capítulo VIII – A armadilha do tempo](#)

[Capítulo IX – A invasão do templo](#)

[Capítulo X – Visita à caverna de Bodhidharma](#)

[Capítulo XI – O jardim japonês e as cerejeiras em flor](#)

[Capítulo XII – O mundo das gueixas](#)

[Capítulo XIII – Dia de trabalho na okiya](#)

[Capítulo XIV – O dragão chinês e o invasor](#)

[Capítulo XV – Os mistérios do coração feminino](#)

[Capítulo XVI – O estrangeiro e as cartas](#)

[Capítulo XVII – Segredo revelado e a grande apresentação](#)

[Capítulo XVIII – A fuga de Naomi](#)

[Capítulo XIX – Encontro com o Dalai Lama](#)

[Capítulo XX – O vilarejo e a compaixão](#)

[Capítulo XXI – O caminho de volta](#)

[Capítulo XXII – Novo homem, nova vida](#)

[Capítulo XXIII – O olhar do inimigo](#)

[Capítulo XXIV – Alguns velhos amigos](#)

[Fim](#)

Prólogo – O espírito da Terra

Gaila nasceu no início dos tempos, juntamente com a própria Terra. Sua existência, no entanto, estava oculta e Gaila só pôde ser vista e ouvida quando as primeiras formas de vida surgiram e evoluíram através dos tempos. E quando chegaram os primeiros homens, Gaila pôde ser, por fim, compreendida. Ao perceber que um ser havia criado consciência de si mesmo e do mundo que o cercava, Gaila tomou a forma desse ser. E por se encantar com suas histórias e mistérios, decidiu participar da vida dos homens.

Há muito tempo, não se sabe bem ao certo quanto, Gaila vem interferindo de forma sutil na história da humanidade. Ela escolhe homens e mulheres, quase ao acaso, mas tem predileção especial pelos livre-pensadores e pessoas que enriquecem a humanidade com sua criatividade e conhecimento. Gaila não interfere ensinando fórmulas prontas ou falando de coisas que ainda são desconhecidas por nós. Só o que ela faz é mostrar aos homens o seu potencial e, por isso, ao longo dos milênios, desde a descoberta do fogo e da roda, ela recebeu o singelo título de mestre.

É difícil saber qual personagem entre os homens irá mudar a história do mundo ou como isso será feito. Mas um fato que pode ser tomado como verdade incontestável é que esses personagens – como Da Vinci, Galileu, Gutenberg, Einstein – todos foram crianças um dia e entre uma multidão de outras crianças, ninguém poderia distingui-los ou imaginar o que transformaria esses jovens em adultos brilhantes e especiais.

É com esses jovens que mestra Gaila se comunica. E como mestra do tempo e do espaço, ela é capaz de ensinar lições que não se aprende nos livros. Mas essa história não é sobre ela. Essa é a história de um menino comum, chamado Daniel, que irá se tornar um homem da forma mais inusitada que se possa imaginar. E depois disso, um dia, quem sabe, ele poderá mudar o mundo.

Capítulo I – O colégio

É difícil distinguir entre sonho e realidade quando se acorda cedo demais numa manhã em que ainda vigora o horário de verão. Daniel sentia como se ainda estivesse dormindo quando tomou seu banho, comeu seu desjejum e atravessou as poucas quadras a pé no caminho que percorria entre sua casa e o colégio onde cursava o primeiro ano do ensino médio. O sol mal havia acabado de nascer quando ele parou em frente à sala cento e três, e percebeu que o cadarço de seu tênis estava desamarrado. O rapaz se abaixou, refez o laço e, ao se erguer, sentiu o tapa de mão aberta que atingiu seu rosto em cheio, produzindo um estalo que ecoou no corredor silencioso. Aturdido, ele ainda levou alguns segundos para entender o que havia acontecido quando avistou Anísio já dentro da sala caminhando de costas para ele enquanto dizia:

- Fica esperto, balofo!

Daniel sentia seu rosto queimando, mas não sabia dizer se a sensação de calor vinha do tapa que ardia em sua bochecha, da vergonha por ter sido pego desprevenido, ou da raiva que sentia. Pensou em agarrar Anísio pelo pescoço, pensou em gritar, pensou em jogar uma cadeira, mas Anísio já estava sentado sobre uma mesa cercado por outros três rapazes que riam e cumprimentavam o agressor em uma cena rotineira. Daniel então percebeu que qualquer coisa que dissesse só serviria para gerar mais risadas e que o garoto perverso que o perseguia desde o começo do ano letivo já estava fora de seu alcance, e quando deu por si, o momento de agir já havia passado e ele se viu plantado em frente às carteiras da sala de aula, mudo, paralisado e provavelmente com uma expressão patética de quem foi pego de surpresa e não sabe o que fazer.

Daniel abaixou a cabeça sentindo-se ridículo e envergonhado por algo que ele não tinha feito e não podia consertar. Enfiou-se entre as carteiras e os alunos que começavam a tomar seus lugares e sentou-se em sua cadeira de costume, no centro da sala, onde ele pensava que chamaria menos atenção e ainda assim poderia ouvir o professor com clareza. Jeniffer sentou-se ao lado dele como de costume e perguntou timidamente como se tivesse medo de constranger o rapaz ainda mais:

- Você está bem?

Ele balançou a cabeça afirmativamente e sentiu que havia ficado ainda mais vermelho. Jeniffer era uma moça linda, morena, de cabelos suavemente cacheados e de bom coração. Daniel sentia ainda mais vergonha por entender que ela tinha visto sua humilhação e que sentia pena dele. Os dois sentavam-se um ao lado do outro já fazia um mês. De quando em quando, Daniel a observava com o canto dos olhos enquanto a menina enrolava os cachos entre os dedos. Ela fazia isso sempre que estava concentrada em algum pensamento. Mas, apesar de sentir uma profunda simpatia pela garota, Daniel ainda não tinha conseguido abrir a boca para falar com ela nenhuma vez. Mesmo a ideia de falar com Jeniffer lhe parecia absurda, ainda mais na situação em que se encontrava agora.

Depois de poucos minutos, o professor Túlio, um homem magro, de óculos, ar elegante, com grandes entradas na testa provocada pela calvície parcial, entrou na sala. Esperou que os alunos se acalmassem e iniciou a aula de física colocando o título da aula na lousa em letras grandes que dizia: “Termodinâmica”. Enquanto o professor Túlio falava e apontava alguns tópicos, Daniel fazia anotações e consultava seu livro em silêncio:

- Imaginem uma garrafa térmica. Ela é bem lacrada. Tem em seu interior uma proteção de vidro

espelhado e em volta desse vidro não existe nada além do vácuo até chegar a embalagem final da garrafa que é feita de plástico. Mesmo assim, depois de algum tempo, o café quente de dentro da garrafa esfria. Por que isso acontece? Quem aqui pode me dizer como o calor faz para se propagar através do vácuo, esteja ele na garrafa térmica ou no vazio do espaço sideral?

Houve um profundo silêncio na sala e Daniel se encolheu em sua carteira adivinhando o que iria acontecer, quando o professor olhou diretamente para ele esperando a resposta:

- Daniel?

O rapaz olhou para o professor por alguns segundos enquanto pensava. Ele conhecia a resposta de cor, mas também sabia qual seria a consequência de seu acerto. Ele pensou em responder errado, mas não conseguiu imaginar uma resposta errada naquele momento. Depois pensou em dizer que não sabia, mas sentiu-se mal com a ideia. Para ele, parecia covardia esquivar-se de responder, afinal, por que ele deveria fingir que não conhecia algo que de fato conhecia? Será que ele deveria fingir que era um aluno que não estudava para que os preguiçosos se sentissem melhor com sua própria ignorância? E quem se sentiria melhor? Não seriam pessoas como Jeniffer, que provavelmente conhecia a resposta, seriam pessoas como Anísio, e Daniel sabia que esse tipo de pessoa não merecia sentir-se melhor, ainda mais às custas de seu fracasso:

- O calor se propaga no espaço na forma de radiação, ondas eletromagnéticas, como raios infravermelhos, professor.

- Muito bem, Daniel.

Daniel ouviu risadas abafadas vindas do fundo da sala e quando o professor Túlio voltou-se novamente para a lousa ouviu-se claramente uma voz disfarçada como se pertencesse a um desenho animado esganiçado e estridente:

- Balofão! Puxa-saco!

A turma inteira ria alto, quando o professor Túlio voltou-se para a sala de aula e limitou-se a dizer:

- Parem com isso.

E continuou a escrever no quadro-negro. Aquela era a piada preferida de Anísio. Durante todo aquele mês, desde que se matriculou naquele colégio, Daniel ouvia pelo menos cinco vezes a cada aula uma voz disfarçada, às vezes de forma exageradamente grave, ou estridente, ou fanhosa, mas que sempre dizia as mesmas coisas, às vezes “balofó”, às vezes “balofão”. Toda vez que Daniel se voltava para identificar quem o estava agredindo, só podia ver todos os alunos rindo enquanto Anísio fingia que estudava, todas as vozes pertenciam a ele e a piada era sempre a mesma, não ficava mais inteligente ou mais criativa, era repetitiva como em um mantra e o alvo era sempre Daniel.

As coisas estavam muito piores para Daniel agora, mas ele não conseguia se lembrar se algum dia tinha sido fácil. Quando estava cursando o ensino fundamental também sentia dificuldade para fazer amigos, mas era diferente. Ele simplesmente não sabia como iniciar uma conversa, sentava-se no canto direito e na frente da sala para prestar atenção à aula e olhava os outros alunos com uma certa desconfiança, simplesmente por não saber quem eram aquelas pessoas. Os outros alunos o olhavam com curiosidade, às vezes faziam comentários maldosos quando ele respondia a alguma questão corretamente ou percebiam que ele havia tirado uma boa nota, mas a hostilidade parava por aí, ficava no ar como um

mal-estar que não se pode definir de onde vem, como se a sala estivesse sempre alagada até a borda com água parada e escura.

Mas, até então, Daniel nunca tinha sido agredido, isso porque nessa época a hostilidade não encontrava palavras ou qualquer desculpa para se manifestar. Daniel não sabia disso, mas o fato era que no ensino fundamental ele não era considerado apenas inteligente, como também bonito. O menino sempre havia sido o mais alto da turma, mas nunca ficou magro demais ou desajeitado, seus traços eram precocemente masculinos, o nariz era esculpido como o de uma estátua grega e seu queixo era marcante, dando-lhe um aspecto de força, ao mesmo tempo em que ostentava cabelos castanho-claros com reflexos naturais. As coisas começaram a mudar quando dona Fedra, avó de Daniel, morreu.

Catarina e Glauco, os pais do menino, eram dedicados, mas trabalhavam fora o dia inteiro e Daniel praticamente havia sido criado por dona Fedra. Ele não havia percebido ainda que esse era o motivo, mas Daniel começou a comer mais do que de costume, principalmente doces e chocolates, tentando aliviar a dor de sua perda, e ao término do ensino fundamental ele já havia engordado mais de quinze quilos. Em seguida, Glauco tirou o filho de sua velha escola, que não possuía ensino médio, e o colocou no melhor colégio da região que, ainda por cima, apresentava a vantagem de ficar perto da casa do rapaz que havia acabado de completar quinze anos e, portanto, poderia se cuidar sozinho no restante do dia até Catarina retornar do trabalho e preparar o jantar.

Quando chegou ao novo colégio, nenhum dos alunos conseguia perceber seus traços, tudo o que viam eram seus braços cheios, suas bochechas arredondadas e sua barriga saliente. Anísio foi o primeiro aluno que o cumprimentou quando ele chegou à nova escola:

- Como vai, balofo?

E assim começou a nova rotina de Daniel. As aulas haviam começado há apenas um mês e Daniel já havia encontrado todo o conteúdo do cesto de lixo em sua mochila, já tivera seus lápis e canetas roubados e agora havia sido recebido em sala de aula com um tapa na cara. A hostilidade havia encontrado uma voz e uma desculpa para se manifestar e agora, era traduzida na palavra “balofo”. Daniel pensava que os alunos nem ao menos sabiam qual era seu verdadeiro nome ao mesmo tempo em que os professores decoraram depressa e descobriram que ele poderia substituir o silêncio incômodo que pairava em sala por uma resposta correta, após qualquer pergunta que faziam aos alunos.

A aula de física chegou ao fim e os alunos, agora, deveriam se dirigir ao laboratório para a aula de química. Daniel arrumou o material escolar na mochila e separou o livro de química para levá-lo na mão. Fez isso o mais rapidamente possível e seguiu até o corredor. Se tivesse sorte, conseguiria evitar transtornos até chegar ao laboratório, mas não foi dessa vez. Daniel percebeu que dois alunos se apressaram para passar por ele e conforme os rapazes passavam, esbarravam em seus braços com trancos violentos. Daniel parou. Um terceiro aluno esbarrou com força em suas costas e em seguida foi a vez de Anísio fazer o mesmo. Os quatro rapazes que passaram, pararam diante dele, três deles estavam tentando conter os risos, mas Anísio parecia estar sério, com uma expressão agressiva e olhos violentos.

Anísio era muito magro, de estatura mediana, cabelos ruivos encaracolados e rosto sardento. Sua postura era curvada e desleixada e Daniel o achava feio como o próprio demônio, não seria difícil fazer piadas com a sua aparência ou com sua falta de criatividade e Daniel não conseguia entender por que toda a sala parecia gostar dele. Os quatro rapazes parados no corredor se aproximaram de Daniel, enquanto os outros alunos passavam pelas laterais ou paravam mais adiante para assistir à cena. Por fim,

Anísio falou:

- Você está atrapalhando a passagem, balofo. Você tem que sair por último, já que ocupa quase o corredor inteiro.

Anísio deu um tapa no livro que estava nas mãos de Daniel e jogou-o no chão. Daniel olhava para Anísio com uma expressão séria enquanto tentava entender o por quê de tudo aquilo. Sem dizer uma única palavra, olhava também para os outros três rapazes que riam parados atrás do rapaz ruivo, eles eram inexpressivos, Daniel não sabia nem ao menos seus nomes, eram apenas um coletivo sem alma ou características próprias e seus rostos eram tão comuns que poderiam ser esquecidos de um dia para o outro. Anísio continuou falando:

- Seu livro caiu, balofo. A gente espera você pegar.

Depois continuou repetindo como se uma euforia alucinada tivesse tomado conta dele: “Pegue o livro, vai, pegue o livro. O que você vai fazer? Vai chorar, balofo? Vamos, pegue o livro”. Daniel permanecia parado, olhando nos olhos de Anísio, aguardando o desfecho da encenação. Obviamente, ele não abaixaria para apanhar o livro, não apenas para evitar ser humilhado e manter sua dignidade, mas também porque duas horas atrás ele havia tomado um tapa no rosto no momento em que se erguia depois de amarrar os cadarços. Dessa vez, poderia ser um chute. Daniel sentia como se os quatro rapazes fossem atacá-lo fisicamente a qualquer momento, então ele estufou o peito e se pôs ereto com os punhos secretamente cerrados.

Em meio a sua histeria, Anísio empurrou o peito de Daniel, mas ele não se moveu. O rapaz ruivo parecia surpreso, ele esperava que Daniel tivesse caído com o empurrão, mas para quem via de fora, parecia óbvio que isso não aconteceria. A postura e o volume dos dois rapazes faziam com que Daniel parecesse ter quase o dobro do tamanho de Anísio. Mesmo assim, com seus modos alucinados, Anísio tentou mais uma vez, ao mesmo tempo em que olhava para trás de quando em quando, esperando que os três colegas às suas costas o ajudassem a subjugar Daniel, mas os três limitavam-se apenas a rir e nesse momento estavam gargalhando. Ao perceber a situação, Anísio também começou a rir e os quatro seguiram através do corredor em direção ao laboratório enquanto a sirene soava, convocando a turma para a próxima aula.

Daniel ficou parado ainda por alguns segundos aguardando que seu coração, que havia disparado, se acalmasse. Jeniffer se aproximou dele, apanhou o livro no chão e o entregou a Daniel, dizendo:

- Esse sujeito é meio maluco, não é?

- Obrigado.

Daniel respondeu sem olhar nos olhos da moça. Ele estava vermelho como um tomate. Depois colocou o livro contra o peito e seguiu apressadamente pelo corredor, mas não entrou na porta que dava para o laboratório, ele precisava de ar.

Capítulo II – A mestra

Daniel sentou-se em um banco de madeira no corredor, além das salas de aula, próximo às salas administrativas do colégio. Tudo parecia silencioso e vazio. Ele não gostava de perder aulas. Tinha a sensação de que quando perdia uma aula, perdia também uma parte da sequência de todo o conteúdo, e isso era difícil de recuperar, mas ele não se sentia em condições de assistir à aula de química no laboratório. Estava angustiado e sentia um cansaço estranho, como se estivesse ficando doente e não aguentasse mais se manter em pé.

Daniel gostava de estudar, gostava de saber como o mundo funcionava e não estava no colégio à toa. Ele sonhava em passar no vestibular, cursar uma boa faculdade, trabalhar em algo interessante e de sua escolha ao invés de pegar qualquer trabalho medíocre que lhe fosse oferecido só para não morrer de fome. Ele não conseguia entender o que havia de errado nisso, não conseguia compreender por que os outros alunos implicavam com ele, que não estava fazendo mal a ninguém. Ele retirou um bolinho recheado de dentro de sua mochila, abriu a embalagem com a mesma habilidade de quem descasca uma banana e enfiou o doce quase inteiro na boca. Sentia-se melhor quando comia, como se um peso que pressionava constantemente seu peito diminuísse. Enquanto ainda sentia o creme de chocolate em sua boca, olhou para si próprio, sentia-se monstruoso como se fosse uma criatura deformada e deficiente.

Daniel colocou o rosto entre as mãos e permaneceu assim por um instante tentando encontrar uma saída para sua situação. Quando voltou a abrir os olhos percebeu que havia alguém sentado a seu lado. Era uma senhora de cabelos brancos presos em um coque por dois palitos, era bastante baixinha, e vestia-se de forma modesta. Daniel não conseguia distinguir ao certo sua nacionalidade ou sua idade observando seus traços. Ela não tinha rugas ou marcas de expressão, apenas cabelos muito brancos e um olhar antigo, difícil de descrever ou decifrar. Daniel ficou parado por alguns instantes observando o rosto da mulher até perceber que ela também estava olhando fixamente para ele. Ao notar que os dois se encaravam mutuamente, Daniel corou e baixou a cabeça como se estivesse se desculpando. A mulher começou a falar sem se apresentar como se fosse uma amiga de longa data:

- Você não deveria estar na aula?
- Eu não estou me sentindo bem.

Daniel não estava mentindo, realmente não se sentia bem, apesar de seu problema não ser físico. Ele imaginava que aquela senhora fosse uma professora que acabaria levando-o à enfermaria, ou ofereceria uma aspirina e o colocaria de volta na sala. Mas, de qualquer forma, a resposta impediria que ela o repreendesse por não estar assistindo à aula. A senhora olhou para a parede à frente e, diferentemente do que Daniel esperava, apenas continuou falando:

- É difícil ter a sua idade. A sociedade que convive com você ainda não está civilizada...

Daniel imaginou que a senhora estivesse divagando e falando de forma genérica e, por isso, não estranhou o comentário. Ele geralmente se sentia pouco à vontade na presença de estranhos, isso não aconteceu dessa vez, Daniel não entendia por que, talvez a senhora lembrasse sua avó, e ele sentiu-se muito à vontade perto dela a ponto de desabafar:

- Nem me fale... Na maior parte do tempo não dá para entender o que os outros esperam de nós... Os alunos da minha sala me odeiam, sabia?

- É mesmo? Todos os alunos?

- Sim.

- Você deve ser uma pessoa terrível para irritar toda essa gente. Sua sala tem quantos alunos? Uns cinquenta? O que você fez?

- Não, eu não fiz nada.

- Então, eles devem ser todos malucos, odiando uma pessoa assim sem mais nem menos...

- Eles me odeiam porque eu sou gordo.

- Você não é tão gordo... Não a ponto de se odiar, se é que cinquenta alunos podem ter fobia de gordos, todos ao mesmo tempo. Eles odeiam gordos, assim, no geral?

Daniel achou estranha a forma como a senhora falava, frases rápidas, um pouco insanas e cheias de perguntas sem muito sentido, mas ele acabou se lembrando de Horácio, o garoto que se sentava na última carteira do canto. Horácio também era gordo, aliás, mais gordo que Daniel, mesmo assim, ninguém o incomodava, na verdade ele estava sempre cercado de colegas e todos pareciam muito felizes perto dele. Daniel olhou para a senhora com uma expressão de estranheza no rosto e respondeu:

- Não, eles não odeiam todos os gordos... Só odeiam a mim.

- Então, não acho que seja porque você é gordo. Afinal, por que alguém odiaria outra pessoa só porque ela é gorda? Você tem certeza de que não cometeu algum pecado terrível?

Daniel riu. Realmente não fazia sentido, ele não era má pessoa, na verdade, era incapaz de machucar uma mosca. Ele começou a sentir-se melhor, de repente uma parte da tristeza e do cansaço haviam diminuído, então ele continuou a responder:

- Tenho certeza que nunca fiz mal a nenhuma criatura viva. Acho que eles também não gostam de mim porque eu estudo demais... Eu sou um sabichão...

- É estranho alguém ser odiado por isso. Muitos estudiosos dedicam suas vidas a encontrar a cura para o câncer e outras doenças, ao progresso da humanidade, às descobertas tecnológicas, assim como à criação dos brinquedinhos que essa garotada adora usar, como celulares e computadores. Por que eles odiariam alguém que um dia irá mudar tudo que eles conhecem para melhor?

- Isso eu não sei responder... Às vezes eu penso que talvez eu devesse mudar, talvez eu devesse estudar menos, ficar na média...

- Nunca diga isso outra vez, seria uma grande perda para a humanidade...

“Uma grande perda para a humanidade.” Daniel riu, mas a senhora parecia muito séria. Depois ela olhou para o rapaz com doçura e falou:

- Não acredito no que você diz. Não acho que todos os cinquenta alunos da sua sala odeiem você.

- Na verdade, um deles me odeia mais que todos os outros, mas todos o apóiam.

- E como você sabe o que todos os outros pensam?

- Eles riem quando esse garoto me agride.

- O ser humano é realmente estranho. Para acharmos graça quando alguém cai basta saber que a pessoa vai sobreviver. Ficamos mais preocupados quando se trata de um amigo, mas não ligamos muito para o que acontece a um forasteiro...

- Eu acho que não tenho amigos.

- Então você é um forasteiro. O garoto que persegue você, ele não faz isso por um motivo em especial, por algo que você é ou tenha feito, ele persegue você porque ele precisa perseguir alguém e você é uma presa indefesa porque está sozinho.

- Por que ele precisa perseguir alguém?

- Porque ele não é bom em mais nada, isso é tudo o que ele sabe fazer e como todos nós, ele precisa de atenção. Na verdade, eu sinto mais pena dele do que de você.

- Como assim?

- Quando esta fase acabar e ele entrar no mundo de pessoas mais civilizadas ele ficará perdido. Enquanto você, só precisa fazer amigos.

- Eu não consigo fazer amigos. Eu sou muito tímido.

- E do que você tem medo?

- Eu não tenho medo. Eu só tenho vergonha.

- Você se preocupa com a opinião dos outros, se preocupa com o que vão pensar sobre você e acaba escondendo quem você é, mas o ser humano não gosta de respostas lacônicas. Se não sabemos a respeito de algo, ou alguém, tentamos adivinhar, preenchemos os buracos com nossas próprias respostas e as respostas geralmente não são apenas erradas como também são baseadas no medo que temos do desconhecido. Se você deixar que os outros respondam quem você é, a resposta nunca será muito boa.

Daniel sentiu-se incomodado. Alguma coisa no que a senhora falava parecia obrigá-lo a lutar, a mudar seus modos e sua vida, então ele respondeu se defendendo:

- Mas você fala como se a culpa fosse minha. Eu não tenho culpa por estar sendo agredido. Como você pode ter pena do Anísio, ele é quem tem de mudar. Os outros têm que mudar. Eu já falei que não sou má pessoa, será que isso não basta?

- O mundo não costuma ser justo, mas não podemos mudar o mundo, não temos o poder para controlá-lo, só o que podemos mudar é a nós mesmos e nada mais. Não temos como impedir a existência de ladrões, só o que podemos fazer é trancar nossas portas. Não importa o quanto você reclame, não importa se você gritar ou espernear, as coisas não vão mudar enquanto você não mudar. Só o que você precisa é de coragem.

“Coragem.” A senhora tinha razão. Daniel imaginou-se sendo mais corajoso, ele imaginou que no momento em que Anísio o empurrou ele deveria ter revidado, deveria ter empurrado de volta. Ele imaginou a cena: se ele tivesse empurrado Anísio poderia tê-lo arremessado longe. A sensação era boa, mas a imaginação de Daniel era rica e saía de controle, logo ele pensou que o garoto poderia ter batido com a cabeça no chão, sim, era isso o que aconteceria, depois do baque ele não se levantaria. Daniel

imaginou uma auréola de sangue se formando ao redor da cabeça do garoto, sangue para todos os lados. Se ele tivesse revidado, Anísio poderia estar morto agora. Daniel sentiu-se incomodado, essa ideia não o agradou e sem entender por que, ele começou a sentir pena de Anísio e medo do sangue que escorria em sua visão. A senhora interrompeu os pensamentos do rapaz, dizendo:

- Não é a esse tipo de coragem que eu me refiro. Não tem nada a ver com o que você está pensando. Aliás, bater em alguém tão menor que você, menos esperto que você e menos equilibrado que você, seria covardia, você não acha? Foi por isso que você nunca revidou. Seria muito fácil para você humilhar aquele garoto, você tem mais vocabulário, mais imaginação, mas também sabe que isso não resolveria. Você transformaria a provocação em uma briga, ofenderia os que se identificam com os problemas dele, pareceria arrogante e violento. Você não faz essas coisas porque elas não se parecem em nada com quem você é.

Daniel saltou do banco assustado. Ele percebeu que a mulher ao seu lado o conhecia. Parecia que o observava há muito tempo, mas principalmente, conhecia seu interior. Ele estava pálido quando perguntou:

- Como você sabe no que eu estava pensando? Quem é você?

- Eu sou apenas uma espécie de conselheira, Daniel. Estou aqui para ajudar você a descobrir quem você é até o ponto em que você consiga deixar as outras pessoas conhecerem você. Se você não aprender a lidar com o ser humano, nenhuma de suas habilidades terá valor, porque você não saberá mostrá-las, e se você não aprender a amar o ser humano, nenhuma dessas habilidades será usada para o bem da humanidade. Sua natureza é muito boa, então isso seria um desperdício, você não acha? Eu sou conhecida como mestra Gaila. Mas não é importante saber quem eu sou, o importante agora é saber quem você é.

- Parece que você sabe muito bem quem eu sou. Não me lembro de ter falado meu nome. Da onde você me conhece?

- Eu conheço uma porção de coisas... Sou mais velha do que pareço... Mas a questão aqui é que você parece precisar de coragem. E eu sei onde e quando você poderá encontrá-la.

- Eu não compreendo... O que você quer comigo?

- Eu estou aqui para ajudar você.

- E o que você quer em troca?

- Nada. Eu gosto do ser humano. Estou ajudando você para ajudar a humanidade.

Daniel ficou em silêncio. Ele não conseguia entender nada do que mestra Gaila estava falando. Ele teve medo. Aquela mulher poderia ser uma maluca e parecia estar seguindo seus passos. Ele se afastou um pouco mais quando mestra Gaila abriu as mãos e exibiu um objeto estranho. Era circular e lembrava um relógio de bolso, apesar de ser um pouco maior e não possuir ponteiros. O mecanismo dourado, feito de metal e peças transparentes, tinha inscrições ao longo dos círculos e engrenagens que podiam ser vistas em seu interior. Lá dentro, três rodas de tamanhos diferentes se moviam em velocidades diferentes, passando umas pelas outras e circulando ao redor das engrenagens. Ao perceber o espanto do rapaz, mestra Gaila sorriu calmamente e disse:

- Este é um presente para você. Esse relógio é chamado de “Rodas do Tempo”. É um quebra-

cabeça e precisa ser decifrado. Quando você conseguir montá-lo, estará pronto.

Ela depositou o objeto sobre o banco, se levantou e seguiu através do corredor. De onde estava, Daniel a observava com curiosidade, enquanto evitava fazer movimentos bruscos, até ver a senhora dobrar o corredor, entrando pela passagem que dava para a porta de saída do colégio. Daniel sentou-se novamente no banco de madeira e segurou o objeto deixado por mestra Gaila.

Ele sentiu entre seus dedos que na parte inferior, fora do relógio, as três rodas estavam representadas da mesma forma que na parte de dentro. Mas antes que ele pudesse mexer no mecanismo para compreendê-lo, as três rodas de dentro do relógio se alinharam perfeitamente. Daniel ouviu um som como o de três guizos e o mecanismo em suas mãos parou.

Daniel sentiu que o banco embaixo de si estava se movendo, apesar de não sair do lugar. Ele achou que estava tonto, sentindo vertigens, e conforme o banco acelerava através de um buraco que se abriu embaixo de seus pés, Daniel se segurou instintivamente. Logo parecia que ele estava atravessando o espaço em um raio que formava uma trilha luminosa e que o banco onde estava acelerou até atingir uma velocidade próxima à da luz.

O medo que Daniel sentia o havia paralisado e emudecido, mas ao perceber a velocidade em que estava, ele começou a gritar. Daniel não podia ouvir seus próprios gritos porque, na velocidade próxima à da luz, o som se tornava lento demais para acompanhá-lo. No tempo que se seguiu, a mente do rapaz tornou-se lúcida da mesma forma que acontece quando estamos próximos da morte. Ele pensou que havia ficado louco, achou que estava alucinando e pensou em Einstein. Quando era apenas um menino, Einstein sonhou que estava em um trenó que seguia pelo espaço em uma velocidade próxima à da luz e isso lhe permitia viajar no tempo. Toda a Teoria da Relatividade foi baseada na obsessão de Einstein por esse sonho, e, agora, Daniel sentia como se estivesse percorrendo esse mesmo caminho, mas aquilo não se parecia em nada com um sonho comum.

O banco começou a desacelerar, as imagens confusas e luminosas que giravam ao seu redor começaram a se tornar nítidas até que ele pôde perceber o Planeta Terra abaixo de si e as estrelas ao seu redor. Antes que o banco desacelerasse por completo, Daniel foi acometido pela sensação de queda e em uma fração de segundos parecia já ter pousado em um pátio com piso de pedra polida.

Capítulo III – O templo Shaolin

Daniel, por fim, ouviu seus próprios gritos e eles ecoaram alto através do pátio e foram ouvidos além das construções que o cercavam. Ele ainda demorou alguns segundos antes de parar completamente de gritar, ao mesmo tempo em que agarrava o banco embaixo de si. Em sua mão direita estava o relógio e ele o agarrava com tanta força, que faria qualquer objeto mais frágil se quebrar, como se aquilo pudesse salvar sua vida. Ao seu redor, o colégio havia desaparecido. Ele se levantou devagar do banco onde estava sentado. Suas pernas estavam fracas e trêmulas. O banco de madeira se desfez em pó diante de seus olhos e um vento forte levou seus restos para longe, espalhando-os por todo o pátio. O piso abaixo dos seus pés parecia estar coberto por ardósia e duas grandes flores haviam sido esculpidas no chão em alto-relevo.

À sua frente havia uma construção. A casa era vermelha com detalhes em pedra acinzentada. Na frente da grande porta dupla de entrada havia uma escadaria e abaixo dela, duas estátuas estilizadas de leões guardavam o lugar. O telhado da casa era sinuoso e coberto com pedras verde-escuras, um típico telhado de pagode chinês. Daniel estava assustado, mas por algum motivo, ele não se sentia perdido. Sentia como se já conhecesse aquele lugar, como se fosse uma recordação longínqua de sua infância. Aquele era o Templo Shaolin, na província de Henan. Mesmo aturdido, Daniel entendeu que estava no coração da China, mas não conseguia entender por que tinha a sensação de conhecer o lugar e como sabia exatamente onde estava, já que ele nunca tinha viajado para fora de seu país de origem. Ele falou baixinho para si mesmo:

- Devo estar sonhando. Acho que vi esse lugar em algum filme ou documentário na televisão.

Um pensamento estranho tomou sua mente nesse momento, era como se houvesse uma discussão acontecendo dentro de sua cabeça e subitamente ele soube. A televisão estava longe de ser inventada, simplesmente não existia. Daniel não havia apenas viajado no espaço, mas também no tempo. Estava em meio à Dinastia Sui e o imperador era Yang Chien. Pensou nesses dados como quem se dá conta de uma data. Aquele era o ano 3.308 do calendário chinês, ano da cobra, mas Daniel não conseguia calcular a data segundo o calendário ocidental cristão, aliás, Daniel sentia como se o Ocidente fizesse parte de uma outra dimensão, como se fosse um outro mundo, separado do lugar e do tempo em que vivia agora.

Suas pernas fraquejaram de vez e Daniel sentou-se no chão. Ele pensava que só podia estar sonhando, mas algo parecia errado com esse pensamento. Geralmente, quando sonhava, ele podia ver uma imagem de si mesmo e quando se dava conta de que estava sonhando, a descoberta lhe parecia óbvia, como se ele pudesse perceber algo como uma névoa que se sobrepunha às imagens, e isso não estava acontecendo agora. Sua mente estava lúcida e tudo parecia real, concreto e nítido. Ele podia sentir o sol aquecendo sua cabeça e observar as sombras que se projetavam nas árvores próximas.

Ele olhou para suas próprias mãos e tomou um susto. Aquelas não pareciam ser suas mãos. Seus dedos estavam mais finos e calejados. Suas roupas também haviam mudado. A camiseta branca com o emblema do colégio, a calça jeans e os tênis deram lugar a túnica, calças largas e sapatilhas. Suas vestimentas eram alaranjadas e simples. Daniel estava em choque. Havia menos de quinze minutos, ele estava no colégio, vestindo a camiseta do uniforme e sentado em um banco de madeira. Ele olhou para cima e percebeu que uma dezena de homens, rapazes e meninos o cercava. Todos estavam vestidos com roupas parecidas, mas os tons de alaranjado variavam entre o amarelo e o abóbora, e todos eles tinham a cabeça raspada. Um deles falou:

- O que houve? Você está bem, Jian Shi? Ouvimos um grito e, quando chegamos, você parecia estar perdido, olhando para suas próprias mãos.

Daniel ouvia essas palavras em mandarim arcaico. Podia distinguir o sotaque, as entonações, o som era nítido e ele conseguia compreender o significado perfeitamente, como se o mandarim sempre tivesse sido sua língua natal. Quem falava com ele era um menino chinês, seu nome era Chao Hong, devia ter aproximadamente treze anos de idade e era um estudante do templo. Daniel sentia que o conhecia, mas o nome que Chao Hong chamava não era Daniel e sim, Jian Shi. Daniel sabia que Chao estava falando com ele e nesse momento se deu conta de que já não era mais Daniel. Seu nome agora era Jian Shi, sempre fora Jian Shi, mas ao mesmo tempo, ele não deixava de ser Daniel. Havia duas almas habitando o mesmo corpo e ele era duas pessoas ao mesmo tempo, Daniel e Jian Shi. Ele respondeu em mandarim impecável enquanto apalpava o próprio rosto e percebia sua cabeça raspada:

- Não, eu não estou bem. Eu estou sonhando...

Um velho de cabeça raspada, bigode e cavanhaque muito brancos, riu. Aquele era o mestre Cheng Zhi. E todos pareciam olhar para ele atentamente como se aguardassem uma lição:

- O jovem discípulo Jian Shi está vivendo o dilema de Chuang Tzu, não sabe se é um monge que sonha que é uma borboleta ou se é uma borboleta que sonha ser um monge.

Os monges em volta riram e Daniel baixou a cabeça, desconcertado. Mesmo ali, em um lugar distante, personificado em outra pessoa, e mesmo sendo ou não um sonho, ele sentia que ainda servia de chacota para as pessoas ao seu redor. Chao Hong, no entanto, parecia preocupado e falou:

- Mestre, ele não parece estar brincando. Acho que Jian Shi está com algum problema. Talvez tenha batido a cabeça ou algo assim.

O mestre Cheng Zhi olhou para Chao Hong e depois para Daniel com ternura e falou:

- Não acho que Jian esteja brincando, Chao. Me parece que o jovem discípulo se perdeu em suas meditações e agora está confuso em seu caminho de volta. Mas para o dilema de Chuang Tzu só existe uma solução: Quando você for uma borboleta, viva como uma borboleta e quando voltar a ser um homem, simplesmente seja um homem. Afinal, não seria apropriado para um homem tentar se portar como uma borboleta.

O mestre Cheng Zhi se afastou olhando as nuvens brancas que pareciam boiar no céu azul. O grupo se dispersou, cada um deles havia interrompido alguma tarefa para verificar de onde vinha o grito e, ao perceber que Daniel estava bem, os monges agora retornavam a seus afazeres. Chao Hong ficou para trás e estendeu a mão para Daniel, que aceitou o gesto levantando-se do chão. A sua volta, um imenso pátio abrigava jardins nos seus grandes canteiros. Tudo exalava paz. Uma grande escadaria, separada por três lances de escada, dava para um segundo pátio onde Daniel podia ver outra dezena de monges praticando o Toi Cha, uma série de movimentos coletivos simulando as posições em uma luta de Kung Fu ou wushu, que significa “a arte da guerra”. Além do pátio abaixo, havia as muralhas do mosteiro.

Daniel parou por um momento observando a coreografia executada pelos monges Shaolin lá embaixo, ele sentia como se já houvesse observado essa cena uma centena de vezes. Aquilo fazia parte da rotina do templo, mas, apesar de sentir que a cena era rotineira, Daniel não pôde deixar de se encantar. A sensação era a mesma que sentimos quando subitamente apreciamos algo que possuímos há

muito tempo, ou como quando encontramos um objeto perdido e muito querido. Os monges Shaolin se moviam de forma extraordinariamente rápida e precisa. Todos juntos, como se estivessem em um balé ensaiado à exaustão.

Além dos muros que cercavam o lugar, Daniel pôde ver a montanha Song verdejante no horizonte além do vale e impondo-se acima do templo. Ele deu alguns passos em direção à montanha. Por alguns momentos se esqueceu de sua situação e de seus problemas, mas o deslumbramento causado pelo lugar durou pouco. A sensação de tranquilidade que os jardins e árvores nos canteiros ordenados transmitiam foi substituída por uma inquietação impossível de se ignorar. Daniel pensou que deveria voltar para casa, imaginou que seus pais logo ficariam preocupados com ele. Depois ele apalpou seu próprio corpo e verificou mais uma vez que aquele não era seu corpo original. Ele não estava mais acima do peso, seu corpo magro ostentava músculos que se mantinham firmes mesmo quando relaxados. Como ele poderia voltar para casa? Sua aparência estava completamente diferente e seu mundo nem ao menos existia na época em que ele estava agora. Daniel trazia no rosto uma expressão de extrema aflição quando sentiu Chao Hong tocar seu ombro. O menino ainda estava lá, ao lado dele, e falou:

- Você tem que se apressar ou vai perder sua aula.

Chao Hong se mantinha sempre leal. Ele ainda não havia se tornado um discípulo do mestre Cheng Zhi como havia acontecido com Jian Shi recentemente, era apenas um estudante comum do templo, que abrigava pouco mais de cento e cinquenta monges dentro de seus muros. Destes, apenas trinta estavam habilitados para aprender wushu. Mas Chao Hong ainda se considerava como o irmão mais novo de Jian Shi, assim como foi designado quando Chao chegou ao templo com apenas oito anos de idade e Jian ainda era um estudante.

Jian ajudava Chao em seus estudos de caligrafia, os dois carregavam água juntos, cuidavam da horta, confeccionavam cestos de palha e vasos de cerâmica, cozinhavam, aprendiam filosofia e história no templo e, na condição de monge mais experiente, e sendo cerca de dois anos mais velho, Jian passava seus conhecimentos para Chao da melhor maneira possível até algumas semanas atrás, quando Jian Shi foi promovido a discípulo. Agora ele dedicaria todo seu tempo ao estudo da medicina e de wushu pelo menos pelos próximos quatro anos antes de avançar para a graduação seguinte, mas, mesmo depois de se distanciarem na hierarquia do templo, os dois continuavam a ser amigos.

Daniel não sentia por Chao Hong o mesmo que Jian Shi. Ele possuía o cérebro do monge Shaolin, mas não seus sentimentos. Mesmo assim, por causa de suas lembranças a respeito do caráter do garoto que estava a seu lado, Daniel entendia que devia confiar em Chao Hong. Daniel percebeu que mantinha as “rodas do tempo” em sua mão. Os três círculos de dentro do relógio voltaram a se mover no momento em que Daniel chegou ao templo. Ele pensou na conversa que teve com a senhora que havia se sentado a seu lado há alguns minutos atrás. “É um quebra-cabeça e deve ser decifrado. Quando conseguir montá-lo, estará pronto”. A chave para voltar para casa estava ali, em suas mãos. Tudo que ele tinha de fazer era descobrir como o relógio funcionava. Ele observou o mecanismo que controlava as rodas internas na parte de trás do relógio e percebeu que levaria algum tempo antes de obter respostas sobre o funcionamento. Chao Hong chamou mais uma vez parecendo impaciente e preocupado:

- Jian Shi! Você tem que se apressar. Se você não cumprir suas obrigações pode ser rebaixado. Pode deixar de ser um discípulo e voltar a ser um estudante. Você ainda nem conseguiu sua faixa preta de discípulo, ainda está em fase de avaliação...

Daniel olhou para Chao Hong por um momento sem saber o que responder. Sua prioridade era voltar para casa, mas ao mesmo tempo, ele sentia que não tinha o direito de prejudicar o monge Jian Shi, que lhe emprestara o próprio corpo juntamente com suas lembranças. “Quando for uma borboleta, aja como uma borboleta”. Finalmente Daniel se decidiu e falou para Chao Hong com convicção:

- Chao, eu estou com sérios problemas, mas você tem razão, eu não posso deixar de cumprir minhas obrigações no templo. Minha vida depende de você fazer o favor que eu vou pedir a você. Leve esse mecanismo até meu quarto e o esconda dentro do meu baú, embaixo das minhas roupas.

- O que é isso?

- Nem eu sei ao certo. Mas é muito importante que fique seguro e escondido. Não mostre a ninguém, nem mesmo aos mestres. Essa é uma questão de vida ou morte. E não mexa nele, acho que pode ser muito perigoso.

Chao Hong empalideceu ao ouvir as palavras de Daniel, assentiu com a cabeça e começou a se mover com a intenção de cumprir sua tarefa, mas antes de se afastar completamente, Daniel chamou:

- Chao, eu estou confuso, para onde eu devo ir?

Chao Hong estava quase chorando ao responder, percebendo a desorientação de seu amigo:

- Agora você tem aula de Zhen (acupuntura), com o mestre Ayra. Você se lembra onde fica?

Daniel sorriu para tentar tranquilizar o garoto e acenou com a cabeça dizendo:

- Sim, não se preocupe comigo. É claro que eu me lembro.

Daniel observava Chao Hong se afastando e olhou ao redor antes de se dirigir à entrada do templo para se encaminhar à sala de aula. Parado em pé, em uma ilha de pedras no meio do jardim, estava o mestre Cheng Zhi. Seu ar era distraído, mas Daniel percebeu que o mestre o observava e pela primeira vez em toda sua vida, desde que acolheu seu discípulo ainda bebê, Cheng Zhi viu Jian Shi corar.

Daniel atravessou o primeiro portal e em seguida entrou no templo. O interior era iluminado de forma tênue por candeeiros parecidos com grandes vasos de cerâmica brancos folheados com detalhes dourados. Estátuas de Buda em jade ladeavam os monges que meditavam em silêncio e as paredes eram cobertas por pergaminhos com figuras estilizadas de animais. Nos pergaminhos podia-se identificar as figuras do tigre, da garça, do macaco, da serpente, do louva-a-Deus e também podia-se observar, em lugares de destaque, a figura de Bodhidarma, o monge hindu que trouxe a cultura Zen à China e ensinou aos monges os fundamentos do Kung Fu, que evoluiu misturando-se ao jogo dos cinco animais. Próximo à parede frontal do templo havia um altar, ostentando uma imagem do Buda do futuro (Maitreya) fundida em ouro maciço, e no centro, um enorme incensário esculpido em pedra escura e com inscrições douradas.

Daniel sentiu-se tentado a observar o lugar com calma. As memórias de Jian Shi, que povoavam sua mente, estavam repletas de informações sobre aquele lugar, mas para Daniel, aquelas pareciam lembranças longínquas que precisavam ser reavivadas. No entanto, ele sabia que não podia se deter ali. Passou rapidamente pelo templo e saiu por uma passagem lateral que dava para as instalações construídas no mesmo estilo do templo onde havia os refeitórios, as cozinhas, os dormitórios e por fim ele avistou a sala onde deveria assistir à aula do mestre Ayra.

Ao entrar no local, a turma formada por cinco monges e o mestre já estava posicionada ao redor do paciente. O paciente era um homem seminu que estava deitado de bruços em uma esteira coberta por tecidos brancos, o local era claro e parecia extremamente limpo. Mestre Ayra era muito mais jovem que o mestre Cheng, ele era rechonchudo, totalmente careca e estava vestido com uma túnica branca. Ele estava sentado ao lado de um fogareiro aceso e com todos os seus instrumentos já organizados a seu lado. O mestre lançou sobre Daniel um olhar de desaprovação por seu atraso. O jovem no corpo de Jian Shi abaixou a cabeça humildemente, desculpando-se enquanto fazia o cumprimento Kin Lai, colocando sua mão direita em punho simbolizando o sol, contra sua mão esquerda em palma simbolizando a lua. O mestre fez um gesto aprovando a entrada do discípulo e Daniel sentou-se em uma pequena esteira no chão ao lado de Ming, uma das poucas moças entre os monges do templo.

Ming era sobrinha e discípula do mestre Cheng Zhi, estudava no mosteiro desde menina sob seus cuidados e foi designada como irmã mais velha para Jian Shi quando o garoto passou de aluno a discípulo há algumas semanas. A moça tinha dezesseis anos e era apenas um ano mais velha que Jian, mas sua habilidade em wushu superava em muito a do rapaz. Diferentemente dos monges homens, as moças não precisavam raspar a cabeça e Ming usava o cabelo preso por duas tranças enroladas em dois coques atrás da cabeça. Essa era a única característica que a diferenciava dos outros monges, todos com roupas alaranjadas, que estavam sentados em um semicírculo ao redor do paciente enquanto mestre Ayra ensinava sua técnica.

O mestre afastou o cabelo do paciente que estava preso em um rabo de cavalo, pegou um dos pequenos potes de osso e em seguida ateou fogo a um dos palitos, que estava separado próximo ao fogareiro. Mestre Ayra colocou o palito flamejante dentro do pote, esperou alguns segundos até que o fogo se apagasse e em um movimento rápido colocou o pote sobre a coluna do homem estendido sobre os tecidos brancos. Aquela era a técnica das ventosas do Jiu Moxa (longo tempo de aplicação do fogo) e fazia parte da aula de “acupuntura”. Daniel já tinha visto algo parecido com aquilo pela televisão, mas os potes usados na ocasião eram feitos de vidro transparente, o fogo dentro do pote criava vácuo queimando todo oxigênio em seu interior e ao ser aplicado nas costas do paciente, provocava uma sucção.

Daniel não sabia se o mestre conhecia os mecanismos que faziam a técnica da ventosa funcionar, ou mesmo se o tratamento de fato surtia algum efeito, mas ele não estava ali para julgar. Ele ouvia o mestre atentamente, ciente de que estava diante de uma prática milenar executada na sua forma mais pura. Provavelmente, aquela seria uma tecnologia de ponta para tratamento de diversas doenças da época e era muito mais civilizada e, provavelmente, eficaz do que o tratamento com sanguessugas que estariam sendo utilizados nesse momento na Europa. Enquanto o mestre colocava uma série de potes aquecidos nas costas do paciente com uma agilidade surpreendente, ele indicava aos seus alunos os pontos do chi que precisavam ser estimulados naquela situação:

- A energia flui por todo o corpo e esses canais de energia estão ligados entre si e podem ser estimulados quando encontramos seus pontos de acesso que ficam sob a pele, como já vimos na técnica da agulha. Colocando a ventosa nessa posição, podemos estimular o fígado do paciente, neste outro o coração, mas nesse caso, daremos uma atenção especial aos pulmões, já que o ilustre paciente apresenta um ligeiro problema respiratório...

Daniel observava a tudo com curiosidade, mas sua mente estava presa ao objeto que Chao Hong teria guardado em seu quarto. A aula pareceu durar uma eternidade e quando chegou ao fim, já estava na hora do almoço. O estômago de Daniel roncava de fome e ele não pôde evitar seguir com os outros

alunos até o refeitório. Sentado em frente à extensa mesa de pedra, ele aguardou enquanto Chao Hong distribuía os pratos com as refeições para diversos monges ao seu redor. Quando Chao se aproximou, Daniel perguntou:

- Chao, você fez o que eu pedi?

- Claro que sim, Jian Shi.

Daniel sorriu e acenou em sinal de aprovação ao menino. Chao colocou a tigela com lámen em cima da mesa e Daniel olhou com um misto de decepção e repulsa para o prato de macarrão ensopado decorado com o pé de uma galinha que boiava na superfície.

Capítulo IV – As lições do mestre Cheng Zhi

Daniel comeu o lamen o mais rápido que pôde e correu até o quarto de Jian Shi. O grande salão destinado ao dormitório era dividido por tapumes feitos com bambu e papel de seda montados com cola de arroz, o que proporcionava um espaço simples, mas com algum conforto e privacidade para os monges. No pequeno quarto havia apenas uma esteira coberta com tecidos brancos, um travesseiro baixo feito de pano e um baú para roupas. Daniel revirou as poucas roupas que encontrou no baú. Embaixo delas encontrou as “rodas do tempo” exatamente no local em que ele havia pedido para Chao guardar.

Ele olhou fixamente para a estrutura do mecanismo que tinha nas mãos e percebeu que as engrenagens e rodas do relógio haviam se alinhado para formar uma palavra, não estava em mandarim, mas na língua natal de Daniel e agora começava a se desfazer. A palavra era “coragem”. As letras C e G já haviam saído de sua posição original na sequência, mas a palavra ainda podia ser lida no fundo do relógio. Ao passo que as rodas principais iam se movimentando, as letras se moviam devagar e dentro de alguns dias estariam embaralhadas. Daniel tocou as rodas no lado de fora do relógio, que lhe permitiam controlar as três rodas internas. Ele reajustou as rodas fazendo com que elas se alinhassem da mesma forma que estavam no momento em que pegou as “rodas do tempo” em suas mãos pela primeira vez. A palavra coragem surgiu entre as engrenagens, perfeitamente alinhada e podia ser lida com exatidão, mas nada aconteceu. As engrenagens continuavam se movendo e aos poucos as letras C e G saíam de suas posições.

Ele não sabia mais o que fazer. Ficou olhando o relógio por mais alguns instantes até que percebeu alguém se aproximando de sua porta. A silhueta podia ser vista através do papel de seda. Ele guardou as “rodas do tempo” novamente dentro do baú, enquanto Ming corria a porta para o lado e permanecia na entrada do alojamento. A moça Shaolin encarou Daniel com um olhar fulminante e disse:

- Então foi aqui que você se escondeu. O que pretende fazer agora, Jian Shi? Quer se atrasar para as aulas de wushu também? Sou responsável por você. Toda vez que você falha, é como se eu falhasse com você e eu não vou permitir que você manche a minha reputação. Então deixe de ser preguiçoso e desleixado e se apresse.

Daniel se levantou e seguiu a moça. Ele não tinha a intenção de chamar atenção para si naquele lugar e a única forma de fazer isso era seguindo a rotina de Jian Shi. Enquanto caminhava entre os corredores do dormitório e alcançava os pátios externos, Daniel revia as lembranças de Jian Shi como se fossem um filme a que ele havia assistido há muitos anos. Aquela era a primeira vez que o monge havia se atrasado em toda sua vida e Ming nem ao menos se deu ao trabalho de perguntar o motivo. Durante todos os anos em que viveu no templo, Jian Shi nunca havia dado qualquer motivo para ser chamado de preguiçoso ou desleixado e, por isso, Daniel estranhou o modo como Ming falou com ele. Parecia ser demasiadamente ríspido em comparação com a falha, mas Daniel não se aborreceu com a bronca, simplesmente por não levar para o lado pessoal. Ele não sentia nada por Ming. Aquela era apenas uma garota estranha dando uma bronca em alguém que nem ao menos era ele.

Daniel e Ming chegaram à grande sala e sentaram-se sobre os joelhos no chão formando um semi-círculo composto pelos outros quatro alunos que se aproximavam e sentavam-se ao lado deles, os mesmos discípulos da aula de “acupuntura”. Daniel percebeu que mesmo Jian Shi mal conhecia aquelas pessoas. Ele estava naquela turma fazia apenas poucas semanas e eles mal trocavam meia dúzia de palavras entre si. Dentro de poucos minutos o mestre Cheng Zhi entrou por uma outra porta lateral e

sentou na posição de lótus, mantendo os pés sobre as coxas, em uma espécie de almofada grande, que permitia que ele ficasse um pouco acima do nível do chão. Todos estavam em completo silêncio quando Cheng Zhi começou a falar:

- Sun Tzu diz: “Se você conhece o inimigo e a si mesmo, não precisa temer o resultado de cem batalhas. Se você se conhece, mas não o inimigo, para cada vitória sofrerá uma derrota. Se você não conhece o inimigo nem a você mesmo, perderá todas as batalhas.” Wushu não trata de socos e chutes, wushu trata de conhecimento e a primeira coisa a se aprender é sobre você mesmo. Isso inclui o conhecimento sobre seu próprio corpo, seus limites e a superação desses limites.

Mestre Cheng Zhi continuou falando. Ele explicava que nada pode ser conquistado se não houver auto-superação e trabalho duro. Segundo Cheng Zhi, a vida se apresenta em proporcionais quantidades de oportunidades e desafios, mas se não superamos os desafios e não estivermos prontos para agarrar as oportunidades que nos são apresentadas, o equilíbrio é quebrado e passamos a viver sentindo que a vida se tornou uma série de reveses e tropeços. Em seguida, ele passou a falar do chi, a força interior que percorre nosso corpo e pode ser canalizada para aumentar nossa força física e curar. A canalização acontecia quando os monges usavam as técnicas de respiração ensinadas por Bodhidharma. Para demonstrar o que dizia, o mestre chamou Ming. Os outros alunos posicionaram três tábuas de madeira sobre dois tripés. A moça, aparentemente franzina, respirou, se concentrou e com um golpe preciso destruiu os três blocos de madeira colocados sobre o tripé. Cheng Zhi continuou falando:

- Ming tem uma grande força física. Ela carregou água, escalou montanhas e completou todo o treinamento assim como vocês, mas ela é mais forte que qualquer um de vocês discípulos mais novos, porque ela tem uma força que vocês ainda não adquiriram. Ming tem conhecimentos e como irmã mais velha, ela vai me ajudar a transmitir esses conhecimentos a vocês. Só então vocês poderão entender que a verdadeira força não vem apenas dos músculos, mas também da mente.

Daniel estava impressionado. As tábuas que Ming quebrou eram bastante grossas. Ele se lembrou das primeiras imagens que viu quando chegou ao templo, lembrou-se dos monges no pátio externo praticando Kung Fu. Unindo essa força e aqueles golpes, Daniel não precisaria mais suportar os desaforos de Anísio mesmo se ele estivesse acompanhado por outros dez alunos. Aprendendo as técnicas do mestre Cheng, ele seria capaz de bater na escola inteira se fosse necessário. Foi então que ele pensou que estava ali por um motivo. Mestre Gaila provavelmente o havia levado até aquele lugar para que ele aprendesse o Kung Fu e assim pudesse se defender. Seria esse o significado da coragem a que ela se referia.

Um sorriso iluminou o rosto de Daniel, de repente ele imaginou que toda aquela situação fazia parte de um plano e que tudo acabaria bem. Ele imaginou que ficaria ali por alguns dias apenas, ele perderia algumas aulas, seus pais ficariam preocupados com seu desaparecimento, mas quando ele retornasse estaria mais forte, aproveitaria as lições de Kung Fu, as lembranças de Jian Shi sobre o assunto e não haveria mais um grupo de alunos que pudesse humilhá-lo.

Mestre Cheng Zhi continuou sua aula mostrando as técnicas de respiração. Colocou o discípulo Hui para lutar com o discípulo Kun em uma ligeira demonstração e depois deu início ao trecho final da aula. Os seis alunos ficaram em pé em frente a ele e todos teriam de mostrar os dezoito movimentos básicos do tigre ou o Toi Cha do tigre.

Esses eram os movimentos mais básicos de wushu no templo, mesmo os alunos que não eram

discípulos os praticavam e Jian Shi os conhecia de cor. Daniel, que agora possuía o corpo e as memórias de Jian Shi, se lembrava dos movimentos, mas na hora de executá-los sentiu que havia algo errado. Os seis alunos estavam posicionados lado a lado e Daniel estava à direita em relação ao grupo entre Ming e Kun. Todos faziam os movimentos em perfeito sincronismo, Daniel tentava acompanhá-los, mas todos os seus movimentos pareciam estar um segundo atrasados em relação aos dos outros integrantes do grupo. O fato era que os alunos que estudavam no templo desde a infância estavam tão acostumados a praticar aquele Toi Cha que o realizavam automaticamente, enquanto Daniel tinha que pensar no que estava fazendo e se lembrar da sequência antes de executar. Ele pensava antes de esticar os braços, dar socos, chutes, alongar as pernas, posicionar as mãos.

Aquilo parecia um desastre. Daniel não estava acostumado a se sair mal em nada, e isso era uma coisa que ele tinha em comum com Jian Shi. Em suas memórias, ele não conseguia encontrar lembranças de fracassos. Daniel sempre foi o primeiro da classe, o aluno nota dez, e também se saía bem em provas que exigiam força ou coordenação motora. Por isso agora ele se sentia ridículo, tentando fazer algo que todos conheciam tão bem, enquanto ele se movia de forma descoordenada. Quando o Toi Cha acabou, Daniel estava desconcertado e envergonhado. O ligeiro ânimo que sentiu há alguns minutos havia acabado e ele só pensava em sumir dali e voltar para casa, mas o pior ainda estava por vir.

Mestre Cheng Zhi apontou diretamente para ele e chamou:

- Discípulo, venha aqui!

Daniel se aproximou com a cabeça baixa e mestre Cheng Zhi continuou:

- Discípulo, mostre o Taolu do tigre.

Mostrar o Taolu era o mesmo que praticar o Toi Cha, mas individualmente. O mestre queria que Daniel apresentasse os movimentos sozinho. O rapaz entrou em desespero enquanto olhava nos olhos de Cheng Zhi e observava os outros cinco alunos com o canto dos olhos de quando em quando. Ele tentou argumentar baixinho ao mesmo tempo em que ficava vermelho e buscava não gaguejar:

- Mestre, você quer que eu faça uma demonstração agora? Na frente de todo mundo?

- Não, não na frente de todo mundo, só na minha frente e de seus colegas.

- Mas mestre, eu não estou preparado. Eu sei que já mostrei o Taolu do tigre uma dezena de vezes, mas estou com problemas que não tenho como explicar agora e não posso fazer essa apresentação hoje.

Os outros alunos aguardavam em silêncio, mas estranhavam profundamente o comportamento de Jian Shi. Não era normal ver um aluno discutir com o mestre, esse era um comportamento ocidental e era considerado como falta de respeito no templo. Naquele dia, Jian Shi estava irreconhecível, sua aparência era a mesma, mas ele já havia se atrasado para uma aula, parecia ter perdido suas habilidades no wushu e agora estava enchendo o mestre Cheng com desculpas. Ming estava esperando que seu tio explodisse em fúria e repreendesse Jian Shi, mas o mestre parecia calmo e simplesmente perguntou com um esboço de sorriso no rosto:

- Discípulo, eu preciso avaliar você e você precisa fazer o Taolu mesmo que não saia perfeito. Por que você não quer me mostrar a sequência do tigre?

- Eu preciso treinar, está muito ruim.

- E qual o problema?

- Os outros discípulos irão rir de mim.

- E qual o problema?

Daniel não tinha uma resposta para essa pergunta. Rirem dele era o problema em si. Daniel ficou novamente vermelho como um pimentão antecipando a vergonha do fracasso que estava prestes a acontecer, mas mestre Cheng Zhi parecia não entender esses sentimentos e simplesmente repetiu:

- Discípulo, mostre o Taolu do tigre.

Daniel se posicionou em frente à turma na primeira posição com a perna direita esticada e os braços posicionados, mas nenhuma parte do seu corpo parecia firme. Ele sentia suas pernas e braços tremerem conforme ia mudando de posição. Seu lábio superior repuxava involuntariamente enquanto Daniel sentia que mil olhos se voltavam atentamente sobre ele. Os movimentos estavam lentos em comparação com os dos outros alunos e sabendo que todos observavam também sua insegurança, Daniel sentia ainda mais vergonha e isso só piorava ainda mais sua concentração. Logo ele começou a inverter a ordem das posições, a tentativa de consertar o estrago tornava tudo ainda mais desconcertante. Daniel imaginava que sua apresentação nunca seria esquecida, seu fracasso entraria para a história do templo e ecoaria ao longo dos séculos que viriam, mas por fim ele terminou a demonstração do Taolu e seus dezoito movimentos.

Daniel parou com a cabeça baixa em posição de sentido. Ele tremia como se sentisse um frio incontrolável. Os alunos estavam em silêncio e atônitos, mas o mestre quebrou o silêncio de uma forma que Daniel nunca poderia imaginar, ordenando:

- Discípulos, riam da apresentação!

Os discípulos do mestre Cheng demoraram um pouco para assimilar o que foi pedido, mas logo obedeceram e começaram a rir e apontar para Daniel. O rapaz não sabia onde deveria enfiar a cara ao mesmo tempo em que sentia indignação pela atitude do mestre. Que espécie de professor seria esse que apoiaria a humilhação de um aluno? Daniel não sabia mais o que fazer. Pensou em fugir dali, mas imaginou que essa também não seria a atitude mais adequada naquela situação, então, apenas ficou parado imaginando que logo sofreria um ataque cardíaco e se livraria de tudo aquilo. Nesse momento, Cheng Zhi ergueu sua mão em um sinal, os alunos pararam de rir e então, ele perguntou para Daniel:

- E então, qual é o problema de rirem de você? Você está ferido? Sua vida acabou? As estrelas caíram do céu?

- Não mestre. Mas a minha dignidade foi tirada de mim.

- Meu caro discípulo. Ninguém pode tirar sua dignidade, só você pode abandoná-la, mas não se preocupe, você se saiu bem.

Nesse momento Ming deu um passo à frente e falou:

- O fracasso de Jian Shi me envergonha. Me perdoe mestre, eu falhei com você.

Cheng Zhi lançou um olhar triste e desaprovador sobre Ming:

- Ming, não diga bobagens. O discípulo só teria falhado se tivesse desistido. Todos estão

dispensados.

Enquanto os discípulos saíam da sala, mestre Cheng Zhi colocou a mão sobre o ombro de Daniel e continuou dizendo:

- Você não, rapaz. Você vem comigo.

Capítulo V – A mente aberta para o impossível

Daniel estava extremamente chateado. Sentia-se absolutamente inútil. Afinal, logo no primeiro dia como monge Shaolin, mesmo tendo todas as lembranças de um monge que havia estudado para isso desde a infância, ele havia fracassado e seria responsável pelo rebaixamento de Jian Shi de sua posição conquistada a duras penas. Ele sabia que o monge que lhe emprestara o corpo havia se dedicado todos os dias, mantendo um histórico pessoal impecável para estar ali e em poucas horas ele havia estragado tudo e arruinado a vida do jovem discípulo de Cheng Zhi. Daniel seguiu o mestre além dos pátios e sentou-se em frente a ele, embaixo de uma grande árvore retorcida, longe dos olhares curiosos. Ele se preparou para as palavras ásperas do velho mestre, que deveria rebaixar o discípulo fracassado, mas ao invés disso Daniel ouviu Cheng Zhi perguntar:

- Quem é você?

Daniel abaixou a cabeça e imaginou que essa pergunta fizesse parte da bronca que levaria. Ele odiava quando as pessoas o viam cometer algum erro e começavam seu discurso com uma pergunta, do tipo: “por que você fez isso?” Ou “o que deu em você?” Esse é o tipo de coisa quase impossível de se responder. Então ele simplesmente começou a se desculpar:

- Bem mestre, eu sinto muito pela minha apresentação. Não sei explicar o que está acontecendo comigo hoje...

Cheng Zhi interrompeu:

- Não. Eu quero saber qual é o seu nome.

Daniel ficou surpreso. Realmente, o mestre não havia chamado ele de Jian Shi nenhuma vez durante a aula e Daniel imaginava que aquela reação já fizesse parte da decepção que o mestre sentia. Cheng Zhi conhecia Jian Shi desde a infância. Seria possível que ele tivesse esquecido o nome do discípulo? Daniel pensou que aquela pergunta pudesse fazer parte de alguma lição Zen e respondeu:

- Meu nome é Jian Shi.

- Não, não é. Eu conheço Jian Shi e você não é ele. Você chegou aqui hoje de manhã. Encontramos você em frente ao templo dizendo que estava sonhando. Você pensa que está sonhando que é Jian Shi, não é? Então quem é você? Qual é o seu nome?

Daniel ficou surpreso e preocupado. Mestre Cheng Zhi descobriu seu segredo como se ele estivesse estampado em sua testa. Daniel imaginava como seria a mentalidade da época. Provavelmente ele seria considerado um demônio que invadiu o corpo de alguém. O pobre monge Jian Shi passaria por um exorcismo ou seria queimado em uma fogueira, Daniel não sabia qual a consequência de dizer a verdade, mas agora não lhe restava outra alternativa:

- Meu nome é Daniel. Sou de um lugar que vocês não conhecem e venho de um futuro distante. Não sou ninguém importante e não tenho más intenções. Fui mandado para cá contra a minha vontade por uma velha que diz se chamar mestra Gaila. Não sei o que estou fazendo aqui. Eu só quero acordar e ir para casa.

Mestre Cheng Zhi parou por um momento. Parecia meditar sobre a resposta, mas não parecia surpreso. Depois olhou para Daniel e falou:

- A má notícia é que você não está sonhando, Daniel. Por isso, não pode acordar. Você se tornou uma alma perdida e está no corpo do meu discípulo e não vai sair daí até cumprir sua missão. A boa notícia é que eu sei por que você está aqui. Basta olhar para você para descobrir.

Daniel estava confuso. O mestre Cheng parecia ter ouvido sua resposta, parecia ter acreditado nela, mas não parecia estranhar aquele fato tão bizarro. Então, foi Daniel quem se descontrolou:

- Como você pode se manter tão tranquilo? Essa não é a coisa mais esquisita que você já viu?

- Meu caro espírito do futuro, eu sou um monge budista muito elevado. Eu realmente nunca tinha visto nada parecido com isso, mas nós acreditamos na existência da alma e sabemos que o corpo não passa de um recipiente. Acreditamos em encarnações e reencarnações e eu estaria negando a minha fé se me assombrasse diante de um acontecimento como esse mesmo que seja inusitado e incomum. Também acreditamos que tudo acontece com um propósito seguindo as eternas leis de causa e efeito que governam nossas vidas. Se você veio parar aqui, então existe um motivo para isso. Mas me fale mais sobre você. Quem você era na sua outra vida?

- Eu sou só um estudante comum. Tenho a mesma idade de Jian Shi. Não havia nada de excepcional em mim até agora.

- Eu imagino que tenho muito a aprender com você. Existem milhares de perguntas que são feitas e que você deve conhecer as respostas. Mas a prioridade agora é levá-lo de volta para onde você veio e para isso você deve cumprir o que veio fazer aqui.

- E o que é?

- Você precisa se tornar um guerreiro Shaolin.

- Então eu vim mesmo aprender wushu?

- O que você acha que é wushu?

- É uma técnica de luta. Eu preciso aprender a me defender.

- Você já se perguntou por que monges que pregam a não violência estão aprendendo a arte da guerra?

- Sim, isso é estranho.

- O primeiro motivo é porque uma pessoa que não é capaz de se defender não pode ser considerada não violenta, a não violência deve ser uma questão de escolha e não de falta de opção. Nós também temos obrigação de defender o templo que é um lugar rico sustentado pelo imperador e pelas doações de quem vem buscar nossa medicina. O templo precisa ser rico para que o conhecimento adquirido aqui seja mantido e não morra. Mas o principal motivo que torna o aprendizado do wushu no templo indispensável é que o wushu trata de auto-controle, especificamente do controle do corpo pelo espírito. Um monge Shaolin não fica vermelho, não treme e nunca se descontrola. Um monge Shaolin é capaz de controlar seu corpo a ponto de não sentir dor, ele pode controlar seus batimentos cardíacos, suas reações mais primitivas de medo, e em níveis mais avançados, ele pode controlar até mesmo o peso de seu corpo tornando-se pesado como uma pedra ou leve como uma pluma.

Daniel estava animado. Parecia que mestre Cheng Zhi estava disposto a ensiná-lo. Então ele

perguntou:

- O que eu faço para me tornar um guerreiro Shaolin?

O mestre Cheng apontou para uma enorme pedra maciça e escura que havia no centro do pátio e disse:

- Vá até aquela pedra e a insulte.

Daniel não entendeu:

- Mestre, mas de que adianta? A pedra não ouve.

- Então vá lá e chute-a, bata nela com toda sua força. Esmurre-a!

Daniel estava sem graça:

- Mestre, eu ainda não sei dominar o chi e não conheço nenhuma técnica que me faça quebrar uma pedra daquelas. Se eu fizer isso vou quebrar as minhas mãos e pernas.

Então o mestre apontou para um bastão que estava apoiado em uma parede próxima, era um bastão com cerca de dois metros e meio e era considerado como a principal arma Shaolin:

- Pegue aquele bastão e bata na pedra até que ela se quebre.

Dessa vez Daniel obedeceu. Foi até a parede pegou o bastão e usando uma técnica conhecida por Jian Shi golpeou a enorme pedra com toda a sua força. A pedra resistiu sem nenhuma marca do golpe enquanto o bastão se partia nas mãos de Daniel arremessando lascas para todos os lados. Daniel voltou-se para o mestre Cheng Zhi com as mãos doloridas pelo efeito do golpe, e o mestre falou:

- Você estava indo muito bem, mas foi um tolo por me obedecer agora.

- Então, por que você pediu que eu batesse na pedra?

- Porque, meu caro discípulo, quando eu terminar seu treinamento, você será a pedra. Esse é o significado de se tornar um guerreiro Shaolin.

O mestre Cheng Zhi ensinou algumas técnicas de respiração para Daniel. O objetivo era fazer Daniel controlar seus batimentos cardíacos e as reações do seu corpo mesmo sob forte estresse. Ouvindo as explicações do mestre a respeito da meditação, Daniel imaginou que, se um monge fosse bem sucedido nessa técnica, seria capaz até mesmo de passar por um detector de mentiras sem ser pego. O mestre se afastou e deixou Daniel em meditação. O rapaz respirava imaginando que o sangue correndo em suas veias era feito de luz, dessa forma seu coração se iluminava e ele podia vê-lo perfeitamente batendo através de seu peito e assim podia controlá-lo. Daniel ouvia apenas as batidas compassadas de seu próprio coração e assim perdeu a noção do tempo quando foi despertado em um susto. Quando abriu os olhos, viu Chao Hong a seu lado gritando agitado:

- Jian Shi, Jian Shi. Ming falou que você foi rebaixado...

- Acalme-se, Chao. Isso não é verdade.

- Ming está dizendo para todo mundo no templo que você desrespeitou o mestre Cheng e fez o Taolu do tigre todo errado de propósito somente para envergonhá-la e o mestre chamou você para

rebaixá-lo.

Daniel voltou a respirar tentando acalmar seu coração que havia disparado. Ele pensou que Ming era exatamente como Anísio, apesar de agir de forma diferente. Pessoas assim estavam em todos os lugares, sempre centradas em si mesmas e despreocupadas com os sentimentos dos outros. Daniel olhou para Chao com um olhar de tristeza. Jian Shi nunca teria lançado aquele olhar, Daniel era mais sensível:

- Você não deveria ter me contado essas coisas, Chao. O que eu posso fazer com essa informação? Não posso sair daqui e atacar a Ming, isso não traria nada de bom. O mestre Cheng me trouxe aqui para me ensinar algumas técnicas de respiração, somente isso. Mas é verdade que eu não me saí bem apresentando o Taolu do tigre. Eu não sou eu mesmo ultimamente, mas talvez amanhã tudo volte ao normal.

- Desculpe se eu chateeí você, Jian Shi. Achei que você gostaria de saber o que está acontecendo.

Daniel se levantou e colocou a mão sobre o ombro de Chao Hong. O sol começava a se pôr no horizonte por trás das montanhas Song. Daniel sorriu para Chao sentindo que enfim havia encontrado um amigo como nunca tivera antes:

- Não me conte mais quando falarem mal de mim, Chao. Só me aponte no que eu posso melhorar e me defenda quando puder. Eu preciso que você treine o Toi Cha do tigre comigo hoje antes de escurecer. Você faria isso por mim?

Chao Hong assentiu com a cabeça e se posicionou na primeira posição. Ele sabia que havia algo de muito diferente em seu amigo, mas imaginava que esse fosse o resultado de alguma pancada na cabeça que Jian Shi pudesse ter sofrido. Chao não poderia imaginar que dentro do corpo de seu amigo pudesse haver outra pessoa. Seria quase impossível para outro ser humano descobrir o que mestre Cheng Zhi descobriu, isso porque somente um grande mestre teria sua mente aberta para coisas “impossíveis”. Daniel e Chao repetiram os dezoito movimentos do tigre algumas dezenas de vezes. À medida que a luz natural se extinguia, lanternas vermelhas eram acesas ao redor de todas as edificações do templo. Naquela noite, Chao foi para seu dormitório um pouco mais tarde que de costume. Para Daniel, as rotinas do templo eram uma novidade, ele estava acostumado a ir para a cama bem mais tarde, depois de passar algumas horas navegando na internet, mas nesse dia ele ficou feliz por poder dormir mais cedo. Ele estava absolutamente exausto e pensava que, se tivesse sorte, despertaria na manhã seguinte em sua própria cama.

Daniel dormiu e sonhou. Em seu sonho ele estava na sua escola habitual, não havia qualquer lembrança do templo Shaolin e ele tentava puxar conversa com Jeniffer, mas as palavras lhe faltavam. A moça se voltava para ele e dizia:

- Você não deveria estar fazendo uma prova agora?

No sonho, onde tudo parecia mais escuro, Daniel entrava em desespero. Aquele era o dia de uma prova importantíssima para a qual ele não tinha estudado e já estava atrasado. Ele subia escadas cujos degraus eram menores que seus pés, em alguns trechos havia buracos e ele precisava saltar para continuar subindo até a sala de aula que parecia cada vez mais inalcançável. Ele sentia-se perdido em um labirinto de escadas inseguras que caíam aos pedaços. Quando, enfim, chegou à sala de aula, a prova já havia terminado e ele havia sido reprovado. Anísio e os outros alunos estavam na porta de entrada e riam dele, a sensação era terrível. Daniel acordou com o som da trompa e de um arauto que anunciava:

- É a hora do coelho. Todos de pé.

Daniel ainda estava no templo e aquilo não se parecia em nada com um sonho. Logo ele estaria junto dos outros cinco discípulos de sua categoria carregando pesados baldes d'água, enquanto subia as escadarias até o templo. As escadarias eram firmes e maciças, o peso dos baldes subjugava seus ombros, a dor e o cansaço eram reais e palpáveis assim como o sol da manhã que feria seus olhos durante a subida. Chegando na parte superior do templo, os discípulos usavam os baldes para encher seis grandes tonéis e foram necessários muitos baldes, subidas e descidas, até que todos estivessem cheios. O próximo exercício consistia em socar a água com velocidade e força sem deixar que ela espirrasse para fora dos tonéis. Esse exercício era novo para todos os discípulos e, por isso, Daniel se saiu tão bem quanto qualquer outro integrante do grupo.

A mesma água usada no exercício foi usada também para o banho dos jovens monges. A comida no templo era simples, mas estranhamente Daniel já não sentia a mesma fome de antes de chegar ali. A princípio ele pensou que o corpo de Jian Shi fosse diferente do dele e, por isso, ele não sentia tanta necessidade dos doces que ele estava acostumado a comer, mas a verdade era que Daniel já não tinha mais tempo para pensar em comida. Os compromissos no templo se sucediam sem interrupção, muitos consistiam em trabalho físico e esse tipo de trabalho não deixa espaço para angústias ou aflições da alma. Depois do esforço realizado, já era hora de uma nova aula de medicina com mestre Ayra e Daniel se deu conta de que havia passado toda a manhã pensando apenas em baldes d'água e escadas.

Capítulo VI – O treinamento do guerreiro Shaolin

Uma chuva torrencial caía do lado de fora enquanto mestre Ayra continuava tratando o mesmo paciente, mas utilizando uma técnica diferente. Dessa vez, os pontos do chi eram estimulados por pedras quentes e os discípulos assistiam à aula ativamente, aquecendo as pedras e apontando os pontos onde elas deveriam ser colocadas, mas somente o mestre tinha a palavra final e manipulava as pedras sobre as costas do homem estendido no chão. O mestre explicou que logo todos teriam a oportunidade de demonstrar o que aprenderam na prática, cada aluno trataria de um paciente assistido pelo mestre. Seria como uma prova escolar e ao término do curso de acupuntura eles passariam a estudar farmacologia.

Daniel não tinha dificuldade em assimilar informações. Os alunos não faziam anotações pessoais, mas as paredes das salas estavam sempre forradas de pergaminhos sobre as disciplinas estudadas e serviam bem para exames posteriores. Daniel sentia-se ansioso somente em relação à aula de wushu que viria em seguida. Ao término da aula de medicina, e depois do almoço no refeitório, ele se afastou até um local onde não poderia ser observado e refez a sessão de Taolu. Seus movimentos estavam muito mais rápidos e precisos dessa vez. Depois de treinar com Chao na noite anterior, Daniel sentiu que havia reavivado definitivamente as lembranças de Jian Shi e que estava apto para executar os dezoito movimentos do tigre. Depois de repassar essa tarefa, o rapaz se dirigiu até o salão destinado às aulas do mestre Cheng Zhi. Dessa vez, ele chegou um pouco antes dos outros discípulos e tomou sua posição sentando-se na esteira destinada a ele.

Logo os outros cinco discípulos entraram no salão e sentaram-se ao lado dele, aguardando a chegada do mestre. Dessa vez, mestre Cheng veio acompanhado de outros cinco monges do templo. Eles eram jovens, mas muito experientes. Mestre Cheng Zhi se sentou em sua posição costumeira, os seis discípulos novatos se afastaram e os monges Shaolin iniciaram uma demonstração a pedido do mestre. Daniel sentia como se tivesse entrado para o circo ao ver as façanhas que os monges eram capazes de executar. Eles zuniam bolas amarradas por cordões com total controle enquanto executavam movimentos complicados que muitas vezes faziam parecer que os monges tinham a capacidade de flutuar no ar. Eles realizavam cambalhotas acrobáticas, chutavam o ar usando as duas pernas como se fossem helicópteros humanos, giravam espadas que faiscavam no chão e no final da apresentação, ergueram um dos monges usando a ponta de quatro lanças afiadas, mas incapazes de perfurar o corpo do jovem guerreiro.

Mestre Cheng Zhi, dispensou os monges agradecendo a demonstração e começou a explicar aos alunos como tudo aquilo era feito. Segundo ele, aquela apresentação, apesar de parecer ter sido realizada através de magia, era resultado de muito trabalho físico, treinamento e disciplina. E quanto ao monge erguido sobre as lanças, o mestre explicava que esse treinamento inicialmente era bastante doloroso apesar de não gerar danos visíveis no atual estágio em que esses monges tão experientes se encontravam e que o monge só era capaz de realizar essa técnica porque havia aprendido a controlar a dor.

Ao final da aula, a chuva de verão já havia terminado. Mestre Cheng Zhi chamou seus discípulos e começou a caminhar em direção ao templo. Os seis discípulos o seguiram além do templo, continuaram além da grande escadaria e se aproximaram do pátio de terra onde os monges treinavam em dias de sol. Mestre Cheng Zhi deixou suas sapatilhas sobre a plataforma de pedra polida e entrou no terreno encharcado pela chuva. Os jovens discípulos fizeram o mesmo, em silêncio, sem saber qual seria o motivo daquilo tudo, e pararam descalços diante do mestre. Todos sentiam o desconforto de ter o barro mole, frio e grudento embaixo de seus pés, quando o mestre Cheng apontou diretamente para Daniel:

- Discípulo, venha até aqui e mostre o Taolu do tigre.

Daniel não esperava passar por aquilo novamente. Ele se posicionou em frente aos outros alunos e se colocou na primeira posição. Agora ele já sabia executar o Taolu, mas percebendo que todos o observavam ele começou a se sentir inseguro e para piorar a situação, ele ouviu incrédulo quando o mestre ordenou aos demais discípulos:

- Enquanto isso, quero que todos vocês riam e insultem os movimentos dele.

Ming estava sorrindo. Ela estava certa de que aquela seria a punição final de Jian Shi e que após apresentar o Taolu ele seria rebaixado e dispensado da forma mais vergonhosa já vista no templo. Daniel começou a apresentação sob o som das vaias e risadas. Logo ele sentia que estava trêmulo sobre o chão escorregadio de lama. Na quinta posição ele sentiu a lama fria atingindo seu rosto. Ming havia extrapolado o pedido do mestre e atirado uma bola de barro em Daniel. A insegurança do rapaz foi substituída por uma raiva incontida enquanto os outros alunos seguiam as ações de Ming e lançavam o barro na direção do rapaz. Nesse momento o mestre Cheng Zhi interrompeu a apresentação. Daniel pensou que ele fosse repreender os outros alunos, mas as palavras do mestre foram apenas para ele:

- Comece de novo rapaz, respire como eu lhe ensinei e concentre-se apenas no que você está fazendo. Esqueça sua vaidade e as pessoas ao seu redor.

Nesse momento a raiva e a insegurança de Daniel tiveram fim. Ele, enfim, conseguiu entender o que o mestre queria ensinar. Ele parou por um momento, fechou os olhos e respirou enquanto o mestre ordenava aos outros discípulos:

- Continuem!

Daniel sentiu a lama voltar a atingir seu rosto e seu corpo. Ele respirou fundo e se posicionou novamente, enquanto se esforçava para não prestar atenção em mais nada que houvesse a seu redor. Logo, ele voltou a se movimentar, mas dessa vez, havia algo de diferente nele, seus movimentos eram fluidos, rápidos e precisos. O chute alto se ergueu acima de sua cabeça, os movimentos ágeis das mãos e braços mal podiam ser acompanhados com os olhos. Os passos eram precisos e firmes mesmo sob a lama escorregadia que parecia não afetar Daniel. A apresentação acabou e tinha sido perfeita. Daniel sentia seu coração tranquilo e feliz mesmo sentindo que as bolas de lama ainda eram lançadas em sua direção. Mestre Cheng Zhi fez um sinal com as mãos e todos os discípulos silenciaram e se acalmaram, depois ele se voltou para Daniel, dizendo:

- Achei sua apresentação do Taolu do tigre insatisfatória. O que você tem a me dizer sobre isso?

Ming sorriu, esse seria o momento da expulsão de Jian Shi. Mas Daniel parecia tranquilo. Ele já não se importava com sua avaliação, sabia que tinha se saído bem e ido além de suas próprias expectativas, ainda mais sob condições tão adversas. Ele já não se importava com a opinião dos outros discípulos e nem ao menos com a opinião do mestre Cheng Zhi. Ele sabia que a apresentação tinha sido brilhante e que ele havia aprendido o Taolu. Daniel estava completamente coberto pela lama, os outros discípulos não podiam identificar quase nenhuma parte dele quando um sorriso apareceu claro em seu rosto, ele fez a saudação Kin Lai e respondeu ao mestre:

- Quero apenas agradecer por tudo que você me ensinou, mestre.

Cheng Zhi sorriu e voltando-se para os demais discípulos, ordenou:

- Curvem-se e honrem o meu discípulo. A batalha que ele lutou e em que se saiu vitorioso, nenhum de vocês teve que lutar. A grande sequoia só alcança o céu depois de sobreviver a poderosas tempestades. Depois que vocês se limparem nos reuniremos no salão de wushu e ele receberá sua faixa preta.

Ming estava desorientada. Os movimentos do tigre eram os mais simples ensinados no templo, qualquer criança ali os conhecia e no dia anterior, Jian Shi havia falhado em uma apresentação básica, que ele deveria conhecer de cor. Ela se voltou para o mestre Cheng Zhi e perguntou, tentando esconder sua raiva e se esforçando para parecer humilde:

- Essa é toda a punição de Jian Shi, mestre? Ontem ele desonrou a nossa sala. Só um pouco de lama será suficiente?

- Isso não foi uma punição, Ming. Esse foi um treinamento especial que eu elaborei para o meu discípulo e o monstro que ele enfrentou era tão grande que você não poderia compreender. Você não passaria na prova em que ele acaba de passar; aliás, a maioria dos homens não passaria. Cada aluno responde de forma diferente a um tipo de treinamento. Você, por exemplo, sempre reagiu melhor ao reforço positivo, ou seja, você é movida a elogios, e se você sente que não vai se sair bem em uma tarefa, você desiste antes mesmo de tentar. Você prefere fazer coisas que já sabe fazer, faz questão de ser sempre a melhor em tudo e a cada elogio você se supera e cresce ainda mais. A maior parte das pessoas é assim, mas alguém que não se deixa abalar pelas dificuldades, não desiste diante do escárnio e usa a afronta de seus acusadores para crescer, pode se tornar maior que todos nós. Nossos amigos procuram não nos magoar e não nos falam a respeito de nossas falhas, mas nossos inimigos nos apontam coisas nas quais podemos trabalhar para nos tornar melhores. Eles cavam fundo até encontrar o que mais nos magoa e apontam nossas falhas mais dolorosas em alto e bom som. Um homem que tem a capacidade de ouvir seus inimigos sem se abalar e se torna capaz de crescer com as lições que os inimigos nos dão, ouve mais do que se ouvisse a uma centena de amigos e o homem que cresce apesar do escárnio, cresce mais do que aquele que cresce em meio à paz. Somos todos amigos de Jian Shi, mas hoje nos comportamos como seus inimigos para ajudá-lo a crescer.

Ming mal conseguiu assimilar as palavras do mestre. Ela estava decepcionada com o desfecho do caso. Ming não estava implicando com Daniel por não gostar dele particularmente, ela mal o conhecia e seria impossível nutrir sentimentos reais por alguém que não conhecemos. Mas, para Ming, Daniel havia abalado seu senso de certo e errado nos últimos dias. Ela era uma aluna exemplar no templo e fazia tudo com perfeição, imaginando que de outra forma ela seria punida. Ela pensava assim porque já tinha visto o mestre Cheng rebaixando discípulos por bem menos do que a falha que Daniel havia cometido. Uma vez, ela viu um discípulo ser rebaixado por um atraso, em outra ocasião por falar na hora errada. O que Ming não sabia era que nenhum desses alunos havia sido rebaixado por pequenas falhas do dia-a-dia, mas sim por questões muito maiores, geralmente relacionadas ao caráter, e isso somente o mestre Cheng tinha capacidade para ver e julgar.

Enquanto os alunos se dirigiam para as piscinas de banho coletivo, todo o grupo, com exceção de Ming, cumprimentava Daniel por ter finalmente merecido sua faixa preta, indicando que ele seria reconhecido oficialmente como discípulo do mestre Cheng Zhi. Kun tinha as mãos cobertas por lama e respingos em sua roupa alaranjada, indicando que ele havia jogado lama em Daniel como todos os outros, mas agora ele seguia em direção ao banho com a mão sobre o ombro de Daniel e dizendo:

- Não sei ao certo sobre o que o mestre Cheng estava falando, mas se ele diz que você realizou um

grande feito, então eu acredito nele, Jian Shi. Estou muito feliz por você ter sido aceito como discípulo. É verdade, nenhum de nós teve que sair tão enlameado desse jeito para conseguir a faixa preta...

Daniel observava os outros discípulos que o cercavam e cumprimentavam e sentia sinceridade nas palavras deles, enquanto lhe contavam de que forma haviam conseguido sua promoção e sobre as dificuldades que também haviam passado para chegar até ali. Jian Shi era o discípulo mais novo de todo o grupo e por isso também era o único que ainda usava a faixa branca de estudante. Todos os cinco rapazes se dirigiram ao salão de banho. As piscinas eram aquecidas com o trabalho de dois alunos que mantinham as fornalhas acesas do lado de fora, mas antes de entrar nas piscinas, os discípulos tiveram de retirar a lama com baldes de água fria e lavar suas roupas. Ming só poderia entrar na piscina reservada às mulheres depois que os rapazes estivessem prontos e vestidos. Durante o banho coletivo dos rapazes, Daniel pôde conhecer melhor os discípulos que estudavam com ele. Seus nomes eram Kun, Hui, Nuan e Shun. Eles eram geralmente calados, mas a ocasião parecia festiva e agora todos eles pareciam dispostos a contar um pouco sobre suas façanhas e origens.

Daniel ouvia a todos com atenção e de vez em quando se atrevia a falar usando as memórias de Jian Shi. Quando Daniel falava por Jian Shi como se fosse ele próprio, sentia um pouco como se estivesse contando uma mentira, mas não havia alternativa, ele simplesmente não podia falar sobre a vez que havia marcado uma pontuação alta no videogame ou sobre a vez que ralou o joelho antes de conseguir aprender a andar de skate. Então ele falava pouco, mas dessa vez sentindo-se feliz e confiante. Ele percebeu, depois de tantos anos vivendo com medo do que os outros podiam pensar sobre ele, que estava diante de pessoas que não eram tão diferentes quanto ele pensava. Todos estavam buscando aprovação e afeto, todos tinham suas inseguranças e medos e todos ali cometiam erros e os corrigiam da melhor maneira possível. Essas histórias estavam presentes em tudo o que os rapazes falavam durante o banho. E assim, Daniel decidiu dar uma chance àquelas pessoas, que não eram tão más quanto ele temia e não se prendiam tanto ao que ele dizia ou fazia quanto ele imaginava.

Já havia escurecido quando os discípulos se reuniram novamente no salão de treinamento wushu. O mestre chegou logo depois como de costume e pediu que Daniel se aproximasse. Mestre Cheng Zhi, agora tomava cuidado para não pronunciar o nome do discípulo sabendo que estava falando com Daniel e não com Jian Shi. A cerimônia foi bastante simples, apesar de seu significado parecer importante. Cheng Zhi retirou a faixa branca da cintura de Daniel, amarrou a faixa preta e fez a saudação Kin Lai. O sol representado pela mão fechada se unia à lua representada pela mão aberta e juntos formavam o símbolo da iluminação, do esclarecimento. O mestre finalizou a cerimônia dizendo:

- Esse é apenas o começo. Seu treinamento tem início a partir de hoje. Mantenha sua taça vazia para que possamos enchê-la com novos conteúdos...

Às vezes Daniel pensava que a maior parte do que o mestre dizia soava como um clichê, mas a verdade é que era dessa cultura e desse mundo que todas essas frases haviam saído. Nesse tempo elas eram todas contemporâneas e demonstravam a grande sabedoria do mestre que era adepto de Confúcio, Chuang Tzu e Sun Tzu. Naquela noite, Daniel ficou acordado até mais tarde mexendo nas “rodas do tempo”. Ele tentava formar novas palavras e alinhar os mecanismos de formas diferentes, mas parecia impossível decifrar o relógio. O rapaz dormiu em paz, segurando o objeto mágico em suas mãos. Ele estava certo de que havia cumprido sua missão e que logo acordaria em casa.

Capítulo VII – O desafio de Ming

Daniel acordou frustrado na manhã seguinte. Ele ainda estava no templo e começou a se perguntar se um dia sairia de lá. Mas, de alguma forma, ele se sentia mais feliz agora do que jamais se sentira em sua própria casa. Daniel estava preocupado com seus pais e com suas responsabilidades no colégio, mas ali, no templo Shaolin, ao ser recebido por seus novos amigos com alegria e poder conversar com garotos de sua idade sem maiores aborrecimentos, Daniel sentia como se estivesse em um acampamento de férias. Mesmo carregar água pela manhã era divertido e o rapaz se deu conta de que sempre faltou uma atividade física em sua vida. O trabalho braçal costuma ser gratificante depois de realizado, além da dopamina que é liberada no corpo depois da atividade, dando a sensação de prazer. A simplicidade dos movimentos e o trabalho que o corpo realiza quase que sozinho deixam espaço para a mente descansar e vagar livre, longe do estresse do trabalho intelectual que causa um tipo diferente de cansaço e ansiedade.

A rotina do templo seguiu como de costume. Chao Hong parecia não acreditar quando viu seu amigo usando a faixa preta de discípulo. Ele felicitava Jian Shi e imaginava se algum dia poderia receber também esta honra. Mestre Ayra trouxe um novo paciente que seria tratado apenas pelos alunos e Daniel, Kun, Hui, Shun, Nuan e Ming o espetaram com pequenas agulhas controladas por finos tubos de bambu a fim de curar seus males. As mãos de Daniel estavam firmes e precisas como nunca. Ele aprendeu a se concentrar em suas tarefas quase que apagando tudo o que estivesse a sua volta e isso conferia uma nova competência a tudo que ele fazia.

Depois do almoço ele pensou em exercitar algumas habilidades de Jian Shi. O monge Shaolin era famoso por seus saltos e acrobacias, ele treinava desde criança como se fosse uma brincadeira, mas Daniel tinha um pouco de medo de executá-las mesmo conhecendo a técnica das memórias que herdou. Ele começou devagar, apenas se colocando de ponta cabeça, a princípio encostado em uma parede, depois virou uma estrela simples e em seguida tentou um salto mais complicado. Ele falhou no salto e caiu no chão, mas nesse momento ele se deu conta de que cair não era tão ruim quanto ele imaginava. Ele saltou mais uma vez e outra, até sentir que havia recuperado a habilidade e a coragem de Jian Shi.

Logo havia chegado a hora de assistir a mais uma aula do mestre Cheng Zhi. O mestre falava da grande sabedoria de Sun Tzu. Segundo o mestre, o livro “A arte da guerra” não ensinava apenas estratégias militares, mas também trazia exemplos que poderiam ser utilizados na vida cotidiana e eram indispensáveis na formação de líderes:

- Antes de iniciar qualquer batalha é indispensável saber qual é o objetivo a ser alcançado. Sun Tzu diz que toda guerra visa à paz e que a maior vitória é aquela que conquistamos sem ter de lutar. Ele também nos diz que nem sempre o confronto direto é o mais eficaz. Então vejam, meus discípulos, antes de iniciar um projeto, devemos saber o que desejamos conseguir como objetivo final e não podemos perdê-lo de foco, ou lutaremos batalhas infinitas e inglórias. É muito fácil perder o foco, às vezes ficamos tão entretidos com os detalhes do que estamos fazendo que nos esquecemos de pensar nos resultados e assim não chegamos a lugar nenhum. Ao mesmo tempo, nem sempre é inteligente ir direto ao ponto, nós podemos e devemos pensar em ideias simples, menores e realizáveis para atingir nossos objetivos finais. O segredo é fazer uma coisa de cada vez e à medida que transpomos os pequenos obstáculos, nosso alvo principal se torna cada vez mais acessível. Sun Tzu também diz que quando chegar a hora de tomarmos nosso objetivo final, temos de ser rápidos e infalíveis...

Depois de passar seus conhecimentos teóricos, Cheng Zhi mostrou aos alunos um novo Toi Cha do

tigre contendo trinta e dois movimentos. A base para o novo Toi Cha eram os mesmos movimentos que Daniel já havia aprendido, mas ele ganhava complexidade envolvendo saltos, quedas e levantadas. Para se levantar do chão, os monges usavam apenas o impulso do corpo e a força das pernas. Daniel teve tanta facilidade ou dificuldade para executar os movimentos quanto os outros alunos, já que o corpo de Jian Shi estava em grande forma. A exceção era Ming, que parecia conhecer toda a rotina de cor e já se sabia que ela estava à frente na turma de discípulos a fim de se comportar como irmã mais velha para os demais aprendizes dos mestres Cheng Zhi e Ayra.

Depois da aula de wushu, Daniel pegou as “rodas do tempo” em seu dormitório e saiu para o pátio externo em frente ao templo. Ele se sentou na pequena ilha de pedra em meio a um jardim e começou a mexer no mecanismo que tinha em suas mãos. Enquanto ele se esforçava para decifrar o relógio o sol se pôs, as lanternas vermelhas foram acesas e Daniel já não conseguia mais enxergar as inscrições que havia nas engrenagens e nas rodas centrais do mecanismo. O rapaz parou por um instante observando o céu coberto por estrelas. As constelações eram diferentes das que ele podia observar em sua casa e não havia luzes artificiais, de forma que o céu parecia coalhado de estrelas e Daniel sentia como se quase pudesse distinguir as nebulosas e formações de galáxias no céu. O mestre Cheng Zhi se aproximou, falando:

- Temos um catálogo, um mapa estelar, com mais de duas mil e quinhentas estrelas catalogadas. Sabemos que a lua reflete a luz do sol, somos capazes de prever eclipses e cometas. Fale-me sobre os conhecimentos do seu mundo, discípulo Daniel. Você diz ser de um futuro distante e de outras terras desconhecidas. O que vocês já descobriram a respeito do céu?

Daniel respondeu sem tirar os olhos do firmamento flamejante acima dele. Ele falava como se estivesse em transe, lembrando coisas que havia estudado e que amava saber:

- Não sei o quanto a China de agora já descobriu a esse respeito, mas da onde eu venho sabemos, já há muito tempo, que a Terra é redonda e gira em torno do sol. As estrelas que ao longo do ano mudam de posição no firmamento, não são estrelas, mas planetas, assim como a Terra, e refletem a luz do sol. Chamamos o conjunto de planetas que giram em torno do sol de sistema solar.

Cheng Zhi sorria, mas Daniel continuou:

- E mais recentemente descobrimos que as outras estrelas, que estão fixas no céu, são como o nosso sol, mas muitas delas são muitíssimo maiores. O nosso sistema solar faz parte de uma espiral com mais de duzentos bilhões desses gigantes sóis, mas essas estrelas estão tão distantes de nós que as vemos assim, como pequenos pontinhos no céu... Essa espiral de estrelas faz parte de um sistema maior com incontáveis estrelas formando o universo, cujo tamanho não conhecemos. Um grande cientista do meu mundo descobriu que, apesar de parecer instantânea, a luz possui uma velocidade própria e como as estrelas estão muito distantes, a luz delas leva muito tempo para chegar até nós, por isso, em alguns casos, podemos estar olhando para estrelas que já não existem. Ele disse que quando olhamos para o céu, estamos observando o passado... Também foi descoberto que o tempo não é contínuo como uma linha reta, mas atravessa o espaço como um rio e em alguns trechos do espaço ele pode se tornar mais lento, ou mais rápido...

Daniel olhou para Cheng Zhi e parou de falar. O mestre estava com os olhos arregalados e a boca semi-aberta e com uma expressão de estranheza no olhar. Daniel pensou que talvez estivesse dando mais informações do que o velho mestre poderia assimilar e muitas coisas em seu mundo seriam

incompreensíveis para ele agora, apesar de não saber o quanto daquilo o mestre ainda não conhecia, já que a China tinha uma astronomia avançada para a época em comparação com outros países. Quando se recompôs, depois de tentar imaginar as coisas que Daniel falava, o mestre Cheng perguntou:

- Você tem certeza de tudo o que está me dizendo ou são apenas suposições?

- Eu tenho certeza.

- E como vocês conseguiram descobrir isso tudo?

- Nós criamos aparelhos capazes de observar muito longe através do espaço, fizemos cálculos matemáticos, experiências e até enviamos homens para a Lua.

- E eles retornaram?

- Sim.

- Como isso é possível?

- Da mesma forma que o senhor falou na aula. Começamos com coisas menores. Cada descoberta levou a uma próxima descoberta, e toda vez que descobríamos alguma coisa, essa descoberta ajudava a criar um aparelho ou máquina que facilitou o nosso trabalho e tornou possível ir além.

- Você diz que é um aluno com a idade de Jian Shi, não é mesmo, espírito do futuro? Como você sabe de todas essas coisas? Todos os alunos como você sabem sobre tudo isso?

- Todos estudam as mesmas coisas e nós temos aparelhos fantásticos que facilitam o nosso aprendizado. Acho que eu não seria capaz de descrevê-los, mas eles nos permitem ver e saber de coisas que estão muito distantes de nós. Temos acesso a uma quantidade quase infinita de informação e as informações são acessíveis a qualquer criança, mas nem todos sabem tanto quanto eu. A diferença está apenas no interesse. Eu acho o universo fascinante, absolutamente incrível, por isso eu gosto de saber como tudo funciona, mas nem todos pensam assim e somente por não querer saber é que nem todos sabem tanto quanto eu.

- Eu sei do que você está falando. Isso acontece aqui no templo também e é por isso que somente poucos estudantes se tornam discípulos.

Daniel e Cheng Zhi pararam olhando as estrelas. Cheng Zhi parou de perguntar sobre o mundo de Daniel e Daniel percebeu que também não seria capaz de falar sobre as coisas que sabia para seu mestre. Ele havia aprendido na escola sobre átomos. O estudo dos átomos permitiu que cientistas desenvolvessem todos os aparelhos eletrônicos que ele estava acostumado a usar. Daniel também estudava a eletricidade e as células e todas essas coisas que lhe eram tão familiares, que ele via e ouvia falar desde que era apenas um garotinho, e que seriam indescritíveis agora. Daniel pensava no quanto seu mundo era maravilhoso e inacreditável e sentiu-se grato por estar diante de um homem que mesmo estando longe dessa realidade foi capaz de acreditar em suas palavras, mesmo quando ele falou que o homem chegou à Lua. Para acreditar nessas palavras, era preciso acreditar na humanidade e na capacidade de realização do ser humano. Em outras ocasiões o mestre faria mais perguntas sobre o passeio do homem na lua, perguntaria do que ela é feita e se haviam mandado pessoas para morar lá, mas isso não aconteceria agora. O mestre ainda estava assimilando as informações que lhe foram passadas. Depois de alguns momentos em silêncio, Cheng Zhi sorriu e retomou seu papel como mestre:

- Bem, mas pelo que percebi, seu povo não ensinou nada sobre o chi para você. Estou certo, Daniel?

- Realmente, eles não sabem nada a respeito disso.

O mestre se pôs de pé e começou a ensinar como Daniel deveria fazer para canalizar sua força interior. Sem que soubessem, Ming assistia a tudo quase que escondida atrás dos portões do templo. Ela não conseguia ouvir o que os dois falavam, mas era visível a forma como mestre Cheng Zhi prestava atenção a tudo que Daniel dizia e ela não conseguia entender o que aquele discípulo poderia ter de especial. Tudo o que ela via quando olhava para Daniel era Jian Shi, somente outro aluno do templo que havia sido promovido recentemente a discípulo.

Além de ouvir Daniel com atenção, o mestre Cheng também estava ávido para mostrar o valor de sua cultura para o recém-chegado viajante do tempo, certo de que Daniel não deixaria seus ensinamentos morrerem quando voltasse para o lugar de onde veio e, por isso, ele se esforçava para ensinar técnicas de respiração e posicionamento de mãos mais avançados do que ele já havia passado aos outros alunos. Ming estava confusa com a cena que tinha diante de seus olhos. Para ela, Jian Shi estava conseguindo privilégios especiais com o mestre e devia haver algum segredo escuso por trás de tudo isso. Ela se lembrou dos dias anteriores. Ming havia falado para diversas pessoas que era certo que Jian Shi seria rebaixado. Certamente, seria sobre isso que os dois estariam conversando. Ming sentia que toda vez que os dois riam, estavam rindo dela e toda vez que Daniel falava seria para difamá-la.

Ming se orgulhava de ser sincera. Ela costumava falar que tudo que precisava dizer a respeito de uma pessoa seria capaz de dizer olhando diretamente nos olhos. Ela não gostava de quem não se comportava dessa maneira e esse era mais um dos motivos para ela não gostar de Jian Shi, ou Daniel, ou de muitas outras pessoas. Para ela, quando uma pessoa sorria demais, ou era calada demais ou mesmo parecia educada demais, denotava uma má intenção camuflada. Para Ming, pessoas que ostentavam uma clara aparência de demasiada bondade, só poderiam estar sendo falsas.

Todos os monges do templo Shaolin adormeceram e a noite transcorreu tranquila até o momento de o arauto anunciar a hora do coelho. O sol mal havia nascido quando os discípulos do mestre Cheng Zhi se puseram a caminho e desceram as escadarias para encher seus baldes com água. Daniel já não esperava acordar em sua própria cama, agora ele compreendia que ainda restava algo a descobrir antes de poder decifrar o relógio que o levaria de volta a seu tempo.

Kun, Hui, Nuan, Shun e Daniel ficaram mais unidos depois que Daniel conseguiu a faixa preta e Kun ensinou aos outros discípulos uma canção para que todos cantassem enquanto carregavam os baldes pesados. Não havia uma regra no templo que os impedisse de cantar e todos os monges gostavam da atmosfera de alegria, por isso, os jovens discípulos de Cheng Zhi eram observados com admiração pelos monges mais experientes ao serem vistos cumprindo suas tarefas com energia e satisfação. A única pessoa carrancuda no grupo era Ming. Depois de levar os baldes escada acima por duas vezes, a moça parou junto ao poço que ficava próximo às muralhas e aguardou.

Daniel desceu as escadas e se aproximou do poço com um sorriso nos lábios e uma canção em mandarim. Ele segurava os dois baldes presos a um bastão sobre os ombros. Ming se colocou em frente a ele e o esbofeteou no rosto, em seguida pegou os baldes nas costas do rapaz e os atirou no chão. Daniel ficou parado, revirou os olhos e suspirou como se estivesse entediado, ele já havia passado por isso antes... Ming se colocou em posição de luta e Daniel se preparou para se defender enquanto a garota

dizia:

- Estou cansada de você. Está na hora de você receber o que merece.

Daniel não entendia o porquê de tudo aquilo. Não conseguia sequer imaginar o que ele poderia ter feito de errado dessa vez. Ele não estava mais gordo e Ming era a sabichona da sala e não ele. Decididamente, Daniel tinha em si alguma coisa que incomodava as outras pessoas... Enquanto a moça atacava, Daniel apenas se defendia, ele aparava os chutes e socos usando os braços e pernas. Ming tinha uma força extraordinária e estava longe de ser uma flor indefesa, mas sempre que Daniel pensava em revidar os golpes, ele se lembrava de seu pai Glauco, dizendo:

- Um homem nunca deve bater em uma mulher, em nenhuma circunstância. Elas são mais fracas que nós e um homem que bate em alguém mais fraco só consegue provar que é igualmente fraco. Se você bater em uma menina estará mostrando covardia. Homem que é homem consegue conter a mulher mais descontrolada do planeta sem precisar machucá-la. Você só tem que segurá-la até ela se acalmar...

Os homens são muito cobrados no mundo. O papel do homem forte e cavalheiro é bastante difícil de ser representado, mas Daniel nunca decepcionaria seu pai nesse ponto. Daniel nunca entraria em uma briga se não pensasse que havia encontrado um adversário a sua altura, e era justamente por isso que ele nunca havia entrado em uma briga. Daniel era imensamente forte, não importava em qual corpo ele estivesse, ele sentia que no dia em que precisasse bater em outra pessoa, ela sairia muito machucada e essa ideia não o agradava.

Enquanto Ming chutava, Daniel gritava:

- O que deu em você, menina? Está maluca?

- Eu sei que você tem me difamado para o mestre Cheng Zhi.

- Eu nunca abri minha boca para falar de você. Eu mal conheço você.

- Você está mentindo.

Enquanto Ming atacava e Daniel recuava se esquivando e aparando os golpes, os outros discípulos chegavam para encher seus baldes e paravam olhando a briga sem entender o que estava acontecendo. Daniel continuou tentando argumentar:

- Por que eu mentiria para você? Se eu tivesse alguma coisa contra você, eu falaria pessoalmente.

- É claro que você não diria. Você tem medo de mim.

As últimas palavras de Ming ofenderam Daniel profundamente e em um golpe de sorte ele conseguiu segurar uma das pernas da moça. Também foi por pura sorte que ela se desequilibrou e caiu. Daniel agiu rápido e sentou-se sobre ela agarrando suas mãos e dizendo:

- Eu não tenho medo de você, está me entendendo? Eu não estou mentindo. Nunca falei mal de você para ninguém, mas não ligo se você não acreditar em mim. Minha consciência está tranquila e somente eu preciso estar em paz com meus atos. Não ligo nem um pouco se você não gosta de mim.

Ming, que estava se debatendo para se livrar de Daniel, que a havia imobilizado, parou. Ela olhou em seus olhos e soube que ele estava dizendo a verdade. Ela sentiu que tinha sido injusta e que estava realmente se comportando como uma maluca. Daniel havia falado que sua consciência estava tranquila,

isso era muito mais do que Ming poderia dizer de si mesma. Ela percebeu que ela havia difamado o rapaz e não o contrário e entendeu também que ele era mais parecido com ela do que ela imaginava. Ele era capaz de dizer tudo o que pensava olhando em seus olhos. Um novo respeito nasceu no coração de Ming nesse dia, e ela passou a rever muitos de seus valores. Por fim, a guerreira Shaolin falou:

- Saia de cima de mim.

Ela se levantou como se nada tivesse acontecido. Pegou seus baldes d'água e se pôs a subir as escadas. Os outros alunos, assim como Daniel, fizeram o mesmo em silêncio. No alto da escadaria, mestre Cheng Zhi aguardava, com uma expressão muito séria:

- O que houve lá embaixo? Os monges me falaram de uma gritaria?

Ming respondeu:

- Eu ataquei Jian Shi.

- E por que você fez isso?

- Foi apenas um mal-entendido.

- E é assim que você lida com mal-entendidos, Ming? Eu vejo que o discípulo está coberto de hematomas e manchas roxas enquanto você está apenas ligeiramente despenteada. Isso significa que ele não atingiu você nenhuma vez com seus golpes?

- Jian Shi não tentou me acertar nenhuma vez. Ele só se defendeu.

Cheng Zhi olhou para Daniel visivelmente orgulhoso e falou:

- Então, você já se tornou uma rocha...

Depois olhou para Ming:

- Ming irá carregar a água e encher seu próprio tonel, assim como o tonel de Jian Shi.

Daniel ficou sinceramente decepcionado, como se estivesse perdendo um dia de academia de musculação:

- Não precisa mestre. Eu gosto de carregar água.

Ming olhou para ele com a mesma expressão carrancuda que lhe era usual e falou:

- Pare de discutir com o mestre e vá descansar no seu quarto. Ou você está insinuando que meus golpes foram fracos demais para você? Faça o que o mestre ordenou e pare de me envergonhar.

Daniel abaixou a cabeça, contrariado, e foi para seu dormitório. Ele estava realmente dolorido e aproveitou a pausa para mexer nas “rodas do tempo”. Depois, ele assistiu a todas as aulas normalmente ao lado de Ming. Parecia que nada havia acontecido, até a noite, quando a moça bateu em sua porta. Ela atirou um frasco em sua direção e Daniel apanhou:

- Esta é uma pomada muito poderosa. Amanhã seus hematomas já estarão menos visíveis e você se sentirá melhor.

No dia seguinte, não havia as rotinas costumeiras do templo. Era um dia dedicado a orações e

meditações. Daniel vestiu a túnica de gala e encontrou Cheng Zhi observando a planície do pátio superior no templo. No pátio abaixo das escadarias, os discípulos de Cheng Zhi estavam praticando o novo Toi Cha com trinta e dois movimentos do tigre. Ming não estava com eles e Daniel perguntou ao mestre:

- Onde a Ming está?

- Na vila. Ela faz caridade em seus dias de folga. Recolhe agasalho para os necessitados e distribui medicamentos. Mas não conte isso para mais ninguém, é um segredo. Ela não suporta pessoas que fazem o bem e divulgam suas ações. Eu não vejo nada de mais nisso, acho bom dar bons exemplos e gosto quando as pessoas se orgulham de fazer o bem no lugar do mal, mas ela acha que a boa ação perde o valor se servir para a auto-promoção.

Daniel estava surpreso, depois de tudo o que ele tinha visto em Ming ele não esperava encontrar qualquer nesga de bons sentimentos vindos dela. Ele comentou com Cheng Zhi:

- Poxa, isso é bem surpreendente.

O mestre riu:

- Não se deixe enganar com os modos rudes de Ming. Ela é humana, se engana e comete erros. Mesmo assim, ela tem um dos melhores corações que eu já vi em um ser humano. Ela é desconfiada e muito focada em si mesma, ela ainda está aprendendo e eu acho que a briga que ela teve com você fez bem a ela...

Daniel esfregou o braço roxo e sorriu:

- Não fez muito bem para mim...

O mestre gargalhou:

- Fez mais bem do que você pode imaginar. Você não vai sentir a diferença tão cedo, mas você conquistou uma amiga que ficará a seu lado e será leal não importa o que venha a acontecer.

Capítulo VIII – A armadilha do tempo

Ming retornou da sua visita ao vilarejo antes da hora do almoço e encontrou os discípulos de Cheng Zhi em meditação no templo. Daniel estava entre eles exercitando as técnicas de respiração que havia aprendido depois de passar o período anterior tentando decifrar as “rodas do tempo”. Desde que chegou ao templo, ele já havia formado algumas palavras como “voar”, “tempo”, “tijolos”, mas nenhuma delas havia acionado o relógio mágico. Outras palavras ele simplesmente evitava posicionar no alinhamento quando elas estavam em posição para isso, entre elas estavam as palavras “pato” e “furacão”. O motivo para que Daniel evitasse esse tipo de palavra era o pressentimento que lhe acometia de que poderia se transformar em um pato ou ser lançado no tempo em meio a uma tempestade de ventos.

Depois de algumas horas infrutíferas e tentativas inúteis de encontrar uma saída através das “rodas do tempo”, Daniel decidiu meditar com os outros monges. Ele não era particularmente religioso. Dizia-se católico não praticante. Mesmo assim ele pensou duas vezes antes de participar dos rituais budistas no templo e só se decidiu a entrar quando verificou nas lembranças de Jian Shi que Buda não era uma deidade. Buda era reverenciado como um homem que dedicou sua vida a trazer conhecimentos espirituais ao mundo e não concorria em nenhum nível com a figura de Jesus Cristo, que Daniel acreditava ser o avatar de Deus. Daniel demorou a se decidir porque, por menos religioso que fosse, não desejava cometer algum pecado ou heresia. Mas percebendo que as duas religiões não se anulavam mutuamente, ele imaginou que poderia entender melhor aquela cultura sem qualquer culpa moral.

Os monges foram despertados de suas meditações quando o arauto anunciou a hora do almoço, indicando que o almoço estava prestes a ser servido. Daniel abriu os olhos enquanto ainda respirava no ritmo que o mestre Cheng Zhi havia ensinado e se deparou com Ming sentada a seu lado. A moça levantou-se com os outros monges e todos saíram do templo principal em silêncio. Conforme se dirigia para o refeitório, Daniel percebeu que Ming se mantinha sempre a seu lado, inclusive ajustando a velocidade dos passos para isso. Todos se dirigiram ao refeitório e Ming sentou-se ao lado de Daniel na mesa reservada aos discípulos. Kun quebrava o silêncio falando sobre o treino matinal do Toi Cha do tigre. Ele falava sobre as técnicas para dar um impulso na décima posição, ou sobre a posição dos pés na hora de girar o corpo no momento do terceiro chute e os outros discípulos a seu lado também começaram a falar sobre suas impressões a esse respeito como se desejassem apenas manter a conversa animada de Kun.

Daniel, por outro lado, tentava falar o mínimo possível. A presença de Ming o incomodava, e ele sentia que qualquer coisa que dissesse seria usada pela moça em um ataque posterior. Mesmo assim, Ming o colocou como assunto da conversa com Kun:

- E como Jian Shi se saiu no treino?
- Ele não participou.
- O que você ficou fazendo durante a manhã, Jian Shi?

Daniel respondeu contrariado:

- Estava resolvendo outros assuntos.

Ming não gostou da resposta. Ela tinha sempre a sensação de que Daniel escondia algum segredo, mas estava decidida a não bancar mais a intrometida:

- Então, você vai treinar comigo depois do almoço.

Esse era o jeito de Ming. Ela queria fazer as pazes com Daniel, mas era incapaz de pedir desculpas e quando ela convidava alguém para fazer alguma atividade com ela, o convite amistoso soava mais como uma intimação. Logo, Chao Hong se aproximou carregando uma pesada bandeja com tigelas de yakissoba. Daniel levantou-se oferecendo ajuda ao amigo, mas Chao Hong recusou com um sorriso:

- Obrigado, Jian Shi. Mas não preciso de ajuda para cumprir meus deveres no templo. Um dia quero me tornar um discípulo como vocês e carregar bandejas ajuda a demonstrar minha força e equilíbrio. O mestre Cheng Zhi nos diz que cada tarefa que desempenhamos com dedicação revela um traço de nossa personalidade e é útil no nosso desenvolvimento. Você me deu ótimos exemplos, Jian Shi. Nunca reclamou de nada e sempre cumpriu seus deveres com responsabilidade. Eu pretendo seguir esses exemplos e ser como você.

Daniel sentou-se sorrindo e deixou que seu amigo o servisse. Depois perguntou, demonstrando interesse no desenvolvimento de Chao Hong:

- O que você está estudando agora?

- História da China, caligrafia, mapas e astronomia.

- Tenho certeza de que logo você será promovido, Chao.

A conversa com Chao Hong abriu espaço para Kun relembrar seus tempos como estudante e logo todos ao redor da mesa estavam falando a respeito de confecção de cestos de palha e jarros de cerâmica. As melhores histórias eram sempre aquelas onde tudo dava errado, sobre mãos calejadas, fogo acima da temperatura indicada e trapalhadas que na ocasião foram motivos para uma grande dose de preocupação e aborrecimentos, e agora geravam risadas e boas lições.

Depois da refeição, os jovens discípulos caminharam um pouco, conversaram embaixo de uma árvore e passaram algum tempo juntos, até que Ming chamou Daniel para o compromisso firmado alguns momentos atrás:

- Vamos.

Os dois iniciaram o Toi Cha do tigre enquanto o grupo de discípulos descansava na sombra atrás deles. Ming parava de se mover de quando em quando para corrigir a posição dos braços de Daniel ou a colocação de seus pés. Depois de algumas repetições, ela parou:

- Está muito bom, Jian Shi. Você aprendeu os movimentos bem rápido.

Nuan, Shun, Kun e Hui se entreolharam surpresos. Era a primeira vez que viam Ming elogiando alguém. Em seguida, a moça se voltou para o grupo e falou com a postura de uma autêntica irmã mais velha:

- Venham comigo.

Ming conduziu os discípulos até um complexo separado atrás das instalações usuais do templo e entrou com eles na primeira sala. Aquela era uma das dezoito câmaras Shaolin. Em seu interior havia vários bonecos de madeira com braços móveis que giravam ao redor dos troncos roliços. Ming se posicionou em frente a um deles e começou a mostrar como usar os braços para bloquear golpes

complexos quando o corpo do inimigo estivesse próximo. Shun olhou ao redor, ele parecia preocupado e perguntou a Ming:

- Nós podemos mesmo entrar aqui? Essa é uma das dezoito câmaras de treinamento avançado. Não deveríamos ter a permissão do mestre?

- Nós temos permissão desde o momento em que nos tornamos discípulos. Não devemos entrar em algumas câmaras porque alguns aparatos de treinamento são perigosos, mas a verdade é que as câmaras não passam de salas de aula com material adequado para o estudo de wushu. Eu sempre venho aqui nos dias de meditação porque sei que ninguém vai usar. O mestre Cheng me passou alguns movimentos nessa mesma sala e como irmã mais velha, eu acho que essa é uma boa oportunidade para repassar a vocês... Não precisamos desperdiçar o tempo de ensinamento do mestre com coisas básicas. Se já soubermos o básico ele poderá acrescentar e corrigir e nos desenvolveremos mais rapidamente.

O que Ming dizia era verdade e mais tarde, o mestre Cheng Zhi ficaria satisfeito ao notar que Ming estava repassando todos os ensinamentos que ela havia aprendido de antemão aos outros discípulos, mas não era esse o motivo principal para ela levar os garotos até a sala e repassar o que havia aprendido. Ming estava cansada de ficar sozinha e no dia do mal-entendido com Daniel, ela reconheceu nele alguém em quem poderia confiar no futuro. Ao mesmo tempo, ela entendia que não poderia ser amiga do rapaz sem se aproximar também dos outros discípulos, afinal, Ming era “um monge” e não seria adequado para ela ser vista sempre na companhia de um rapaz em especial. Mesmo que não houvesse qualquer tipo de maldade entre eles, esse comportamento poderia ser mal interpretado e a reputação de Ming era tudo o que ela tinha de mais precioso.

Depois de praticar por cerca de uma hora com os bonecos de madeira, os discípulos voltaram para o pátio, fizeram uma disputa de saltos acrobáticos, voltaram a meditar no templo e passaram o restante do dia conversando tranquilamente entre os jardins. No dia seguinte, as rotinas do templo foram retomadas como de costume, os discípulos carregavam água pela manhã, mestre Ayra ensinava novas técnicas de acupuntura e mestre Cheng Zhi preenchia as tardes com sua sabedoria. E assim muitos outros dias se passaram. Daniel aprendia técnicas de equilíbrio e uso da força, praticava o kung fu em lutas simuladas com os outros discípulos, aprendia técnicas de combate com o bastão Shaolin, espadas, chutes no ar e concentração do chi. E logo ele estava aprendendo a quebrar grandes blocos de madeira usando apenas as mãos.

Certa ocasião os discípulos puderam observar o mestre Cheng Zhi caminhando sobre placas forradas com papel de seda. O mestre era capaz de caminhar sobre o papel como se flutuasse no ar sem rasgar a superfície frágil que lhe servia de suporte. Os discípulos foram convidados a fazer o mesmo e observar se havia algum truque na façanha do mestre, mas nada encontraram e logo descobriram que seus pés atravessavam o papel com bastante facilidade. Outro dia, os alunos também foram convidados a erguer o mestre, que se colocou deitado no chão, e a tarefa lhes pareceu impossível. Cheng Zhi tinha a capacidade de modificar seu peso, tornando-se leve como uma pluma ou pesado como uma rocha.

Daniel sabia que esses feitos negavam as leis da física, mas aceitava o que estava diante de seus olhos, imaginando que algum dia a ciência poderia explicar como essas coisas poderiam ser verdadeiras. A ciência, apesar de avançada, ainda tinha poucas informações sobre o cérebro humano e sua capacidade. Daniel pensava que talvez, um dia, o homem moderno pudesse descobrir que nossa mente tem poderes ainda não explorados e essa descoberta traria o próximo salto de realizações para a humanidade.

Conforme os dias se sucediam, Daniel pegava cada vez menos as “rodas do tempo”. Havia dias em que ele as esquecia completamente e quando se lembrava se esforçava cada vez menos para decifrá-las. Algumas vezes, ele pensava que estaria a um passo de ser reprovado no colegial em seu tempo, depois de passar tantos dias longe da sala de aula, às vezes ele imaginava a preocupação de seus pais, mas à medida que o tempo passava, ele se preocupava cada vez menos com essas questões e se dedicava mais a suas realizações na pele de Jian Shi.

Suas conversas com o mestre Cheng Zhi o faziam recordar de suas origens, mas mesmo o mestre, que o chamava de Daniel quando estavam distantes dos ouvidos curiosos, se esquecia do ocorrido ocasionalmente e se pegava chamando Daniel pelo nome de Jian Shi. Daniel não se importava com a troca, estava acostumado a ser chamado pelo nome do monge a todo momento e, no decorrer dos dias, ele recorria cada vez mais às memórias do monge em suas conversas até o ponto de já não sentir o pudor de outrora. Daniel não sentia mais como se estivesse mentindo quando usava as memórias de Jian Shi, não sentia mais que seu nome estava sendo trocado quando o chamavam pelo nome do monge e quase não sentia falta de sua vida anterior.

Dessa forma, um estranho pensamento começou a dominar a mente de Daniel. O rapaz começou a imaginar se sua vida anterior realmente existiu. Afinal, toda aquela situação parecia ser bastante impossível e não poderia ser explicada pela lógica ou pela física conhecidas, mas havia uma explicação muito mais simples. Daniel começou a imaginar que talvez ele nunca tivesse sido Daniel. Ele começou a se convencer de que era Jian Shi, sempre foi Jian Shi e talvez, todas as suas lembranças da vida anterior, todas as suas experiências na pele de Daniel não tivessem passado de um sonho. Com certeza teria sido um sonho realista e talvez não tivesse sido um sonho comum, mas talvez uma grande revelação espiritual que lhe mostrou coisas sobre um outro mundo, mas, ainda sim, irreal. Essa seria a explicação mais simples e mais lógica, e Daniel não encontrava razões para não acreditar nela.

Daniel guardou as “rodas do tempo” no fundo de seu baú e as esqueceu por lá vivendo sua vida simples e tranquila como Jian Shi. Já não havia preocupações ou problemas, apenas bons amigos, momentos agradáveis, sabedoria milenar e baldes d’água para carregar.

Capítulo IX – A invasão do templo

Já era alta madrugada e Chao Hong estava tomando água no refeitório quando ouviu um estalo. Era um som metálico como o de uma faca caindo no chão. Ele olhou ao redor e não havia ninguém. Chao estava acostumado com os sons da noite, corujas piando, estalos de madeira, mas alguma coisa naquele som o perturbou. Ele sentiu um arrepio percorrendo sua coluna, um mau pressentimento. Chao saiu do refeitório e seguiu além dos dormitórios. Todos os monges do local dormiam tranquilamente, mas ainda não era o suficiente para o menino. Ele seguiu adiante, passou pelo templo e parou diante das escadas observando lá embaixo os muros que cercavam o mosteiro. No alto do muro havia uma silhueta, e outra, e outra. A luz da lua se refletiu no gancho de metal preso no alto do muro. Os homens que escalavam o muro subiam pela corda presa a ele. Chao Hong não tinha mais dúvidas: o templo estava sendo invadido.

O garoto correu o mais rapidamente que pôde em direção aos dormitórios, a primeira pessoa a ser acordada deveria ser o arauto, mas ainda em seu percurso, ele gritava:

- Estamos sendo invadidos! Bandidos no templo... Bandidos no templo...

Os monges acordavam no caminho de Chao Hong e saíam de seus aposentos vestindo as túnicas de dormir. Por fim, o arauto despertou e tocou sua trompa. No silêncio costumeiro do templo o alarido provocado pelo tumulto parecia ecoar além das montanhas Song. Daniel despertou assustado e confuso no escuro de seu quarto. Ele saiu de lá o mais rapidamente possível imaginando que toda a correria pudesse ser resultado de um incêndio e se deparou com os outros monges no corredor. Todos corriam em direção ao depósito de armas e apanhavam a primeira coisa que tinham a seu alcance. O maior número de armas no arsenal era composto por bastões Shaolin, já que as espadas eram usadas apenas para treinamento e apresentações especiais.

Sem saber ao certo o que estava acontecendo, Daniel pegou um dos bastões simplesmente imitando a ação dos outros monges e saiu em direção ao pátio. Lá, Daniel se deparou com a cena mais inusitada que sua imaginação jamais poderia construir. Os monges pacíficos se defendiam de homens armados com espadas, bestas com flechas e bolas de aço. Todos usavam capacetes e peles de animais em seus corpos. Um deles correu na direção de Daniel empunhando sua espada e erguendo-a sobre sua cabeça. Seus olhos reluziam sob a lua em uma fúria mortal.

O bastão de Daniel não era páreo para a espada em um confronto direto, então o rapaz simplesmente se desviava dos golpes da espada, usando toda a agilidade de seus pés e as técnicas de esquiva ensinadas pelo mestre Cheng Zhi. Em um movimento rápido, Daniel girou em seus pés ao redor do agressor passando para suas costas e zuniu seu bastão de madeira maciça no ar. O bastão de dois metros e meio acertou a orelha do bandido e curvou-se sobre sua bochecha até o nariz. O homem caiu no chão mostrando a marca vermelha provocada pelo bastão que ficou desenhada em seu rosto.

Daniel se lembrou das estátuas de ouro e jade que ornamentavam o templo e correu para lá. Em seu caminho ele pôde observar os monges se defendendo do bando que estava atacando o mosteiro. Apesar de usarem seus bastões contra espadas e outras armas mortíferas, o Kung Fu parecia torná-los invencíveis e uma boa parte do bando que havia chegado até ali já estava sendo desarmada. Ao chegar na parte da frente do templo, no entanto, a situação parecia bem pior. Uma enorme turba com incontáveis ladrões ainda estava subindo as escadas enquanto outros saqueadores levavam uma estátua de Buda presa por cordas a suas costas. Muitos outros monges já haviam chegado ali e entre eles estavam Shun, Nuan,

Kun, Hui, Ming e mestre Cheng Zhi. O mestre estava arrancando a estátua das costas de um bandido usando seu bastão enquanto os discípulos cobriam sua retaguarda. Os homens de capacetes arredondados e metálicos atacavam na tentativa de ajudar o saqueador a levar o resultado do roubo.

Daniel não tinha tempo para pensar. A turba armada se aproximava enquanto o rapaz já enfrentava dois ladrões ao mesmo tempo. Ming girava seu bastão para defender a si mesma e ao mestre de flechas disparadas por um dos homens armado com uma besta. Mestre Cheng Zhi largou seu bastão, desarmou três homens e deixou o bandido com o Buda nas costas inconsciente usando apenas uma das mãos enquanto seu outro braço se ocupava de aparar a estátua de jade, impedindo-a de cair no chão. Daniel correu até o mestre e segurou a estátua que estava em suas mãos enquanto Cheng Zhi gritava:

- Formem uma fileira. Não deixem que eles tomem território. Nenhum estranho pode atravessar esse perímetro.

Os monges que estavam nas instalações internas do mosteiro começaram a sair trazendo consigo alguns saqueadores já derrotados e se aproximaram do grupo de monges posicionados no alto da escadaria como se tivessem ouvido o chamado de Cheng Zhi. Enquanto isso, Daniel carregava a pesada estátua de jade para dentro do templo a fim de preservar a relíquia em segurança. Para isso, o rapaz abandonou seu bastão, entregando-o ao mestre. Dentro do templo, o imenso incensário de pedra fumegava exalando seu perfume em todo o local. O incensário permanecia aceso dia e noite. Entre as estátuas de Budas dentro do templo estava Chao Hong. O menino estava desarmado, mas ainda assim, lutava corajosamente contra três homens armados com grandes espadas *Dao*, afiadas e curvas. Não era uma luta propriamente dita. Chao não teve tempo para se armar enquanto avisava sobre o ataque, e agora, encurralado, ele simplesmente se esquivava dos golpes dos agressores, saltando sobre eles, usando as paredes como apoio para os pés ou passando por baixo de suas pernas.

Daniel largou a estátua que trazia nas mãos em um canto e correu para ajudar seu amigo. Com uma rasteira rápida, ele derrubou o primeiro homem que ameaçava Chao com sua espada. Outros dois homens zuniram suas armas na direção de Daniel e, por acidente, um deles cortou um pedaço do pé de seu comparsa, que Daniel acabara de derrubar e estava sendo desarmado por Chao. Enquanto o homem no chão berrava e Chao o mantinha imóvel apertando a espada, que acabara de pegar, contra a garganta de seu dono, Daniel se esquivava das espadas dos outros dois saqueadores que o atacavam ferozmente. Um deles conseguiu alcançar Daniel e cortou a superfície da pele de sua barriga com a lâmina afiada.

Daniel deslizou através do piso do templo agarrando as pernas de um deles em uma “tesoura”. Ele derrubou o homem e pôde-se ouvir o baque surdo provocado pelo choque da cabeça do saqueador no assoalho de pedra. Cada homem que Daniel derrubava lhe causava uma sensação de euforia e satisfação. A adrenalina que percorria seu corpo não permitia que ele sentisse o corte em sua barriga e a estranheza da situação fazia com que Daniel se afastasse da realidade do que estava acontecendo e sentisse o perigo como se fizesse parte de um jogo. Ele não pensava que poderia morrer ali, apenas desejava testar suas habilidades adquiridas durante sua estadia no templo.

Daniel apanhou a espada do homem que estava caído próximo a ele e enfrentou o terceiro bandido. Depois de trocarem alguns golpes, Daniel girou, agarrou o braço do homem a sua frente, tomou sua espada e torceu o braço do saqueador. Daniel pôde ouvir o estalo do braço se quebrando e o grito de dor do homem que ele mantinha às suas costas.

Chao Hong se aproximou com sua espada em punho. O homem no chão, que ele estava guardando,

não se levantaria. Uma parte de seu pé tinha sido decepada e o bandido suava de dor enquanto segurava o ferimento provocado no acidente. Nesse momento, o homem, que havia batido a cabeça e estava no chão, recobrou a consciência e atacou Chao Hong. Ele pegou o menino de surpresa pelas costas, atirando o garoto em cima do incensário aceso. Daniel empurrou o homem com o braço quebrado no chão e correu para socorrer o amigo, mas foi impedido pelo bandido que havia empurrado Chao no incensário e que agora estava em pé parado em seu caminho.

Daniel colocou as duas espadas que tinha nas mãos contra o pescoço do bandido desarmado que se afastou, mas os segundos perdidos ali foram suficientes para que Daniel não chegasse ao incensário antes de ver as roupas de seu amigo em chamas. Daniel puxou Chao do incensário e bateu na parte de trás de seu ombro esquerdo para apagar o fogo que ardia naquele lugar. Chao Hong gritava e chorava de dor enquanto o saqueador ria diante da cena.

Olhando para a expressão maligna do homem a sua frente, um misto de fúria e terror tomou o coração de Daniel. Aquilo a sua frente não era um homem, mas uma personificação do próprio demônio. Daniel moveu-se rapidamente, girou e se posicionou às costas do bandido mantendo as duas espadas que tinha nas mãos no pescoço do monstro. O saqueador parou de rir e tremeu. Com um golpe rápido de mãos, Daniel poderia decapitá-lo e parecia claro para todos dentro do templo que ele estava disposto a fazer isso, quando Chao Hong chamou ainda com lágrimas nos olhos:

- Jian Shi, não faça isso. Nós somos monges e estamos em um templo sagrado. Somos monges. Não se esqueça que somos monges.

Daniel empurrou o homem a sua frente em direção ao bandido com o braço quebrado. Seus olhos se encheram de lágrimas enquanto ele observava a expressão de dor de seu amigo. Ele enfim havia despertado para o terror daquela noite e para o horror da violência que se abatera sobre o templo. Logo Nuan entrou no recinto para verificar se nada havia sido roubado. As estátuas e relíquias estavam intactas, mas Chao estava bastante ferido e a barriga de Daniel estava coberta pelo sangue de seu ferimento. Nuan ajudou seus colegas a trazer os três ladrões para fora e Daniel chegou a tempo de ver a vitória final dos monges diante da escadaria principal do templo. Muitos dos saqueadores estavam feridos e se arrastavam pelas escadas em direção ao muro. Os que resistiam eram bloqueados pelos monges posicionados no alto da escadaria e eram espancados por seus bastões. Muitos rolavam escada abaixo e outros eram desarmados com certa facilidade pelos monges mais experientes.

Conforme os ladrões hesitavam em subir as escadas, alguns monges faziam menção de descer os degraus em direção a eles, mas Cheng Zhi os impediu:

- Não abandonem o perímetro, mantenham suas posições, não vamos perseguir ou encurralar um grupo derrotado. Sun Tzu nos ensina que isso não é sensato.

Os saqueadores continuavam subindo, mas ao chegarem no alto da escadaria sentiam como se tivessem se lançado contra um muro de tijolos. Os monges mal se moviam enquanto seus bastões açoitavam os agressores violentamente. Antes de o dia amanhecer, os saqueadores já haviam deixado o templo. Eles saíram do local abatidos. Os feridos eram carregados pelos seus companheiros e o próprio Cheng Zhi abriu os portões para facilitar a fuga dos últimos desistentes.

Os monges, cansados e feridos, sentaram-se nos pátios e nas escadarias entre os jardins pisoteados e vasos quebrados. Os objetos dentro do templo estavam intactos, mas os prejuízos causados pela batalha

eram visíveis. Os monges que não estavam feridos socorriam seus companheiros enquanto mestre Ayra trazia pomadas e unguentos em uma grande bolsa de tecido. Alguns monges haviam se cortado, outros haviam quebrado braços, costelas ou pernas, mas todos estavam vivos e isso representava uma grande vitória, ainda mais por saberem que os invasores haviam saído dali em estado muito pior. Mas, em meio ao cenário de violência e destruição, os monges sentiam que não havia qualquer motivo para comemoração. Eles permaneciam em silêncio, gemiam ou falavam baixinho enquanto ajudavam seus companheiros ou eram auxiliados por eles.

Agora que seu corpo havia esfriado, Daniel podia sentir a dor causada pelo corte em sua barriga, mas sua preocupação maior estava em conseguir ajuda para o amigo. Daniel trazia consigo um pesado balde com água fazendo com que seu corte sangrasse ainda mais. Ele se sentou ao lado de Chao na grande escadaria, rasgou a túnica do garoto expondo o ferimento em suas costas e começou a lavar o local com água fria. Havia bolhas em diversas partes nas costas de Chao Hong, mas a pior queimadura era pequena, estava localizada atrás do ombro do menino, um pedaço de carvão em brasa havia aderido ao local, que estava escuro e em carne viva. Enquanto tratava o ferimento de Chao, Daniel chamava com lágrimas nos olhos:

- Mestre Ayra. Me ajude.

Mas foi Ming quem atendeu ao chamado. Ela trouxe consigo uma pomada especial que Ayra acabara de lhe entregar e espalhou seu conteúdo nas costas de Chao prometendo resultados milagrosos enquanto recomendava ao menino que ficasse em repouso e sempre sem camisa até que as feridas estivessem curadas. Os monges que passavam pelo menino o cumprimentavam com a saudação Kim Lai. Se Chao Hong não tivesse despertado a todos naquela madrugada, os monges poderiam ter sido mortos enquanto ainda dormiam. Mais tarde, Daniel recebeu alguns pontos em sua barriga. A anestesia ou os analgésicos ainda não haviam sido inventados e Daniel e Chao controlavam a dor tomando pequenas doses de “beladona” sabendo que se ingerissem uma quantidade errada das sementes venenosas poderiam morrer intoxicados.

Nos dias que se seguiram, não houve as atividades costumeiras do templo, os monges se mantinham ocupados na limpeza e reconstrução do local, assim como na recuperação dos feridos. Daniel não podia fazer grandes esforços correndo o risco de abrir os pontos em sua barriga, mas logo se colocou à disposição para ajudar nas tarefas mais simples ao mesmo tempo em que se dedicava a acelerar a recuperação de Chao, fazendo visitas e passando pomadas. O garoto sempre agradecia a dedicação de Daniel, dizendo:

- Você salvou a minha vida, Jian Shi. Se você não tivesse entrado no templo naquele momento, eu teria sido morto pelos bandidos.

- Foi muita sorte mesmo, Chao. Mas não precisa me agradecer. Você teria feito o mesmo por mim. É para isso que servem os amigos, não é mesmo?

As bolhas e ferimentos nas costas de Chao Hong não demoraram para cicatrizar com o auxílio das pomadas elaboradas por mestre Ayra. Parecia que a maior parte dos ferimentos não deixaria marcas, exceto pela cicatriz profunda em seu ombro esquerdo. A cicatriz tomou um formato peculiar. Conforme tratava os ferimentos do amigo, Daniel quase podia identificar a figura de um dragão chinês enrolado em si mesmo desenhando-se no ombro de Chao. A marca era escura e saliente, visível mesmo de longe e Daniel imaginava que podia ter sido moldada por alguma das figuras que ornamentavam o incensário.

Um enorme marco de pedra (estela) foi erguido na frente do templo. Os monges entalharam inscrições contando sua história. Falando sobre o dia em que o templo havia sido invadido e protegido pelos Shaolins. Hui ajudou na confecção do artefato. Ele havia lutado bem durante a batalha e parecia mais orgulhoso que qualquer outro com seus feitos e quando os discípulos voltaram a se reunir com mestre Cheng Zhi, Hui não hesitou em pedir a palavra:

- Mestre, esses bandidos estavam em grande número, não pareciam ser andarilhos comuns, mas sim um exército em formação. Nós lutamos bravamente e você tem muitos conhecimentos sobre táticas de guerra. Você não acha que devemos oferecer nossos préstimos ao imperador que patrocina nosso templo?

- Hui, nós somos monges, pregamos a não-violência. Eu ensino a arte da guerra para que ela sirva como metáfora de conduta em uma vida honrada e pacífica. Você ainda é muito jovem e peço que tenha paciência, mas aqui não é uma prisão, se você perceber que não tem vocação para o monastério mais tarde, você terá minha permissão para oferecer seus préstimos ao imperador.

A vitória dos monges naquela noite nunca sairia da memória de Hui. Cerca de dez anos mais tarde, a partir daquele dia, ele reuniria um grupo com trinta monges que ofereceriam seus préstimos como guerreiros ao imperador Li Shimin. Hui e outros monges se destacariam em batalha dando origem à lenda dos 13 guerreiros Shaolin, que narra a história de 13 monges que salvam o imperador capturado. Mas isso ainda estava longe de acontecer. Essa noite os monges Shaolin dormiriam na mais perfeita paz. E Daniel teria um sonho que o traria de volta ao seu caminho.

Capítulo X – Visita à caverna de Bodhidharma

Daniel flutuava rapidamente através de uma trilha sinuosa que subia a montanha Song até uma caverna entalhada na rocha maciça. Uma névoa clara parecia estar sempre presente em toda parte. Daniel entrou na caverna escura e encontrou uma figura feminina, que parecia reluzir na penumbra do local, meditando na posição de lótus. Ele tocou no ombro da pessoa, que mais parecia um anjo iluminado. A moça retirou o véu que cobria sua cabeça e olhou diretamente nos olhos de Daniel. Aquela era Jeniffer, sempre linda, sempre angelical. Daniel sentou-se em frente a ela também na posição de lótus, mantendo as pernas entrelaçadas e seus pés sobre as coxas. A moça sorriu por um instante, mas em seguida sua expressão se tornou melancólica. Ela perguntou:

- O que você está fazendo aqui?

Ele respondeu abaixando a cabeça:

- Eu sou um monge agora.

- Você sabe que isso não é verdade. Você não deveria estar se preparando para mudar o mundo? Você tem que voltar para o seu tempo.

- Mas eu estou feliz aqui.

- Isso significa que você se esqueceu de mim?

- Não. Mas eu desisti de você. Estou mais feliz assim.

Jeniffer se aproximou de Daniel. Ele quase podia sentir o perfume quando a moça cochichou em seu ouvido como se estivesse prestes a contar um grande segredo:

- A felicidade é superestimada.

Nesse instante Jeniffer desapareceu e Daniel se viu sentado sozinho na caverna. Ele olhou para si mesmo. Seu corpo era o mesmo corpo ocidental e gordinho de outrora. E nesse instante Daniel despertou. Ele ainda estava no templo, aprisionado no corpo de Jian Shi, deitado na cama de Jian Shi e usando todos os objetos de Jian Shi. Daniel sentiu-se mal. Sentiu como se não fosse diferente dos bandidos que invadiram o templo não fazia muitos dias. Ele se deu conta de que a ideia que lhe havia ocorrido não o convencera de verdade. Ele não era Jian Shi e estava roubando a vida que o monge lhe emprestara. Daniel não sabia como sair daquela situação, mas sentiu em sua alma que o sonho que teve naquela manhã não havia sido um sonho comum. Ele havia encontrado uma pista e estava prestes a deixar o templo e Jian Shi para trás.

O rapaz se vestiu com a túnica cerimonial que encontrou no baú, ela era feita de seda amarela e deixava o ombro direito à mostra, assim como as vestimentas de Buda. Aquele era um dia como outro qualquer, mas Daniel sentia que estava saindo de seu quarto para se despedir e que em breve faria uma grande viagem e, por isso, queria sair vestido com estilo. Ele apanhou as “rodas do tempo” de dentro do baú e saiu para os pátios externos. Ele atravessou o templo e encontrou Cheng Zhi meditando em uma ilha de pedra em meio ao jardim recém-reconstruído. A sombra de Daniel se projetou sobre o mestre fazendo com que ele abrisse seus olhos. Ao ver seu discípulo na roupa cerimonial, com uma expressão de tristeza nos olhos e um objeto estranho nas mãos, mestre Cheng sorriu como se adivinhasse o que estava por vir:

- Então, chegou o momento de você nos deixar. Não é isso mesmo, espírito do futuro?

- Sinto que sim, mas não tenho certeza de como farei isso. Tive um sonho e sei que devo ir até a caverna de Bodhidharma para encontrar uma resposta. Mas não sei se vai dar certo, se estou mesmo pronto para voltar ao lugar de onde vim.

O mestre parecia sentimental quando se levantou:

- Pelo que posso ver no seu rosto, tenho certeza que sim, discípulo Daniel. Posso garantir que você parece muito diferente agora do que era no dia em que chegou. Eu sinto força e confiança em você. Acho realmente que isso era o que eu tinha de melhor a oferecer para alguém como você e tenho certeza de que você está pronto. Vou sentir falta de nossas conversas. Espero que tenha encontrado o que veio procurar aqui, que não se esqueça do que eu ensinei e principalmente, que não se esqueça de mim. Você vai levar uma parte de mim com você. Toda vez que nos aproximamos de alguém que nos modifica, nós unimos essa pessoa a nós mesmos e assim nos tornamos maiores. Eu me tornei maior por conhecer você e sei que uma parte de mim permanecerá viva no futuro, por que essa é a parte que você carrega de mim consigo. Essa é a beleza da amizade. Ela nos torna maiores.

Mestre Cheng Zhi fez a saudação Kin Lai para Daniel que retribuiu. Daniel parou ainda por um momento diante do mestre que havia lhe ensinado tanto e não se conteve. Ele abraçou o velho com força e Cheng Zhi retribuiu sorrindo. Ao se afastarem, Daniel falou:

- É assim que nos despedimos no lugar da onde eu venho.

Os dois sorriram, enquanto Daniel olhava para o pátio abaixo das escadarias. Kun, Nuan, Hui, Shun e Ming carregavam pesados baldes de água em suas costas. Daniel tinha vontade de se despedir de seus amigos, mas não sabia como fazer isso. Logo Jian Shi estaria de volta, retiraria os pontos da barriga e se juntaria a eles. Daniel se preparava para sair da presença do mestre sem dizer nada a mais ninguém quando viu que Chao Hong se aproximava pelas suas costas. O garoto viu a última cena e ouviu as últimas palavras de Daniel se despedindo do velho mestre. Ele se aproximou com uma grande apreensão no olhar, perguntando:

- Para onde você vai, Jian Shi?

O mestre Cheng Zhi foi quem respondeu:

- Jian Shi vai apenas meditar na caverna de Bodhidharma. Ele veio pedir minha autorização.

- Por quanto tempo?

O mestre continuou respondendo:

- Pelo tempo que for necessário. Pode levar apenas algumas horas ou talvez alguns dias.

- Mas, por quê?

Daniel tomou a palavra:

- Você sentiu alguma diferença em mim nas últimas semanas?

- Sim.

- Quando eu terminar de meditar você terá seu velho amigo de volta. Eu voltarei a ser como era antes.

Chao Hong parecia aturdido:

- Jian Shi, você é meu melhor amigo. Não me importo se você mudou. O mais importante é que ainda é uma boa pessoa e se preocupa comigo.

- Isso nunca vai mudar, Chao Hong.

Daniel deu um abraço no menino e pôde ver claramente a ferida, que cicatrizava bem em seu ombro esquerdo, o dragão chinês desenhado ali estava cada vez mais nítido. Daniel se pôs a caminho. Ele desceu as escadarias e passou por seus amigos acenando. Os discípulos de Cheng Zhi olharam para ele surpresos, mas não disseram nada. Logo eles se informariam sobre o destino de Jian Shi através de Cheng Zhi, que contaria a mesma história que fora dita para Chao Hong. Daniel subiu um pouco a encosta escarpada do templo e se deparou com a floresta de pagodas. Aquele era um lugar sagrado, um cemitério onde as cinzas dos monges eram guardadas depois de suas mortes no mosteiro. O local das cinzas era marcado por construções que se assemelhavam a pequenos prédios que lembravam os pagodes chineses. Aquele era o local de moradia eterna para os monges e essas construções cobriam uma grande extensão, formando uma verdadeira floresta de pequenos prédios dividindo o espaço com as árvores.

Daniel sentia a atmosfera mágica, que parecia cobrir toda a montanha, mesmo depois de deixar o cemitério e alcançar a trilha, subindo através da floresta que levava à caverna. A subida era íngreme, mas a caverna ficava a apenas cerca de um quilômetro e meio de distância do templo e Daniel logo encontrou o local sem qualquer dificuldade. A caverna entalhada na rocha trazia consigo uma lenda. Dizia-se que ali, o mestre indiano Bodhidharma, que trouxera o budismo para a China, havia meditado por nove anos consecutivos. A lenda também contava que para se manter acordado durante a meditação, o monge havia cortado as pálpebras e seu olhar penetrante esculpiu a caverna, que Daniel tinha diante de si. Não havia ninguém esperando por Daniel naquele local, mas dentro da caverna o rapaz encontrou uma esteira coberta por uma tapeçaria ricamente trabalhada. As flores de lótus douradas se destacavam bordadas no tecido vermelho-escuro. O trabalho parecia luxuoso e Daniel se perguntou o que uma peça valiosa como aquela poderia estar fazendo abandonada naquele lugar.

Sem saber o que deveria fazer, Daniel sentou-se na tapeçaria e começou a observar as “rodas do tempo”. Parecia que uma palavra estava começando a se formar de forma espontânea no relógio. O rapaz achou por bem não interferir no andamento das coisas, estava certo de que ele deveria estar ali naquele momento e que em breve tudo se resolveria por si só. Ele fechou os olhos em meditação e ficou assim até perder a noção do tempo. O estômago do rapaz começou a roncar de fome e, depois de algumas horas com os olhos fechados, diversos pensamentos invadiram sua meditação. Daniel começou a pensar que seu sonho pudesse não ter passado de um sonho, talvez não houvesse nenhum sinal naquilo tudo no fim das contas e talvez não fosse realmente culpa dele estar vivendo a vida de Jian Shi. Afinal, ele não havia pedido por nada daquilo, ele já havia tentado entender as “rodas do tempo” sem sucesso e não sabia como sair daquela situação.

Daniel estava decidido a voltar para o templo quando abriu os olhos e só então percebeu que não estava só. Havia alguém sentado ao lado dele. Uma figura feminina usando um véu que cobria seu rosto como em seu sonho. Daniel estava surpreso, não entendia como seu sonho poderia se tornar realidade daquela forma, mas como tantas coisas estranhas já haviam acontecido com ele, o rapaz passou a

imaginar que nada mais seria impossível a essa altura. Então ele chamou:

- Jeniffer!

A mulher sentada a seu lado removeu o véu mostrando seus cabelos brancos e longos que se estendiam até tocar o chão. Daniel tomou um susto. Não era Jeniffer sentada a seu lado, e sim, mestra Gaila, que olhava para ele com um sorriso no rosto e seu olhar antigo como no dia em que ele a conheceu. Daniel se colocou em pé imediatamente. Parecia indignado com a surpresa:

- Então, você resolveu aparecer. Que ideia foi essa de me trazer aqui sem a minha permissão?

- Você não me pareceu tão chateado na maior parte do tempo. Sei que gostou do meu presente. Olhe só para você agora. Está seguro, confiante... Seria capaz de dizer tudo o que lhe viesse à mente mesmo diante de um rei sem gaguejar uma vez sequer. Finalmente aprendeu que a opinião dos outros é menos importante do que fazer o que é certo, ser ouvido e agir de forma verdadeira.

- E o que você veio fazer aqui?

- Acho que você já sabe. Seu tempo aqui se esgotou. Você deve devolver o corpo de Jian Shi. Ele tem muito o que fazer por si só.

Daniel voltou a se sentar ao lado de mestra Gaila. Depois do primeiro choque, ele parecia bem mais tranquilo:

- E por que só agora? Eu já havia aprendido a controlar minha ansiedade e superei minha timidez há algum tempo. Por que me deixou participar daquela batalha?

- Lutar ao lado das pessoas que você ama, defendendo aquilo em que você acredita, é uma lição que eu não poderia negar a você. Esse é o maior valor da coragem e da amizade. Fazer o que for preciso para fazer o que é certo, é assim que se modifica o mundo. Considere essa lição como sua prova final. Além do mais, achei que você gostaria de ter a oportunidade de salvar a vida de um grande mestre que ainda por cima é seu amigo e sempre será.

- Eu não salvei a vida de Cheng Zhi. Ming lutou ao lado dele mais que qualquer outro e o mestre Cheng sabe bem se defender sozinho...

- Estou me referindo a Chao Hong.

- Chao Hong é um grande mestre?

- Ainda não, mas logo será. Como monge no templo Shaolin, ele logo se tornará um discípulo muito valorizado por Cheng Zhi e um dia ele superará seu mestre, se tornando ainda mais sábio. Isso é fascinante, você não acha? Nunca sabemos ao certo a quem estamos salvando quando salvamos a vida de uma criança...

Daniel ouviu as palavras de mestra Gaila com uma pontinha de decepção:

- Eu pensei que fosse Jian Shi quem se tornaria o mestre que iria suceder Cheng Zhi.

Mestra Gaila riu alto, como se soubesse de um segredo que lhe pareceu muito engraçado naquele momento, mas que Daniel não pôde compreender. Enquanto ainda ria ela falava:

- Eu compreendo seu apreço por Jian Shi. Você torce por ele como se torcesse por você mesmo, não é verdade? Isso é natural.

- Mas o que vai acontecer com Jian Shi depois que eu interferi tanto na vida dele?

Mestra Gaila voltou a ficar serena:

- Não se preocupe com Jian Shi. Sua interferência foi bastante benéfica e ele vai se lembrar de você da mesma forma como você continuará se lembrando dele quando partir. Mas Jian Shi nunca poderia se tornar um mestre, na verdade, ele nem ao menos será um monge por muito tempo. O monastério não é o destino dele e nem o de Ming.

Daniel compreendeu o que mestra Gaila dizia:

- Você está dizendo que eles irão fugir juntos um dia desses?

- Não. Jian Shi é honrado e nunca faria uma coisa como essa. Ele vai tirar mais proveito das aulas de medicina do que você tirou. Ele vai pedir autorização para o mestre Cheng Zhi, que o apoiará com toda a generosidade de seu coração. Depois de deixar o templo ele irá cultivar ervas medicinais, Jian Shi vai começar oferecendo seus serviços como médico de porta em porta. Depois de conseguir algum dinheiro, ele vai abrir sua própria casa de chá e só então vai retornar ao templo para pedir a mão de Ming em casamento. Os dois serão muito felizes juntos e terão a bênção e a amizade de Cheng Zhi, que afinal, é o tio da menina.

Daniel mal podia acreditar no que mestra Gaila dizia. Ele pensou que Jian Shi era mais diferente dele do que ele próprio imaginava. Daniel nunca sentiu qualquer atração por Ming e imaginava que Jian Shi teria muito trabalho lidando com aquela moça tão durona e difícil de conviver. Mestra Gaila interrompeu seus pensamentos com um comentário que ele não compreendeu, mas que fazia parte daquele segredo do qual ela estava rindo há alguns instantes:

- O gosto das pessoas muda muito com o passar do tempo e de uma encarnação para outra. Isso faz parte do mistério dos homens.

- Como você sabe essas coisas sobre o futuro das pessoas?

- Daniel, você se esqueceu que nós estamos no passado? Mas isso não importa. Presente, passado, futuro, isso tudo é relativo e eu conheço tudo o que há para se conhecer. Para mim, o único problema do tempo é o peso de lembrar de tudo que eu já vi. Mas a questão aqui não sou eu, mas sim você. O que você vai fazer quando retornar ao seu tempo?

- Vou tentar retomar as aulas que eu perdi.

- Você não perdeu aula alguma. Não deve se preocupar com isso por enquanto. Estou perguntando o que você pretende fazer com relação ao garoto que perturba você no seu tempo. Toda essa longa conversa é sobre isso, se lembra?

- Se ele não me atacar, não vou fazer nada. Mas o Anísio anda sempre cercado por outros garotos que parecem estar prontos para me agredir a qualquer momento. Agora eu sei me defender, mesmo de um grupo com dez garotos como aqueles. Eu tenho direito de mostrar a eles do que sou capaz se eles me atacarem em bando como estão acostumados a fazer.

- Então você pretende bater em todos eles?
- Se for preciso...
- E o que você vai fazer para que isso não seja preciso?

Daniel olhou para mestra Gaila com sua costumeira expressão de perplexidade diante de suas perguntas sem sentido e comentários indecifráveis. Para Daniel, precisar se defender ou não, dependeria do que os outros garotos iriam fazer e não de um desejo dele:

- Não vou fazer nada, apenas esperar pelo melhor.

Mestra Gaila sorriu:

- Sei que você prestou atenção nas palavras de Cheng Zhi enquanto ele citava Sun Tzu. Ele falou a você que a melhor vitória é aquela alcançada sem que tenhamos que lutar. Imagine só, vencer uma batalha sem ter que sair ferido com um corte na barriga ou sem ter que ser expulso do colégio por bater em seus colegas? Essa vitória não seria muito mais gratificante? E quantas vezes você teria de bater em alguém até que as pessoas parassem de atacar você? Eu mesma respondo, Daniel. Quando uma pessoa ganha uma disputa usando a violência, ela está apenas se preparando para infinitas disputas e nunca alcançará o resultado mais desejado, a paz. Eu sei que você sabe disso e sei também que você só pensa em agir de forma diferente porque não conhece a solução. Mas eu vou mostrar para você a solução lhe dando mais um presente...

Enquanto mestra Gaila falava, uma palavra terminava de se formar no relógio que Daniel tinha nas mãos. O rapaz olhou para o alinhamento por um instante e pôde perceber que a palavra “política” podia ser lida de forma perfeitamente clara entre as engrenagens, que se moviam cada uma em seu próprio ritmo. O som de dois guizos soou dentro do mecanismo. As últimas palavras que Daniel ouviu antes de entrar novamente no turbilhão do tempo, que se abria abaixo de seus pés, saíram da boca da mestra, que concluiu dizendo:

- Se você não sabe para onde deseja ir, o destino decide por você.

Capítulo XI – O jardim japonês e as cerejeiras em flor

Daniel viu-se novamente no turbilhão alucinante do tempo, agarrando fortemente o relógio mágico que tinha nas mãos. Abaixo de si, ele segurava também a tapeçaria bordada com flores de lótus, que se movia em uma velocidade próxima à da luz ao redor do globo terrestre. Daniel tentava conter os gritos, ele já havia passado por isso antes e imaginava estar indo de volta para casa, mas os gritos saíam mudos de sua garganta, mesmo contra sua vontade. Ele se lembrava das montanhas-russas que frequentou em diversos parques de diversões, não importava quantas vezes sua mente racional informasse que o brinquedo era seguro, Daniel não podia evitar gritar e agora, em sua nova viagem através do tempo, parecia ainda mais inevitável, já que Daniel não podia ouvir seus próprios gritos e se auto-avaliar.

A tapeçaria pousou no solo rapidamente como se fosse um objeto saído dos contos das mil e uma noites. Daniel ouviu um grito agudo e estridente assim que pousou e tampou rapidamente a própria boca constatando que o som vinha dele. O rapaz assustou-se com o próprio grito e se arrastou um pouco para trás com o susto. Ele sentiu o tapume feito de bambu e papel de seda às suas costas e imaginou por um segundo que tivesse voltado ao templo Shaolin, mas essa ideia foi repelida quase que instantaneamente de sua mente. Aquele não era seu tempo de origem, mas, ao mesmo tempo, Daniel sabia que não estava mais no templo, ele sentia que estava em casa, mas não onde esperava estar.

A sua frente havia uma mesa baixa com pergaminhos cobertos por caracteres japoneses. Ele havia escrito aquelas frases não fazia nem alguns minutos, mas não entendia como isso era possível. Ao lado da varanda onde se encontrava havia um pátio interno onde um magnífico jardim havia sido planejado em cada detalhe. Uma enorme cerejeira coberta por flores rosadas enchia o ar com um perfume característico, enquanto a brisa carregava algumas pétalas, que flutuavam até alcançar a superfície de um lago de carpas adornado por uma pequena ponte. O único som que se ouvia ali era o de uma fonte feita de bambu, que ficava próxima a ele.

Antes que pudesse descobrir onde estava, Daniel se deparou com um japonês alto, de meia idade, com os cabelos lisos e pretos cortados em forma de cuia e vestindo um quimono azul-celeste. O homem correu em sua direção, alarmado pelo grito:

- A senhorita está bem? Viu algum inseto?

Daniel não sabia o que responder. Aquele era Bunko, ele o conhecia desde que era uma criança, mas não entendia como. Também não entendia por que o homem o havia chamado de senhorita, mas sabia que Bunko estava ali para servi-lo e pensou rapidamente em algo para tirá-lo de perto enquanto buscava se orientar:

- Você pode me trazer um copo de água, Bunko?

A voz que saiu da garganta de Daniel era fina e adocicada. Ele pigarreou tentando corrigi-la, mas de repente se deu conta de que era assim mesmo que ela deveria soar. Ele estava falando japonês. Sua voz sempre fora fina quando ele falava em japonês. Bunko assentiu respeitosamente com a cabeça, se retirando enquanto Daniel olhava para si mesmo desvendando o mistério. Ele estava vestindo um quimono de primavera. A estampa com flores rosadas cintilava na seda clara. Daniel apalpou o próprio corpo, ele já não era mais Daniel ou Jian Shi. Ele era uma menina. Tinha catorze anos e seu nome era Gina. Daniel estava furioso, como se tivesse acabado de passar por uma brincadeira de mau gosto:

- Eu mato aquela velha quando botar minhas mãos nela. Eu juro que a estrangulo.

Bunko voltou com a água:

- Você falou alguma coisa, senhorita Gina?

- Não Bunko, estava apenas resmungando.

- A senhorita parece estar muito nervosa. Foi mesmo um inseto que a assustou?

Daniel pensou em algo que uma menina diria nesse momento tentando disfarçar sua fúria:

- Sim, era uma barata enorme...

Daniel respondeu de forma exageradamente afetada e não pôde conter uma gargalhada histérica. Sentiu por um momento que estava perdendo a razão, não sabia se a situação era feita para rir ou para chorar. Depois pensou que não deveria chorar. Aquilo era um absurdo, ele estava apenas há alguns segundos na pele de uma menina e já estava pensando em chorar. Daniel sentiu que sua masculinidade havia sido comprometida e sentiu-se nervoso e inseguro como nunca havia se sentido antes, mesmo em seus anos de timidez no colégio. Ele ergueu as mãos em direção a Bunko como se implorasse pelo copo de água sem se levantar. Ele ainda não estava em condições de se mover. Bunko lhe entregou o copo e Daniel bebeu a água em grandes goles tentando controlar seu nervosismo. Depois começou a respirar da forma como mestre Cheng Zhi lhe ensinara. Bunko estava assustado e preocupado:

- O que houve? Você parece estar péssima, senhorita. Está se sentindo mal?

Daniel respondeu tentando engrossar um pouco a voz feminina de Gina:

- Sim, estou me sentindo muito mal. Eu vou ficar um pouco no meu quarto.

- Vá sim, senhorita Gina. Eu arrumo os pergaminhos e pincéis do seu treino de caligrafia. No susto, você deixou um dos pincéis cair. Eu apanho tudo e limpo a varanda para a senhorita.

Daniel sentiu-se incomodado com a gentileza de Bunko. Sentia aflição por estar sendo tratado como uma moça. Ele se levantou do local ainda aturdido. Bunko lançou um olhar de desaprovação em sua direção. Daniel não havia se levantado da maneira correta, aqueles não eram modos aceitáveis para uma menina como Gina. O rapaz no corpo da mocinha percebeu o erro, Gina não agia como uma menina comum. Não seria difícil para ele imitar seus hábitos porque nada do que ela fazia era espontâneo, Gina havia treinado à exaustão a forma como deveria se levantar, andar, se mover, comer e falar. Daniel olhou para a tapeçaria bordada no chão. Ela não havia se desintegrado no ar como aconteceu ao banco de madeira, ela pertencia àquele local, pertencia a okiya (casa de chá) e Gina não era apenas uma menina. Ela era uma maiko, uma aprendiz de gueixa.

Os pensamentos de Daniel se tornaram ainda mais turbulentos enquanto ele se dirigia ao quarto que pertencia à menina no andar acima do enorme salão decorado como um restaurante com palco central, que ele atravessava. Ele tinha impressões terríveis a respeito das gueixas por causa das informações imprecisas recebidas em sua educação ocidental, mas para cada informação preconceituosa trazida à tona por sua mente original, as memórias de Gina afloravam rebatendo os velhos conceitos com a realidade da menina. Gueixas eram simplesmente artistas. Por muitos anos, no Japão, apenas homens podiam exercer essa função e os artistas masculinos que se apresentavam profissionalmente eram chamados de otoko-geisha. As regras do mundo japonês haviam mudado e nos dias de Gina a situação havia sido

praticamente invertida, agora, as gueixas (artistas) em sua maioria eram mulheres e uma série de regras e tradições surgiram a partir daí. Gina vivia longe da família e dedicava toda sua vida aos ofícios da dança, da música e da arte teatral.

Daniel entrou no quarto. Lá havia uma cama confortável sobre uma plataforma baixa, uma penteadeira com espelho e muita maquiagem, um tapume, que escondia o armário com os trajes tradicionais de uma maiko, uma pequena estante com enfeites de cabelo e bonecas japonesas de porcelana. O rapaz no corpo de Gina deitou-se na cama tentando trazer à tona algumas informações sobre o tempo e o local onde estava. Era o décimo terceiro ano do imperador Mutsuhito (Era Meiji), ano do dragão, e ele estava em Tóquio (capital do leste), a atual capital do império.

Daniel olhou mais uma vez para o relógio mágico que tinha em suas mãos. A palavra “política” ainda estava perfeitamente alinhada entre as engrenagens, mas Daniel não conseguia compreender por que essa palavra o teria levado a uma okiya de gueixas. Ele recorreu às memórias de Gina. A menina tinha muitas informações sobre a história daquele lugar. As gueixas haviam ajudado a família imperial a retomar o poder depois de passados mais de duzentos e cinquenta anos do Xogunato Tokugawa. Os xoguns eram generais que possuíam um grande exército particular e, por isso, passaram por cima do poder do imperador. No Xogunato Tokugawa o comércio exterior foi abolido e muitas liberdades foram cerceadas, uma delas era o direito de se reunir em locais públicos para discussões políticas. As gueixas ajudaram o imperador abrindo as okiyas para essas reuniões. Os colaboradores do imperador fingiam que estavam ali para assistir ao espetáculo enquanto planejavam a retomada do poder, sempre contando com a lealdade e discrição das gueixas.

Agora que o imperador Mutsuhito estava no trono, o comércio havia sido retomado, o país modernizado prosperava e as gueixas eram vistas com o mesmo status das atrizes hollywoodianas nos países ocidentais. Mas, mesmo com todo o histórico das gueixas em sua mente, Daniel não entendia como poderia aprender sobre política naquele lugar e como esse aprendizado poderia ajudá-lo em sua vida pessoal. Daniel se levantou e começou a caminhar pelo quarto movendo freneticamente as engrenagens das “rodas do tempo” pensando somente em uma forma de sair dali e poder voltar ao seu tempo de origem. Logo a palavra alinhada entre as engrenagens estava desfeita. Mas Daniel não conseguiu alinhar nenhuma outra palavra no lugar da anterior, ele se sentou em um banco diante da penteadeira e aguardou alguns instantes olhando para o relógio, esperando que o mecanismo formasse uma outra palavra espontaneamente, mas nada aconteceu. Frustrado, Daniel colocou o relógio sobre o móvel a sua frente e suspirou.

Subitamente, o rapaz sentiu que não estava sozinho; em um relance ele pôde ver um rosto próximo a ele. Daniel saltou do banco em que estava, assustado com a figura que tinha diante de si, mas logo começou a rir de seu engano. A figura desconhecida que ele tinha visto era apenas a de sua própria imagem no espelho. Ele se sentou novamente e observou com calma o rosto refletido que tinha diante de si. A pessoa no espelho era Gina. A menina japonesa ainda ostentava os traços infantis e mesmo sem a maquiagem de maiko, e com seus longos cabelos lisos estando soltos, a menina mais parecia uma boneca que uma pessoa comum.

Daniel percebeu que a menina no espelho sorria para ele com ternura e admiração e só depois de alguns instantes ele pôde entender que era ele quem sorria. Daniel sentiu um amor profundo pela menina no espelho imediatamente. Era um sentimento diferente do que ele tinha por Jeniffer. Ele amava Gina como quem ama uma irmã mais nova e deseja protegê-la e mimá-la. Nesse momento, ficou fácil para

Daniel entender os modos com que Bunko se dirigiu a ele, aquele corpo pertencia a Gina e ela merecia todas as atenções, modos e cuidados que um ser humano pode dedicar a outro. Daniel prometeu a si mesmo que cuidaria do corpo de Gina melhor do que jamais dera atenção a seu próprio corpo enquanto estivesse nessa situação. E ali, ele compreendeu algo totalmente novo: sua relação com Gina seria diferente de sua relação com Jian Shi; ele nunca sentiria que Gina e ele seriam a mesma pessoa, mas ele faria todo o possível para cuidar da menina enquanto estivesse ali.

- Talvez eu consiga finalmente entender as mulheres no fim das contas.

Daniel se conformou com seu destino, pensando que talvez pudesse realmente aprender alguma coisa enquanto estivesse ali. Ele disse essas palavras para si mesmo enquanto pensava na vaidade feminina. Parecia impossível para ele não amar o rosto que tinha diante de si e seria impossível para a dona original desse rosto não tratá-lo com o devido cuidado e carinho. O rapaz no corpo da menina se levantou e apanhou dois leques pendurados na parede. Ele se posicionou como se estivesse se preparando para executar o Taolu do tigre que havia aprendido no templo Shaolin, mas, ao invés disso, começou a praticar os passos de dança que Gina conhecia tão bem. Dessa vez ele não permitiria que a menina tivesse sua reputação como dançarina manchada por sua inabilidade. Daniel deixou o leque cair algumas vezes enquanto fazia os malabarismos característicos da dança com eles, mas depois de algumas horas de treinamento começou a se sair bem com os passos e giros que precisaria executar se fosse chamado para uma apresentação.

Logo Daniel também se deu conta de que deveria treinar uma série de textos que a menina sabia recitar de cor e os diversos instrumentos musicais que ela sabia tocar. Seria uma tarefa hercúlea para Daniel fazer se passar por Gina, mas para sorte do rapaz, a menina ainda estava em fase de treinamento e a prática de todas essas coisas era exatamente o que todos esperavam dela. Daniel passou o dia todo atarefado. Ele se dirigiu ao salão destinado à prática de instrumentos, revirou pergaminhos com poesias e peças teatrais, executou diversos passos em frente aos espelhos na academia de dança montada na okiya e reavivou ao máximo que pôde as lembranças de Gina no curto espaço de tempo de que dispôs.

Enquanto entrava e saía das salas destinadas ao estudo de artes dentro da okiya, Daniel se deparava com outras meninas em seu caminho. Duas delas, Mika e Yuki, as mais velhas, com idades entre treze e quinze anos, dedicavam todo seu tempo somente aos estudos, enquanto outras três, ainda mais jovens, aparentando ter entre nove e dez anos de idade, passavam o tempo ajudando a criadagem com os afazeres domésticos, e só poderiam se dedicar ao ofício da dança, do canto assim como a ler e escrever em japonês em seu tempo livre. Todas as meninas que chegavam à okiya começavam a trabalhar como empregadas domésticas e somente depois de passar em testes de aptidão para as artes podiam se dedicar exclusivamente aos estudos. As meninas que não passavam nos exames estavam destinadas a trabalhar como criadas na okiya para o resto de suas vidas.

Depois de sentir que havia feito tudo o que era humanamente possível para reavivar as lembranças de Gina, Daniel parou diante da sala de música enquanto observava Mika e Yuki. As duas maikos tocavam e cantavam uma canção tradicional bastante alegre. O nome da canção era “Sakura” e falava sobre a primavera e sobre as flores das cerejeiras. Assim que viu Daniel à porta, Yuki chamou:

- Venha para cá, Gina. Precisamos que alguém toque o “koto”. Finalmente você parou, observamos você andando para cima e para baixo o dia todo.

- Eu estava apenas relembrando algumas aulas que tivemos.

- Você precisa relaxar. Não é sempre que temos um dia de folga apenas para nós como hoje.

Daniel apanhou o koto. Tratava-se de uma espécie de cítara comprida com diversas cordas e devia ser tocado com a ajuda de uma palheta. Mika tocava o shakuhachi, uma flauta de bambu, e Yuki tocava o okedo daiko, um tambor em forma de ampulheta, enquanto cantava a canção. Daniel se lembrava das notas que deveria tocar. Gina era muito dedicada e tinha uma memória prodigiosa, mas de alguma forma inexplicável, Daniel ainda conseguiu errar vários trechos da música, talvez porque sentisse que aquela era a primeira vez em que ele realmente sentia o instrumento em suas mãos. As meninas educadíssimas e serenas que tocavam diante dele não o censuravam, apenas continuavam tocando como se tudo estivesse absolutamente perfeito. Elas mantinham um sorriso tranquilo no rosto e pareciam estar mais preocupadas em se divertir do que com as technicalidades musicais. Ao final da canção, Daniel pediu que o exercício fosse repetido desde o princípio. As meninas atenderam ao pedido e Daniel conseguiu tocar toda a música errando apenas algumas poucas notas dessa vez. Ele sentiu que com mais algumas repetições logo estaria tocando exatamente como Gina, mas não se atreveu a pedir que as meninas o ajudassem nessa tarefa para não correr o risco de transformar o momento de lazer em uma aula enfadonha. Ao final da música, Mika fez um comentário, mas não estava relacionado à forma como Daniel tocou:

- O que há com você hoje, Gina? Você está tão séria, parece tensa e agitada.

- Realmente, eu não estou me sentindo muito bem desde hoje de manhã.

- Você não almoçou com a gente. Deve estar passando mal de tanta fome. Vamos até a cozinha pedir a Bunko que prepare um chá para nós.

Mika estava certa. Daniel se lembrava de estar com fome na caverna de Bodhidharma enquanto ainda ocupava o corpo de Jian Shi, mas assim que passou a ocupar o corpo de Gina a fome passou, a menina provavelmente havia acabado de tomar o desjejum e com o susto e a correria de Daniel para tentar se adaptar à nova situação, o rapaz acabou se esquecendo de comer, mesmo depois de ser convidado por Bunko. Agora já passava das cinco horas da tarde e Daniel aceitou o convite das duas mocinhas encantadoras que tinha diante de si com um largo sorriso no rosto.

As meninas tomaram uma pequena tigela de missoshiru (sopa de pasta de soja), comeram yaki manju, um bolinho com recheio de feijão doce, e beberam o chá verde servido por Bunko em uma pequena sala feita especialmente para isso, próxima ao jardim. Aquela não era a tradicional cerimônia do chá, era apenas uma reunião informal entre as meninas, mas ainda assim, Daniel sentia-se apreensivo por precisar seguir uma série de protocolos e etiquetas específicas. Bunko perguntou a Daniel:

- Você se sente melhor, senhorita Gina?

- Sim, muito melhor.

A resposta de Daniel não havia sido muito sincera, a verdade era que ele ainda estava bastante desconfortável com a situação, mas não havia outra forma de lidar com aquilo tudo: “Quando for uma borboleta, aja como uma borboleta”. Ele pensava constantemente nas palavras do mestre Cheng Zhi e respirava profundamente quando sentia que estava próximo de perder o controle.

Daniel acompanhava Mika e Yuki enquanto as meninas caminhavam pela okiya e em meio ao jardim no pátio interno. A conversa entre elas era diferente de todas as coisas que interessavam a Daniel. Elas falavam de quimonos, arranjos de cabelo e bonecas e buscavam mudar de assunto sempre que

Daniel tentava falar sobre algum estudo, peça de teatro ou poesia. A primeira impressão que Daniel teve a respeito delas não foi das melhores. Ele as considerou superficiais e infantis, mas a verdade era que as duas meninas sabiam separar melhor que ele os momentos de lazer das horas de trabalho e isso era algo que Daniel deveria aprender. Ele precisava aprender a relaxar nas horas certas.

Capítulo XII – O mundo das gueixas

Enquanto o sol se debruçava por trás das construções que cercavam o jardim japonês, Bunko tocava um pesado gongo anunciando o retorno da comitiva de gueixas. Daniel seguiu as duas maikos, que partiram apressadas em direção à entrada do grande salão para receber as mulheres que chegavam. O rapaz no corpo da menina se colocou ao lado de Yuki e Mika em posição de sentido segurando as mãos em frente ao corpo e curvando-se diante das gueixas que chegavam acompanhadas de duas damas de companhia e um camareiro de idade avançada. Uma das funções dos acompanhantes era zelar pela boa reputação das gueixas, que nunca deveriam sair sozinhas da okiya.

As quatro gueixas se moviam de forma coreografada, equilibrando-se sobre chinelos de madeira de plataformas altas (okobo) e parando uma ao lado da outra de frente para as três maikos. As gueixas eram Keiko, Shizue, Takara e Naomi. Estavam todas usando seus cabelos elaborados, vestidas com seus quimonos de primavera e maquiadas de forma característica. Toda a indumentária das gueixas era mais sóbria que a das maikos, a maquiagem era ligeiramente mais leve, deixando transparecer os traços originais das moças que exibiam no olhar sofisticação e ativez mesclada com a doçura e encanto dos sorrisos leves e modestos. Todas elas eram lindas e femininas, cada uma a seu modo. Daniel conhecia aquelas mulheres das lembranças de Gina, mas ao vê-las pessoalmente, não pôde evitar segurar o fôlego por um instante. Aquela era uma visão diferente de tudo que ele conhecia no mundo ocidental.

Naomi era a mais bonita de todas e era também a oneesan (irmã mais velha) de Gina. As duas não tinham nenhum grau de parentesco real, o sistema era similar ao do templo Shaolin e significava que Naomi estava encarregada da educação da menina mais nova. Naomi também era a herdeira da okiya. Ela era filha legítima de Amaya, a quem todas elas, maikos e gueixas, deveriam chamar de mãe (okaasan).

Apesar de Naomi ser a única gueixa com um laço de sangue na okiya, era bastante comum que as maikos ingressassem nesse ofício por ter algum membro da família em contato com mundo das gueixas. A própria Gina era neta de uma gueixa. Hoje, a avó de Gina era sustentada pela filha e pelo genro comerciante. A velha gueixa aposentada insistiu em deixar a menina na okiya da senhora Amaya. A avó de Gina dizia que essa era a única forma de uma mulher ser feliz em uma sociedade onde casamentos eram arranjados e as esposas dependiam de seus maridos e por isso eram tratadas como crianças incapazes. As gueixas tinham uma enorme dívida com a okiya e deviam obedecer e respeitar a okaasan, mas também estavam livres para escolher o amor da forma que melhor lhes conviesse e seriam totalmente livres depois de pagar sua dívida.

Amaya desceu as escadas devagar para receber as gueixas que acabavam de chegar. Havia algo nela que causava arrepios em Daniel. A senhora usava um turbante de seda para esconder o cabelo ralo. A calvície havia sido causada pelos anos ininterruptos de penteados complicados, que acabavam arrancando os fios pela raiz. Ela vestia um quimono preto cintilante e tinha um olhar assustador. Era difícil dizer o que assustava tanto em Amaya. Seus traços deixavam claro que ela já havia sido uma bela mulher, mas a forma como as rugas se desenharam com o passar do tempo, deixou nela uma expressão amarga e rancorosa como se uma espécie de maldade tivesse sido impressa para sempre em seu rosto.

Conforme as duas fileiras de moças passavam por Amaya, as gueixas e maikos se curvavam diante da senhora e seguiam de forma organizada, abandonando seus okobos na entrada da okiya. Todas elas se dirigiam a uma mesa grande em frente ao palco no meio do salão principal, ao mesmo tempo em que os acompanhantes e criados se retiravam. Daniel ajeitou o quimono abaixo de si e sentou-se entre as duas

maikos. Cada gesto era pensado antes de ser executado. Quando todas as moças estavam prontas ao redor da mesa, Amaya sentou-se na cabeceira e tomou a palavra, perguntando:

- E então, minhas filhas. Como foi a reunião?

Naomi foi quem respondeu:

- Está tudo certo. Vamos nos apresentar no castelo Edo no prazo de três semanas. Os ministros do imperador ficaram impressionados com nossa apresentação e um deles parece ter ficado realmente encantado por Keiko depois de ela ter atuado em seu monólogo, que foi excelente.

- Vocês se portaram à mesa como havia sido planejado?

- Sim, nos revezamos como anfitriãs do banquete entre uma apresentação e outra.

- E você, minha filha. Interessou-se por algum dos ministros?

- Não, mãe.

- Você deve definir sua situação. Sabe que não será jovem para sempre e mesmo sendo herdeira dessa okiya, seria ótimo se pudesse encontrar um dana (patrono) para você. Sabe que eu não posso sustentá-la para sempre. Se você não encontrar alguém logo, eu terei que escolher por você. Você já recebeu muitas propostas e não deve ficar desperdiçando oportunidades.

Naomi baixou a cabeça respeitosamente, mas parecia entristecida com a cobrança da mãe. Não era verdade que Amaya sustentava suas gueixas. Todo o dinheiro que as moças ganhavam com as apresentações em restaurantes, festas particulares e na casa de chá iam diretamente para a okiya, mas a dívida sempre aumentava e Amaya mostrava a cada ano os gastos que teve com os quimonos caríssimos, os acessórios, as aulas e a comida de cada uma delas desde que chegaram ali na infância.

Muitas gueixas saíam da okiya casadas com homens respeitáveis e ricos o suficiente para pagar a dívida da gueixa. A okiya de Amaya era a mais respeitada de toda a capital e o comportamento de suas moças era impecável o que atraía ótimos pretendentes, mas casamento não estava nos planos de Amaya para sua filha legítima. Depois de casada, uma gueixa devia abandonar a profissão e essa opção não era aceitável para Naomi. Segundo sua mãe, a moça deveria escolher um dana, que seria, em termos ocidentais, uma espécie de namorado que patrocinaria a okiya, mas não teria direito de impedi-la de fazer o que bem entendesse já que não haveria um compromisso real entre eles. Muitas gueixas preferiam essa alternativa ao casamento e os patronos das artes chegavam a montar okiyas novas para suas protegidas, que recusavam largar a profissão.

Diferentemente do que ocorria com as outras gueixas, que seriam livres para viver como bem quisessem após pagarem sua dívida, Amaya já havia feito grandes projetos para o futuro de sua única filha. A okaasan esperava que Naomi encontrasse um dana rico, respeitável e de origem japonesa. Somente dessa forma a okiya mais tradicional da cidade poderia continuar a crescer e prosperar sob o comando da moça. Contudo a senhora da okiya encontrava um empecilho quase incontornável para realizar seu intento: Naomi sempre escolheria o amor verdadeiro, e esse amor não se enquadrava no roteiro escrito por sua mãe. Amaya continuou falando, agora para todas as moças:

- Será uma grande honra fazer uma apresentação para o imperador no castelo Edo e todas as minhas filhas estão de parabéns pelo trabalho que realizaram durante tantos meses até atingir esse propósito.

Mas esse é apenas o começo. Temos apenas três semanas para preparar uma apresentação original e impecável para o imperador. E quanto às minhas gueixas, eu espero que dediquem uma atenção especial a suas irmãs mais novas, elas devem estar prontas para se apresentar e agir devidamente. Todos adoram a presença das encantadoras maikos... Naomi, Gina é nossa maiko mais preparada artisticamente, mas nunca esteve à mesa com os clientes. Dê uma atenção especial a isso, se ela se portar como um bicho do mato nessa apresentação, poderá pôr todo seu futuro como gueixa a perder.

Amaya sorriu e se levantou. Até mesmo o sorriso da senhora parecia ser malicioso e maligno. Todas as moças ao redor da mesa se levantaram e Daniel as imitou. A senhora se retirou deixando as moças paradas em prontidão no grande salão iluminado.

Depois de perceberem que já estavam a sós, as moças voltaram a se sentar, agora de forma mais descontraída. Todas riam e comentavam os detalhes do banquete onde haviam passado todo o dia. Mika e Yuki estavam curiosas e enchiam as gueixas com perguntas, apenas Daniel permanecia calado, tentando não chamar a atenção e com uma expressão um pouco assustada, mas Naomi, a seu lado, tratou de tirá-lo de seu isolamento:

- E então, Gina. Como foi seu dia?

- Normal. Não teve nada de diferente.

Yuki o desmentiu:

- Gina esteve estranha o dia inteiro. Passou mal pela manhã. Revirou a okiya de cabeça para baixo no restante do dia e deixou de almoçar.

Naomi continuou interpelando Daniel:

- Me conte tudo. O que houve?

- Nada.

Daniel se incomodava sempre que ouvia a voz de Gina saindo de sua boca, mas Naomi continuava tentando fazê-lo falar:

- Você está nervosa com a apresentação para o imperador, não é mesmo? Já vínhamos trabalhando nesse convite há bastante tempo e você se preocupou com a reunião de hoje...

- Acho que sim.

- Gina! Não é assim que se responde. Você está tão articulada quanto um baiacu. Eu tenho muito trabalho a fazer com você e você está pior do que nunca. Você precisa aprender a ser mais “Seidjiteki”.

Daniel parou por um momento olhando nos olhos negros e vivos de Naomi. “Seidjiteki” era o termo em japonês para político. Não estava relacionada apenas a questões de Estado, estava repleta de significado e Daniel compreendeu que ao usá-la, Naomi estava sugerindo que ele fosse mais articulado, charmoso, urbano, e não apenas eloquente com as palavras como também persuasivo nos modos e na forma de abordar as pessoas. Era isso que as “rodas do tempo” queriam dele, era para isso que mestra Gaila o mandara para esse lugar. Daniel não sabia o que responder, mas entendeu que se quisesse sair dali, deveria aprender a lição o mais rapidamente possível. Ele pensou que a melhor defesa seria o ataque e a melhor forma de evitar perguntas seria enchendo Naomi com perguntas, assim ele poderia

também entender melhor o que estava fazendo. Depois de um curto período de silêncio, Daniel perguntou a Naomi:

- Eu venho aprendendo a me sentar devidamente, a andar da forma correta, a comer de forma adequada desde a minha infância, mas acho que nunca perguntei o motivo de tudo isso. Por que não podemos ser mais espontâneas, Naomi? Por que temos de fazer de tudo uma grande cerimônia?

Naomi sorriu como se estivesse intrigada com a pergunta. Realmente, não era usual que as maikos questionassem seu modo de vida, elas não eram proibidas de fazer isso e não era contra nenhuma norma social. As maikos não interrogavam nada porque não tinham curiosidade, elas simplesmente faziam o que lhes mandavam, viviam suas vidas um dia de cada vez, certas de que era assim que devia ser e pronto. A maioria de nós faz isso. Mas Naomi não teve dificuldades para responder à pergunta de Daniel. Ela parecia ter meditado em silêncio sobre o assunto por anos:

- O que nós fazemos é seguir uma série de etiquetas. Você sabe para que servem as etiquetas, Gina?

- Não.

- É uma forma de mostrar consideração pelas pessoas que estão presentes. Ser educado é uma maneira de demonstrar amor pelo próximo. Para nós é quase que uma forma de religião. Você sabe quem é a pessoa mais querida de toda a Terra?

- Não.

- É a pessoa que faz com que todos que estão a sua volta se sintam especiais. Essa é mais uma arte cultivada por nós, que somos gueixas. Fazemos com que todos que convivem conosco se sintam especiais, por isso quem nos conhece solicita sempre a nossa presença.

Daniel buscou uma outra pergunta. Ele tinha como objetivo manter Naomi falando mais que ele próprio:

- Por que nos sentamos à mesa com os homens? O que eles querem com a gente?

- Nossa função à mesa é agir como anfitriãs. Os homens solicitam nossa presença porque sentem falta de conversar com mulheres. Homens e mulheres são complementares. Sentimos falta da companhia um do outro. Mas no nosso mundo, as esposas não conseguem conversar com seus maridos. Os casamentos são arranjados e elas ficam confinadas a um universo que se restringe a suas casas e não conseguem falar a respeito de nada que não esteja limitado àquelas quatro paredes. Então os homens buscam as prostitutas no bairro do prazer. Elas se vestem como nós, às vezes de forma ainda mais sofisticada, usam mais joias nos cabelos e são tão bonitas quanto nós, mas ainda assim os homens saem de lá insatisfeitos porque elas são ignorantes e não conseguem preencher suas almas. Houve um tempo em que as gueixas trabalhavam apenas com as artes, mas os clientes passaram a pedir que fizéssemos companhia a eles nas mesas enquanto comiam e se divertiam, então incorporamos essa função ao nosso trabalho porque descobrimos que os homens sentiam falta de poder conversar com mulheres inteligentes e instruídas. Há quem diga que gueixas são mestres na arte da sedução, mas a verdade é que somos apenas cultas. Usamos camadas e mais camadas de quimonos, pintamos nossos rostos escondendo nossa beleza natural, usamos o obi (faixa para amarrar o quimono) amarrado nas costas para demonstrar a nossa pureza e mesmo assim os homens se apaixonam por nós. São nossas almas que os encantam e não nossos corpos.

Algumas criadas vieram à mesa trazendo os utensílios para o jantar. Depois da mesa posta, Bunko se aproximou com uma imensa barca de sushis variados. As moças em torno da mesa comiam em silêncio, pensando nas palavras de Naomi. Quanto a Daniel, aquela era a primeira vez que ele comia peixe cru. Ele conhecia o protocolo graças a Gina, o salmão era mergulhado no molho de soja, depois se acrescentava uma pitada de wassabi e gengibre, mas mesmo assim, Daniel sentia um pouco de receio em levar o peixe cru à boca. A princípio, seu paladar ocidental estranhou o gosto da refeição, mas estranhamente, depois de saborear o primeiro sashimi, ele não pôde mais parar de comer. Depois dessa experiência, Daniel nunca mais deixou de sentir vontade do prato típico japonês. Anos depois de passada sua experiência através do tempo, ele ainda pensava que a barca servida nesse dia por Bunko deveria vir com um aviso: “sushi vicia”.

Durante o jantar, tendo a sua frente as encantadoras gueixas e maikos, Daniel começou a entender as palavras de Naomi. Cada movimento que as moças faziam ao redor da mesa era agradável de se olhar. O ambiente era tranquilo, as conversas eram divertidas e leves. Os perfumes das moças eram deliciosos, mas não se sobrepunham uns aos outros e ao cheiro da refeição e tudo que faziam demonstrava uma enorme consideração pelas pessoas ao redor da mesa. As maikos serviam saquê e suco para as gueixas, as gueixas passavam o molho de soja, as vozes eram suaves para não agredir os ouvidos próximos e Daniel pensava em Jeniffer mais do que nunca. Jeniffer era exatamente assim, mas agia de forma absolutamente natural. Ela tratava a todos com gentileza e consideração. Naomi tinha razão, era justamente isso que fazia de Jeniffer uma pessoa especial.

Daniel resolveu exercitar as habilidades de Gina para conversação. A menina havia aprendido alguns tópicos simples para manter uma conversa quando os assuntos estavam morrendo. Ela não devia nunca falar sobre assuntos se não tivesse certeza que todos ao redor da mesa estivessem aptos a participar. Uma saída fácil era falar a respeito do tempo, dos alimentos à mesa, ou do local onde estavam. O assunto não poderia ser desagradável, tratando de violência, coisas feias ou problemas de modo geral:

- As cerejeiras floriram de forma espetacular esse ano, vocês não acham?

As moças ao redor da mesa sorriam enquanto falavam a respeito do perfume, das flores e das ruas coloridas pelas árvores em Tóquio. Naomi olhou para Daniel aprovando a iniciativa. Depois do jantar, as moças começaram a se dirigir a seus aposentos. Naomi colocou a mão sobre o ombro de Daniel e convidou:

- Venha comigo até o meu quarto. Tenho um presente para você e um convite a lhe fazer.

Daniel corou por um segundo. Ele era um adolescente diante de uma mulher de vinte e poucos anos extremamente sedutora, mas logo ele se lembrou que estava ocupando o corpo de Gina e isso excluía qualquer possibilidade de o convite ter uma segunda intenção. Daniel subiu as escadas seguindo Naomi de perto até o quarto, que não se diferenciava muito do quarto de Gina, exceto pelo tamanho. Naomi pegou um enfeite de cabelo na penteadeira e colocou no cabelo comprido do rapaz no corpo da menina que estava a sua frente, depois sentou-se em uma cadeira e convidou Daniel a sentar em sua cama, só então ela começou a fazer o convite:

- Gina, amanhã receberemos um grupo de empresários aqui na okiya, e eu gostaria muito se você pudesse me acompanhar à mesa para recebê-los.

- Não sei se posso fazer isso.

- Pode sim. Eu trouxe uma série de artigos, que você deve ler antes que eles cheguem, falando a respeito do comércio exterior, da família real e de vários assuntos de interesse atual. Lembre-se que para manter uma boa conversação você precisa estar bem informada sempre, mas que é essencial que você ouça mais do que fale. Apenas proponha um assunto quando tiver certeza de que tem algo inteligente a dizer e que possa fazer nossos convidados parecerem ainda mais inteligentes e bem informados que você.

- Naomi, você não acha que estamos agindo de forma falsa quando fazemos isso? Quando nos esforçamos para demonstrar interesse no que os clientes têm a dizer?

- Não precisa ser falso se seu coração for sincero. Todas as pessoas têm algo de interessante em si, nós só temos que descobrir o que é. Essa é uma oportunidade de enriquecer nosso próprio universo intelectual. Saber ouvir é a forma mais fácil de aprender, mas para ouvir o que nos interessa é preciso que haja uma atenção verdadeira de nossa parte.

Daniel pensou mais uma vez em Jeniffer. Naomi certamente conheceria uma forma para ele se aproximar da menina quando voltasse ao seu tempo de origem. Ele começou a perguntar com cuidado:

- Você já se apaixonou?

- Sim, uma vez, por um estrangeiro. Seu nome era George e ele frequentava sempre a okiya me trazendo presentes e dizendo que um dia se casaria comigo, mas um dia ele teve que viajar, ele me prometeu que escreveria, mas nunca escreveu e eu nunca mais o vi. Já se passaram dois anos desde então.

Daniel estava decepcionado, ele imaginava que alguém como Naomi jamais sofreria uma decepção amorosa, mas mesmo assim ele se arriscou a perguntar:

- Se um dia eu me apaixonar, como faço para conquistar a pessoa que eu quiser?

- Isso é impossível. O amor é uma coisa que simplesmente acontece. Duas pessoas se encontram, conversam, descobrem que têm interesses em comum, sentem-se bem quando estão juntas e assim se apaixonam. Se algum dia você sentir que se apaixonou por alguém sem passar por esse processo, então você terá um problema. Quando nos apaixonamos por alguém somente olhando à distância, você pode ter certeza de que essa é a pessoa mais gentil, bonita, inteligente e forte de todo o lugar. Por isso, haverá outras pessoas igualmente apaixonadas por ela e a competição será feroz. A única maneira de conquistarmos a pessoa amada é conquistando a todos ao nosso redor. E quando eu digo todos estou me referindo a homens, mulheres, crianças e a cada ser vivo ao nosso alcance e só nos restará torcer para que a pessoa amada entre para esse grupo.

- Isso serve para um homem conquistar uma mulher e vice-versa?

- Sim.

- O que eu faço para conseguir algo assim?

- Comece sorrindo. Você esteve muito séria durante todo o jantar e pelo que as meninas me disseram, durante todo o dia.

- Mas, e se eu não estiver com vontade de sorrir?

- Não seja egoísta, Gina. Todos os seres humanos ao redor do mundo estão sempre sedentos por

amor e aprovação, nisso, todos somos iguais. Uma pessoa sisuda está sempre pedindo e uma pessoa alegre está sempre doando. Por isso, o sorriso tem o poder de desarmar qualquer ser humano. Dê às pessoas o que elas estão ávidas por receber e elas vão retribuir. Sorria sempre.

Naomi encerrou a conversa informando que o dia seria cheio a partir da manhã seguinte e Daniel voltou ao quarto de Gina levando consigo o material informativo selecionado por Naomi. No dia seguinte ele teria de estar pronto para ser uma maiko e sua tarefa seria ainda mais difícil do que ele imaginou inicialmente porque para uma maiko não bastava apenas saber cantar, tocar e atuar.

Capítulo XIII – Dia de trabalho na okiya

Na manhã seguinte, Daniel foi despertado por Bunko. Os horários na okiya eram diferentes da rotina no templo e mesmo do cotidiano de Daniel em sua vida ocidental. Já eram nove horas da manhã quando ele saiu da cama e se deparou com Gina no espelho da penteadeira do quarto. Bunko também preparou o banho de ofurô e permaneceu no quarto de banho enquanto Daniel imergia na banheira. O rapaz achou estranho a princípio que um homem adulto acompanhasse Gina em sua rotina diária e não a deixasse nem ao menos na hora de tomar banho, mas logo ele pensou que estava seguro. Bunko era totalmente inofensivo.

O homem de meia idade não demonstrava qualquer interesse por moças. Ele era como uma criatura assexuada até onde se sabia. Na infância, Bunko havia trabalhado como gueixa (literalmente, artista), sempre desempenhando papéis femininos, mas com a ascensão das gueixas mulheres, sua companhia artística faliu havia muitos anos e Bunko buscou trabalho na okiya de Amaya como camareiro das gueixas apenas para continuar próximo do mundo das artes. Bunko cuidava de Gina desde que a menina tinha cinco anos de idade e havia ensinado muitas coisas a ela desde então. O olhar de desaprovação que ele lançou quando Daniel se levantou no primeiro momento em que chegou à okiya não havia sido sem propósito. Era Bunko e não uma gueixa quem havia ensinado Gina a se levantar, andar e comer, além de ajudá-la em seus ensaios musicais depois das aulas de Naomi, que também ensinara Gina a dançar, cantar, recitar e ler.

Bunko não acompanhava Gina no banho à toa. Ele entregava a Daniel todos os acessórios necessários para a higiene pessoal. Estendia a toalha para que ele saísse da banheira de ofurô e ao final ajudou o rapaz a vestir o quimono de maiko. A tarefa de vestir o quimono típico não era simples e Naomi não estava brincando quando falou que gueixas vestiam camadas e mais camadas de roupas. A tarefa de se vestir levou cerca de duas horas entre meias, quimonos e amarrações. Por último, Bunko amarrou o obi (faixa) nas costas de Daniel. Ao terminar, os dois estavam exaustos, Daniel mal conseguia se mover e teria apenas algumas horas para os estudos antes da hora do almoço.

O rapaz no corpo de Gina leu os artigos entregues por Naomi. Treinou tocar alguns instrumentos e desceu para almoçar com as maikos e gueixas do lugar. Todas estavam prontas pela metade. Algumas moças estavam com os cabelos arrumados, mas usando os quimonos simples de ficar em casa, enquanto outras vestiam seus quimonos elaborados, mas ainda tinham os cabelos soltos. Nenhuma delas usava a maquiagem típica que seria aprontada na última hora. Depois de almoçar, Daniel subiu novamente as escadas para fazer o penteado. Uma criada especializada na tarefa em uma sala especialmente projetada para isso foi quem o assessorou. O rapaz precisava apenas ficar sentado em uma cadeira enquanto sentia o longo cabelo sendo puxado em todas as direções. O ritual era bastante doloroso e ao final, com todos os pentes e enfeites colocados em seu devido lugar, ele tinha uma sensação estranha na cabeça como se tivesse sendo pendurado pelos fios de cabelo.

Daniel pensou que ser mulher era, em si, uma tarefa desconfortável e dolorosa. Era verdade que as mulheres ocidentais não usavam os mesmos apetrechos das gueixas, mas ele se lembrava de sua mãe, Catarina, se queixando de dores nos pés causadas pelas longas horas de caminhada em cima de um salto alto, ou do cansaço que ela aparentava depois de uma longa sessão no esteticista. Mas, por algum motivo estranho, que Daniel não conseguia entender, todas as mulheres pareciam extremamente felizes depois de passar pelos rituais dolorosos e incômodos de embelezamento. Era como se todas elas viessem providas

desde a infância da paciência e controle de um monge Shaolin.

Daniel olhou-se no espelho tentando descobrir como a linda Gina havia ficado depois de toda a sessão. O cabelo elaborado acima da cabeça era interessante e ostentava cerca de cinco enfeites diferentes, mas Gina não parecia mais bonita do que no dia em que Daniel a conheceu. Faltava algo nela, mas Daniel não podia identificar o que era. Ele levou alguns minutos para perceber que o motivo de Gina perder parte de sua beleza não estava nas roupas ou no penteado que ele estava usando. Gina parecia séria e compenetrada. Sua expressão era diferente de qualquer outra gueixa ou maiko da okiya, seu olhar era ligeiramente arrogante e sua boca expressava uma certa antipatia.

Daniel compreendeu que essa não era a expressão da menina, mas sim dele próprio. Ele nunca havia reparado nessas características em seu próprio rosto, talvez porque não desse a devida atenção para sua imagem no espelho. Ou talvez, por estar vendo outra pessoa a sua frente, essas características se destacassem diante dele. Daniel enfim percebeu um dos motivos para que fosse tão difícil para as outras pessoas se aproximarem dele e pensou na expressão impressa no rosto da senhora Amaya. Se ele não fosse capaz de mudar seu interior, provavelmente ficaria com essa expressão austera impressa em seu próprio rosto com o passar dos anos. Pessoas austeras geralmente são levadas mais a sério, disso Daniel nunca se queixou, mas elas raramente são amadas. O rapaz se forçou a sorrir diante do espelho enquanto pensava no que Naomi havia ensinado a esse respeito, ele também se esforçou para recuperar um pouco do brilho que Gina costumava ter no olhar. Assim estava bem melhor, Gina surgiu novamente diante dele, linda como sempre foi, e ao revê-la Daniel não teve mais que se esforçar para sorrir, Gina era alguém muito agradável de se olhar.

Daniel ainda teve tempo de repassar algumas lições antes de ser avisado que já estava na hora de fazer a maquiagem. Os convidados já estavam chegando e se acomodando diante das mesas que cercavam o palco no grande salão da okiya. Ele se colocou mais uma vez diante do espelho e começou o processo de se maquiar usando as técnicas conhecidas por Gina enquanto era assessorado por Bunko, que fazia um desenho característico em sua nuca usando a tinta branca que compunha a “máscara” da maiko. Daniel sentia como se tivesse entrado para uma companhia de teatro, enquanto se concentrava em passar o delineador de carvão nos olhos. Os treinos no templo Shaolin haviam deixado suas mãos firmes e seguras como as de um cirurgião. Depois de terminar de pintar o centro da boca como de uma maiko, Daniel se voltou para Bunko sorrindo e perguntando:

- Como eu estou? Me pareço com uma maiko?
- Está ótima como sempre, senhorita Gina. A senhorita Naomi a aguarda no corredor.

Daniel saiu para o corredor acima das escadas e se deparou com Naomi, que esperava por ele para passar as últimas instruções:

- Está nervosa?
- Não, eu já passei dessa fase.

- Não se esqueça de sorrir. Sorria sempre e metade da sua tarefa estará cumprida. Antes de se dirigir à mesa, procure conhecer as pessoas ao seu redor individualmente, você deve construir uma amizade sincera com cada um dos clientes antes de falar com o grupo, essa é a única maneira para que você seja bem acolhida.

- E como eu faço para puxar assunto? Chego e me apresento?

- Não. Ninguém estará interessado no seu nome enquanto não estiverem interessados em você. Procure algo que desperte seu interesse em cada um deles e faça um comentário ou uma pergunta. Para ser natural, seu interesse deve ser sincero. Se achar algo interessante ou bonito não hesite em elogiar. Se não tiver algo de positivo para dizer, não diga nada e evite assuntos polêmicos ou julgar o caráter dos convidados ou suas atividades com opiniões sobre coisas que você não conhece a fundo. Só diga seu nome quando lhe perguntarem e só então retribua perguntando o nome deles. Mantenha o massu (copos quadrados de madeira) dos convidados sempre cheios com saquê.

- Que complicado! Achei que seria mais fácil.

- E por que você pensou que seria fácil?

- Bem, as pessoas, principalmente os homens, costumam ser receptivos com as mulheres...

- Minha querida, nada nunca é mais fácil para as mulheres. Achei que a essa altura você já teria percebido isso.

Depois de dito isso, Naomi olhou para baixo. Um enorme palito de incenso acabava de ser aceso. O incenso marcava o tempo de apresentação das gueixas. Depois que estivesse completamente queimado, os convidados deveriam se despedir e se retirar. Naomi começou a descer as escadas devagar enquanto Daniel a seguia a uma distância de dois degraus aproximadamente. Quando a gueixa pisou no salão, todos os dez homens, que se reuniam ali estavam de pé. A maioria usava quimonos acinzentados, mas outros vestiam ternos, já sob a influência do comércio com o mundo ocidental. Todos cumprimentavam a gueixa se curvando diante dela e Naomi retribuía o gesto seguida por Daniel. O cumprimento em forma de reverência atendia a uma série de necessidades na tradição japonesa. Ele não permitia que uma pessoa invadisse o espaço pessoal da outra, o que era considerado uma terrível falta de educação, evitava a troca de germes como nos apertos de mão e demonstrava humildade.

Naomi se posicionou no centro do salão e aguardou o convite, essa parte ficava a cargo dos rapazes. Naomi se sentou entre cinco convidados e Daniel em meio a outros cinco. A única informação que as gueixas tinham a respeito deles é que eram empresários de Kioto, que vieram à capital a negócios. Naomi sentou-se em meio a eles e imediatamente começou a servir o saquê. Daniel a imitava enquanto Naomi dizia:

- Espero que tenham feito uma ótima viagem. É um prazer recebê-los.

Daniel esquecia-se de sorrir e se corrigia de quando em quando. Depois de Daniel e Naomi encher o massu de todos os convidados, as outras gueixas entraram no palco como havia sido planejado antecipadamente. As gueixas pegaram seus instrumentos se mantendo ao fundo e as duas maikos surgiram trazendo grandes leques consigo. A luz ao redor diminuía, dando destaque ao palco. Conforme as gueixas experientes tocavam, as meninas dançavam e faziam malabarismos sofisticados com os leques. A apresentação das gueixas era inesquecível, assim como seus trajes e a forma como se portavam enquanto dançavam e tocavam. Todos estavam em silêncio durante a apresentação, mas quando o espetáculo terminou, as gueixas passaram a tocar mais baixo, as luzes ao redor voltaram a se acender e as criadas começaram a servir as mesas com enormes barcas de sushi.

Daniel percebeu que Naomi estava conversando com os convidados próximos a ela e buscou em

volta algo que pudesse comentar. O senhor sentado a seu lado esquerdo tinha em seu quimono o emblema de um leão estilizado, Daniel não achou exatamente interessante, parecia mais uma etiqueta para roupas de grife, mas aquela era a única coisa que lhe chamou a atenção naquele momento:

- Que interessante o desenho do leão em seu quimono...

- Ah sim, é o brasão da minha família. Você é muito novinha, nunca deve ter saído desse lugar, duvido que tenha adivinhado que eu sou um samurai.

- Mesmo?!? Um samurai de verdade?

- Sim, venho de uma longa linhagem. Meu pai, meu avô, meu bisavô e assim por diante, todos foram samurais.

- Pensei que vocês fossem empresários.

- E somos. O imperador Meiji extinguiu a nossa classe assim que tomou o poder. Agora eu sou diretor de uma indústria de armas, mas um samurai é sempre um samurai e eu emprego todos os princípios de nossa classe na minha indústria: “Compromisso com a educação, responsabilidade social, respeito a si e ao próximo e devoção à tarefa que devemos cumprir”.

Quando o senhor se calou, Daniel voltou-se para o homem a sua direita:

- Vejo que o senhor aderiu ao terno ocidental no lugar do quimono...

- Sim, eu faço o contato com industriais do Ocidente, estamos modernizando a nossa fábrica. Preciso passar uma imagem de modernidade, como um cidadão do mundo. O que achou? Estou bonito?

Daniel não gostou da pergunta, mas respondeu:

- Está elegante. Acho que cumpre bem a função que o senhor mencionou.

E assim Daniel prosseguiu. Os homens sentados à mesa de frente para o palco tomavam a palavra e sempre que Daniel ouvia algo diferente fazia um breve comentário ou uma pergunta demonstrando interesse. Logo, todos estavam ávidos por serem ouvidos e todo o esforço que Daniel estava fazendo para manter um diálogo acabou. O esforço agora vinha dos homens à mesa. Um deles perguntou o nome de Daniel e a partir daí a palavra Gina era ouvida quase que de forma ininterrupta. Eles buscavam contar suas glórias e gabar-se de suas posições, falavam da fábrica e do faturamento. Daniel teve a impressão de que até mesmo as informações confidenciais da indústria lhe foram reveladas durante o jantar. “Amor e aprovação”, todo ser humano necessita de um pouco de atenção para dar sentido a sua vida. Aí estava a chave para todo diálogo.

Depois de algum tempo, a luz ao redor voltou a diminuir, dando destaque ao palco que se manteve iluminado. Keiko se colocou no centro do palco diante das mesas e se lançou ao chão em um gesto dramático. As outras gueixas ao fundo introduziram uma nova canção e Keiko à frente começou a recitar um monólogo que falava de uma deusa compadecida com o sofrimento dos seres humanos. Ela descrevia a dor da existência e da mortalidade. Ao final, ela segurava uma lanterna vermelha e entregava à humanidade. Aquela era a representação da descoberta do fogo. Keiko foi muito aplaudida ao término de sua apresentação e depois de as luzes voltarem a se acender, o homem de terno voltou a descrever suas façanhas:

- Durante minha estadia na Europa, fui convidado a assistir a uma peça de um dramaturgo inglês chamado Shakespeare, o nome da peça era “Henrique V”. Você já ouviu falar dele, Gina?

Daniel se lembrou de muitos filmes que havia assistido e que foram inspirados nas peças de Shakespeare, “Henrique V” não só estava entre eles como era um de seus favoritos, mas Daniel não se considerava um conhecedor profundo da obra e respondeu com sinceridade:

- Ah! Sim. Eu conheço um pouco e acho que nunca haverá um dramaturgo como ele.

Essa não era a resposta que o homem de terno esperava:

- Você está mentindo. Como uma maiko poderia ao menos ter ouvido falar a respeito de Shakespeare?

Daniel não gostava de ser chamado de mentiroso e pensou que se o homem estava certo de que ele não saberia responder, então não deveria ter perguntado. Ele se lembrou de um trecho da peça que havia chamado muito a sua atenção e recitou com um sorriso nos lábios. Era um trecho do “Discurso do dia de São Crispim”:

- “O bom homem ensinará esta história ao seu filho, e desde este dia até o fim do mundo a festa de São Crispim e Crispiniano nunca chegará sem que venha associada a nossa recordação, à lembrança do nosso pequeno exército, do nosso bando de irmãos; porque aquele que sangrar comigo hoje, por muito vil que seja, será meu irmão...”

Daniel parou por um segundo um pouco entristecido, ele sentia falta de seus amigos do mosteiro Shaolin, “aquele que sangrar comigo hoje será meu irmão...”; também sentia falta de sua casa no Ocidente, sentia saudade de casa em dois sentidos opostos e este era um fardo pesado de se carregar. Depois olhou em volta, os homens à mesa estavam em silêncio com uma expressão de estranheza e descontentamento no olhar. Daniel não havia feito o que Naomi recomendou, não havia deixado que o senhor de terno parecesse mais bem informado e inteligente que ele próprio. Mas o rapaz não se arrependeu por isso, para ele, não valia a pena ser querido se tivesse que fingir ser alguém que não era, mesmo estando na pele de outra pessoa. Ele havia aprendido no templo a não se importar mais com isso, então ele sorriu, dessa vez com gosto e voltou-se novamente para o senhor de terno:

- Então, fale mais a respeito de sua estada na Europa...

Os homens ao redor da mesa voltaram a conversar, mas havia alguma coisa de diferente, eles olhavam para Daniel como se estivessem diante de um alienígena. Logo o incenso se extinguiu e os homens em volta da mesa se puseram em pé. Estavam todos sorrindo e pareciam satisfeitos. Naomi os conduziu até a saída da okiya e Daniel seguiu o grupo vindo logo atrás. Naomi, que não havia escutado o que Daniel falou durante o jantar se dirigiu ao samurai:

- Vocês se divertiram? O que acharam da companhia de Gina?

- Foi uma noite realmente divertida, a menina é muito encantadora, mas vocês devem ficar atentos às conversas que ela escuta e ao material a que tem acesso. Ela parece esperta demais para uma maiko e esse excesso de instrução não fica bem para mulheres.

Naomi inclinou-se agradecendo a visita e depois que todos saíram voltou-se para Daniel:

- Que audácia desse sujeito! Se ele não gosta de mulheres inteligentes deveria ter ido ao bairro do

prazer e não a uma okiya. Me parece que você se saiu muito bem, Gina.

Daniel inclinou-se agradecendo a gentileza de Naomi. Ao voltar-se novamente para ela, percebeu que a gueixa estava sorrindo. Não era o sorriso ensaiado e discreto que lhe era característico, era um sorriso sincero e maroto, do tipo que se lança a uma cúmplice. Daniel sentiu seu coração batendo um pouco mais forte. Naomi tinha todas as qualidades que ele sonhava encontrar em uma mulher. Mas ele precisava se conter, não podia esquecer nem ao menos por um instante de que ocupava o corpo de Gina e que não podia deixar crescer ou transparecer a sua súbita atração pela gueixa.

Capítulo XIV – O dragão chinês e o invasor

Daniel dormiu usando o penteado elaborado de maiko, a montagem do cabelo não poderia ser feita diariamente e para isso era colocado um suporte embaixo da cabeça da maiko para que ela não se movesse à noite e não desmanchasse o cabelo, e foi um verdadeiro martírio para Daniel executar esse feito e passar a noite toda sem poder mudar de posição. O dia seguinte foi bastante agitado. Depois de cumprir a rotina matinal, tomando seu banho de ofurô e vestindo o complicado quimono com a ajuda de Bunko, o rapaz acompanhou as gueixas desde a hora do almoço em seus compromissos pelos restaurantes de Tóquio.

Depois de tanto esforço para reavivar as memórias de Gina, Daniel pôde, enfim, colher os resultados. Ele tocou koto com perfeição em um dos restaurantes, em outro cantou uma canção típica sem que houvesse qualquer motivo para repreensão e no último restaurante ele dançou e fez malabarismos com os leques acompanhado das outras duas maikos. Daniel não deixou os leques caírem nenhuma vez e executou os passos com perfeição, mas ao final da apresentação de dança, Naomi o chamou em um canto:

- Gina, sua técnica para dança está muito boa e você se manteve sempre sorrindo, mas havia alguma coisa estranha na apresentação. Seus gestos estavam duros como os de um menino. Você precisa ser mais feminina, seus modos devem ser mais fluidos e delicados.

Daniel ficou chateado. Essa era uma lição que ele não precisava e não queria aprender:

- Por favor, Naomi, não me peça para ser mais feminina. Estou bastante descontente com a minha condição como menina nesses últimos dias. Tenha paciência comigo e eu tenho certeza que essa fase vai passar em pouco tempo.

Naomi sorriu e balançou a cabeça pensando que compreendia o que Daniel estava dizendo. Muitas vezes, quando ainda era uma menina, a própria Naomi já havia se questionado se sua vida não seria mais fácil e mais feliz se ela tivesse nascido homem e ainda hoje, quando observava os privilégios masculinos, ela considerava injusta a sua condição como mulher, mesmo sabendo que poderia ser bem pior. De toda forma, ela imaginou que esse fosse apenas um problema de criança e que realmente passaria em algumas semanas:

- Tudo bem, mas enquanto você não voltar a ser aquela menina delicada e feminina que eu conheço, estará proibida de dançar. Eu sei que você adora dançar, então, veremos por quanto tempo você vai continuar com isso.

Daniel suspirou aliviado. Realmente, nenhuma outra atividade exigia tanta feminilidade quanto a dança com os leques. Em todos os outros momentos, Daniel não tinha nenhuma dificuldade de se comportar como Gina, e ele passou a perceber que mulheres e homens não eram tão diferentes quanto ele imaginava, a menina era apenas uma versão mais serena e tranquila dele próprio, não possuía trejeitos exagerados ou qualquer maneirismo artificial, mas tinha que seguir uma série de regras e comportamentos impostos a ela. Daniel sentia-se mais intimamente torturado por essas regras quando sentia vontade de se coçar e não podia fazê-lo em público ou quando estava apertado para fazer xixi e precisava segurar até encontrar um lugar e um momento apropriado para fazê-lo. No caso específico de uma maiko, Gina não podia ir ao banheiro sem o auxílio de um camareiro ou criada que a ajudasse com seu elaborado quimono.

A maratona pelos restaurantes durou até as seis horas da tarde, depois disso, toda a comitiva de gueixas acompanhadas pelas maikos, criadas e o camareiro Bunko voltou para okiya. Daniel seguia Naomi como uma sombra e mesmo depois de retornar à okiya de Amaya, Naomi insistiu para que o rapaz no corpo da menina a acompanhasse até o seu quarto. A moça andava de um lado para outro apanhando artigos e poesias para que Daniel pudesse estudar ao mesmo tempo em que falava a respeito das etiquetas necessárias em uma conversa com desconhecidos e formas de entreter os clientes à mesa. Ela dava dicas a respeito do senso de humor, que deveria ser utilizado na medida certa e nunca poderia ser ofensivo, e sobre algumas táticas para conseguir o que se quer de um cliente. No caso das gueixas, o principal pedido que as moças faziam aos seus contatos estava relacionado a convites para festas ou para serem apresentadas a pessoas influentes que pudessem lhes conseguir trabalhos bem remunerados:

- Nunca peça algo como se a pessoa lhe estivesse fazendo um favor. Quanto mais exagerada for a sua postura de súplica, mais você vai fazer o pedido soar como uma tarefa desgastante e desagradável de ser realizada. Tente ser coloquial e tenha em mente que será um prazer para o seu contato realizar o seu pedido. Ao final, agradeça, mas nunca se desculpe, como se você estivesse incomodando, ou algo assim. Quando você começa uma frase dizendo “desculpe incomodar” a pessoa já prepara o espírito para um grande incômodo e vai ser mais difícil para você conseguir o que quer...

A aula de Naomi foi interrompida quando Bunko entrou no quarto. Daniel sabia por que ele estava ali, o camareiro devia ajudar a gueixa a retirar seu quimono diurno e, depois de um breve descanso, vesti-la com o quimono que Naomi usaria à noite. Daniel fez menção de sair do quarto, mas Naomi o impediu, enquanto continuava com suas descrições do que podia ou não podia ser dito aos clientes. Daniel voltou a sentar-se na cama, enquanto Naomi se colocava parada em uma pequena plataforma em frente ao espelho da penteadeira e Bunko desamarrava o obi atado às costas da moça. Daniel já não conseguia se concentrar no que Naomi dizia quando Bunko retirou a primeira camada do quimono da gueixa diante do espelho. O rapaz prendeu a respiração e sentiu a boca seca conforme as múltiplas camadas de tecido eram despidas até que Naomi se encontrou completamente nua a sua frente.

Os olhos de Daniel estavam pregados no espelho que mostrava com precisão a imagem frontal do corpo perfeito de Naomi enquanto a moça retirava a maquiagem característica, distraída e alheia à observação. Daniel suspirou enquanto desviava o olhar para as costas da moça de pele clara e macia. Nesse instante ele estremeceu e se levantou. No ombro esquerdo de Naomi havia uma marca. Parecia que um desenho se mostrava ali com total nitidez, era o desenho de um dragão, e não de um dragão qualquer, parecia ser um dragão chinês e ele já tinha visto aquela mesma marca em outro lugar. Daniel exclamou sem perceber:

- Chao Hong!

Naomi voltou-se para ele sem entender o que havia escutado:

- O que foi, Gina?

- Como você conseguiu essa marca no ombro?

Naomi riu:

- Você já me acompanhou enquanto eu me trocava uma centena de vezes, mas acho que essa é a primeira vez que você reparou que eu tenho essa marca no ombro esquerdo... É uma marca de nascença, eu nasci com ela e não há como eu me livrar.

O rapaz empalideceu, mas, uma vez que estava usando a maquiagem branca de maiko, o que chamou a atenção foi a expressão de sua boca entreaberta. Bunko cobria o corpo de Naomi com um quimono mais leve e simples ao mesmo tempo em que perguntava:

- Senhorita Gina. O que houve? Está passando mal de novo?

- Acho que sim, Bunko. Vou ficar no meu quarto por alguns instantes.

- Quer que eu avise a senhora Amaya para que chame um médico? A senhorita não pode continuar assim...

- Não, é só uma indisposição. Eu vou ficar bem em alguns instantes como aconteceu no outro dia.

Naomi parecia preocupada quando entregou o material selecionado para os estudos de Daniel e falou:

- Tente descansar e dormir um pouco. Se precisar de alguma coisa, não hesite em me procurar. Sei que você não gosta de médicos, mas, se você piorar, deve avisar para que possamos pedir ajuda.

- Não se preocupe, eu logo estarei bem.

Daniel saiu em direção ao quarto de Gina acompanhado por Bunko. O camareiro o ajudou a trocar o quimono e Daniel pediu para ficar a sós alegando que desejava dormir um pouco. O rapaz no corpo da menina apanhou as “rodas do tempo” que ele havia escondido entre os quimonos no armário e enquanto tentava formar alguma palavra ali, deixou seus pensamentos encontrarem uma solução para o enigma com o qual acabava de se deparar. Era muita coincidência que Chao Hong e Naomi tivessem a mesma marca no mesmo local. O desenho não era parecido, era exatamente igual e a coincidência maior estava no fato de Daniel poder observar esse mesmo desenho em duas pessoas distintas separadas por centenas de anos em sua viagem através do tempo. Deveria haver algum significado nisso tudo e quanto mais Daniel pensava sobre o assunto, mais lhe parecia que a marca no ombro não era a única coisa que Naomi tinha em comum com seu amigo do templo Shaolin.

Naomi era a irmã mais velha de Gina, assim como Jian Shi fora o irmão mais velho de Chao Hong e havia alguma coisa no sorriso da moça, nos seus olhos e no modo de agir que fazia lembrar o menino do templo. Daniel não sabia explicar exatamente o que era, mas estava lá. Nesse momento o rapaz se lembrou das palavras de mestra Gaila: “O gosto das pessoas muda muito com o passar do tempo e de uma encarnação para outra. Isso faz parte do mistério dos homens”. Ele também se lembrou da forma como mestre Cheng Zhi percebeu que Daniel não era Jian Shi logo no primeiro dia em que ele chegou ao mosteiro. O velho mestre não hesitou em aplicar o que sabia a respeito do mundo espiritual e estava certo: “acreditamos que o corpo não passa de um recipiente”.

Daniel imaginou que Naomi pudesse ser a reencarnação de Chao Hong. Uma marca em particular para identificar esse tipo de coisa não era comum dentro dos ensinamentos sobre reencarnações, mas poderia muito bem servir em mais uma das estranhas brincadeiras de mestra Gaila. Enquanto pensava a respeito dessa teoria e imaginava o que iria mudar se fossem confirmadas suas suspeitas a respeito de Naomi, Daniel adormeceu. O rapaz havia dormido mal na noite anterior por causa do penteado e a constante visão dos movimentos das engrenagens das “rodas do tempo” o deixou sonolento. Ele não tinha certeza de quanto tempo havia se passado quando despertou, mas sabia que tinha sido acordado por um grito no andar abaixo dele.

Daniel se levantou aturdido e correu até o corredor para verificar o que estava acontecendo, observando do segundo andar a cena lá embaixo. O que ele viu o fez lembrar do ataque ao templo Shaolin. Um homem jovem mantinha Bunko como refém sob a lâmina de uma espada samurai. Bunko era um homem forte e via-se que tinha lutado o quanto pôde para impedir a entrada do invasor, mas ele havia sido derrotado, estava machucado e indefeso diante do homem armado que chamava:

- Venha, Keiko. Venha comigo. Vamos, venha agora!

A gueixa com os olhos borrados pelas lágrimas, respondia:

- Não Takashi, eu não posso. Solte o pobre Bunko, deixe ele em paz.

Daniel não teve dúvidas. Ele apanhou um vaso no canto do corredor, desceu um pouco as escadas em silêncio e usando a mira e a precisão de um Shaolin, soltou a peça de cerâmica em cima da cabeça do invasor que caiu desmaiado imediatamente. Ouviram-se os gritos das mulheres por toda okiya enquanto Keiko corria para socorrer o homem estendido no chão. Daniel desceu as escadas correndo, mas diferentemente do que esperava, Keiko parecia estar furiosa com ele:

- Gina, o que você fez? Acho que você o matou.

Bunko desatou seu quimono e usou a faixa para amarrar as mãos do invasor, que começava a recobrar a consciência. Keiko apoiava o rapaz amarrado por Bunko em seus braços, ao mesmo tempo em que verificava seu estado com preocupação:

- Takashi, você está bem?

Daniel ficou revoltado, Bunko era como um pai para Gina e estava ferido:

- Keiko, você perdeu o juízo? Olhe o que esse sujeito fez com o pobre Bunko! Ele está com cortes feios nos braços e na barriga, com o olho roxo e estava sendo mantido como refém por esse bandido, que tentava obrigar você a seguir com ele...

Keiko não parava de chorar enquanto Takashi, já desperto, logo percebeu quem o desacordara e passava a encarar Daniel com ódio. A senhora Amaya se aproximou de Keiko. Sua expressão estava mais assustadora do que nunca quando ela falou para a gueixa:

- Gina tem razão, Keiko. É uma vergonha que você se preocupe com o estado físico desse sujeito. Ao invés de pagar sua dívida, ele achou que poderia vir aqui e simplesmente levar você embora e eu seria obrigada a mandar a guarda atrás da minha filha. Sua reputação poderia ficar manchada e então, o que seria de você? A propósito, minha filha Gina, você fez muito bem em impedir Takashi de machucar ainda mais o nosso Bunko, mas o vaso que você quebrou era muito caro, então terei que acrescentá-lo a sua dívida...

Daniel se deu conta de que não estava realmente a par da situação e que podia ter cometido um grande erro. Ele se aproximou de Naomi e, levando a moça para longe do grupo de empregados e gueixas que se amontoavam em volta do casal ao lado da escada, perguntou:

- Naomi, o que está acontecendo?

- Takashi é um cliente, filho de um ex-samurai e está apaixonado por Keiko. O pai de Takashi não quis dar o dinheiro para que ele pagasse a dívida e pudesse se casar com Keiko. Então, Takashi resolveu

vir aqui para sequestrá-la e fugir com ela. Ele esperou escondido no pátio até que retornássemos dos nossos compromissos noturnos e nos atacou. Bunko nos defendeu com uma vassoura, mas Takashi estava usando uma espada. Tivemos tempo de correr para dentro, mas logo ele entrou trazendo Bunko como refém. Foi quando você jogou o vaso nele.

- Então eles se amam... Acho que fiz mal em me meter.
- Como assim? Você agiu corretamente. Não podia deixá-lo machucar o Bunko e a mais ninguém.
- Mas acho que seria bom se ele tivesse conseguido fugir com a Keiko.
- Não seja boba. Isso arruinaria a vida dela.
- Mas, e agora? Eles não vão poder ficar juntos e eles se amam.

- Não se preocupe com isso. Tudo está encaminhado para se resolver, só depende dele. Se ele realmente ama Keiko e for um homem forte, ele irá trabalhar, se tornar independente do pai e dará um jeito de pagar a dívida. Se ele não a ama realmente, mas for um homem forte, ele conseguirá o dinheiro, mas desistirá dela. E se ele a ama realmente, mas for um homem fraco, bem, então, ela ficará muito melhor sem ele.

- Como você pode dizer uma coisa dessas? Eu achei que o amor superasse tudo. Mesmo se ele for fraco, não é mais importante o fato de eles se amarem?

- Minha querida Gina. Quando um homem ama uma mulher, ele deve provar o seu valor. Olhe para Keiko, ela é uma das gueixas mais bonitas, inteligentes e talentosas de toda Tóquio. São muitas as qualidades dela. Você acha justo que além de tudo isso ela ainda tenha que sustentar um marido fraco, que passará seus dias tomando saquê e se lamentando pelo que deveria ser e não é? A paixão é cega e acaba em seis meses, mas o amor deve ser construído e o principal alicerce do amor é a admiração, e só podemos admirar pessoas que sejam fortes. Quando uma mulher se apaixona por um homem não há nada que ela não faça por ele. Nós nos tornamos tolas e vivemos em nome dessa paixão, por isso, devemos ter muito cuidado ao nos apaixonar. É um grande erro se apaixonar por um homem fraco. Mas não se preocupe, Keiko tem apenas dezenove anos e ele não tem mais que vinte e um. Se ele realmente a ama, ele vai conseguir o dinheiro.

Uma ligeira nuvem cinza passou diante dos olhos de Naomi. Daniel imaginou que a moça estaria pensando em seu próprio amor perdido, e ele estava certo. Naomi se voltou para as recordações do estrangeiro cujas cartas ela nunca recebeu. Enquanto a guarda levava o rapaz para fora da okiya e as gueixas tratavam os ferimentos de Bunko com profunda dedicação, Daniel olhava nos olhos marejados de Keiko e sentia o impulso de se desculpar. Ele torcia no fundo do seu coração para que tudo desse certo no final.

Capítulo XV – Os mistérios do coração feminino

Quando o incidente com Takashi aconteceu, já passava da meia-noite, horário em que as gueixas voltavam de sua peregrinação pelos restaurantes da capital japonesa. Com toda confusão e depois das horas necessárias para tirar os quimonos e as maquiagens, as moças só conseguiram chegar a seus quartos por volta das três horas da madrugada, mas como ainda estavam muito agitadas, ficava fácil adivinhar que todas elas demorariam a pegar no sono. No dia seguinte, todos na okiya pareciam cansados. Mesmo as maikos que não tinham idade para acompanhar as gueixas em suas apresentações noturnas pareciam sonolentas e ligeiramente mal-humoradas por causa da noite mal dormida.

A senhora Amaya, que não costumava deixar seus aposentos nem mesmo para comer, dessa vez abriu uma exceção e reuniu as moças logo pela manhã. Não haveria descanso extra, a maquiagem cobriria as olheiras e os sorrisos deveriam ser pregados no rosto como algo mecânico. Os compromissos deveriam ser honrados e nenhuma delas poderia demonstrar qualquer tipo de contrariedade durante as apresentações. Esse último aviso foi feito enquanto a senhora olhava especificamente para Keiko, que ainda estava com o rosto inchado de tanto chorar. Todas as moças deveriam ser gentis e atenciosas com os clientes, não importava seu estado de espírito. A boa notícia era que depois desse dia, não haveria mais compromissos externos. Todas as próximas apresentações aconteceriam dentro da okiya. Nas próximas semanas, o trabalho das gueixas estaria voltado para a elaboração e ensaio do espetáculo original, que seria apresentado ao imperador.

Ao final dos compromissos da tarde, Daniel pôde enfim se livrar do penteado incômodo. As outras duas maikos, Yuki e Mika, foram cochilar depois da noite difícil que tiveram, mas Daniel não estava com sono. Ele passou algum tempo tentando decifrar as “rodas do tempo”, conseguiu formar a palavra “dragão” entre as engrenagens, mas nada aconteceu. O rapaz no corpo da menina estava caminhando discretamente em meio ao belíssimo jardim da okiya enquanto fazia mais essa tentativa de decifrar o quebra-cabeça. Essa foi a maneira que Daniel encontrou para aproveitar a tarde de folga. Ele precisava respirar um pouco sozinho para aguentar toda aquela situação estressante em que se metera e ao mesmo tempo encontrar seu caminho de volta para casa.

O rapaz no corpo da maiko estava sentado próximo ao lago de carpas, ligeiramente escondido para não ser surpreendido com o objeto mágico nas mãos, quando viu a senhora Amaya em frente ao portão principal. A mulher de turbante, que já era naturalmente excêntrica, agora apresentava uma atitude notoriamente suspeita.

Esses modos não eram típicos de Daniel, talvez ele tivesse tirado a ideia de Gina, a menina não perdia a oportunidade de ouvir as conversas entre adultos se escondendo em algum lugar. Mas o fato foi que dessa vez Daniel não pôde resistir ao impulso de se aproximar, se escondendo atrás de uma coluna para observar melhor o que a dona da okiya estava fazendo. A senhora tinha nas mãos um pequeno saco com moedas e convidou um homem que estava à porta para entrar. O homem parado em pé em meio ao jardim estava vestido como um mensageiro e trazia consigo um grande embranal, de fato, ele era mesmo um mensageiro. O homem retirou da sacola cerca de meia dúzia de correspondências em forma de envelopes e pergaminhos, e entregou à senhora Amaya, que lhe ofertou uma moeda de ouro.

Daniel achou estranho. O serviço postal deveria ser gratuito, e mesmo se fosse pago, a moeda ofertada representava um valor muito alto para tal serviço. Depois da entrega, o mensageiro se retirou e a senhora voltou apressada para seus aposentos. Daniel saiu de trás da coluna onde estava e voltou a

caminhar pelo jardim pensando que as mulheres eram mesmo seres repletos de segredos. Mesmo na pele de Gina, ele não conseguia compreendê-las completamente. Daniel descobriu que elas se dedicavam mais à comunicação do que os homens e apesar de não serem todas necessariamente mais românticas que muitos homens que ele conhecia, parecia que tudo que elas faziam tinha o romance como objetivo final.

Essa busca pelo amor provavelmente era resultado de uma necessidade. As mulheres dependeram dos homens para sobreviver durante séculos a fio. Essa dependência havia sido alterada nos tempos de Daniel, mas ele não sabia se esse tempo de independência teria sido suficiente para mudar a percepção feminina adquirida através dos séculos que haviam se passado. O fato era que, fisicamente, as mulheres não eram tão fortes quanto os homens e elas precisavam usar de outros recursos para compensar esse fator. Comunicação, sedução, intuição, eram vários os atributos que tornavam as mulheres até mais fortes que os homens se não fosse levado em conta apenas o físico. A palavra trama tinha sido inventada por causa das mulheres, dizia-se que conforme elas tramavam tapetes e tecidos, suas mentes maquinavam grandes esquemas. Daniel passou a achar as mulheres ainda mais fascinantes, e sentia que poderia se apaixonar por todas elas, cada uma de uma forma diferente e por motivos diferentes.

Os dias que se seguiram foram reservados a uma exaustiva rotina de planejamento e ensaios para a apresentação especial ao imperador Mutsuhito. Daniel não imaginava que essa tarefa poderia ser mais complicada que qualquer outra apresentação realizada por Gina, mas logo descobriu que estava errado. Naomi apresentou a ele um monólogo que deveria ser decorado e representado com urgência e perfeição. A peça fazia parte do repertório de Gina, mas nunca havia sido apresentada em público. Até então, a menina Gina tinha sido designada apenas para tocar instrumentos e dançar com os leques e nunca havia atuado como atriz em um palco diante de uma audiência composta por uma plateia de verdade. Daniel estava apreensivo quando perguntou a Naomi:

- Por que eu? Keiko é a melhor atriz da okiya. Você não acha que ela deveria ser a atração principal na montagem para o imperador?

- Keiko não poderá se apresentar. Nossa mãe escolheu um monólogo que só poderia ser representado por uma menina da sua idade. Sei que é uma grande responsabilidade, mas se você se sair bem, poderá cativar a plateia de uma maneira que nenhuma gueixa adulta poderia fazer. Está na hora de você florescer, Gina. Você deve deixar sua marca em Tóquio e se preparar para ser a gueixa que você se tornará em breve.

O fato de Keiko não se apresentar como atriz no espetáculo mais importante da okiya da senhora Amaya não estava apenas ligado à peça escolhida. Daniel sentia que alguma coisa estranha estava acontecendo. Keiko subia de quando em quando até os aposentos da dona da okiya e cochichava pelos cantos com as outras gueixas. Aquele não era um comportamento comum e Daniel sabia disso. As gueixas só entravam na sala onde a senhora Amaya passava seus dias administrando os lucros e contabilizando as despesas da casa em casos de grande necessidade.

As coisas continuaram dessa forma até o dia em que Daniel viu Keiko sair à noite, vestida a caráter e acompanhada apenas por uma criada. Daniel pensou por um momento que a senhora Amaya havia cedido aos pedidos do casal apaixonado e liberado Keiko de sua dívida, permitindo que ela se casasse com Takashi, mas a ideia foi repelida quando ele viu a moça voltando para a okiya de madrugada mantendo em seu rosto uma expressão pesada que podia ser observada mesmo sob a maquiagem espessa que ela usava e da distância que havia da janela do quarto de Gina até o pátio por onde Keiko entrou. Na tarde do dia seguinte, o mistério sobre o paradeiro de Keiko foi revelado quando a senhora Amaya

desceu e interrompeu os ensaios para fazer um comunicado importante mantendo Keiko a seu lado:

- Bem, como todos sabem, Keiko não fará parte da nossa apresentação para o imperador. Mas o que ainda não havia sido falado abertamente é que Keiko não irá mais morar conosco nessa okiya. Hoje de manhã, a minha filha Keiko pagou sua dívida.

Daniel ficou animado, aquela parecia ser uma boa notícia, mas as outras gueixas, assim como a senhora Amaya e Keiko, mantinham uma expressão um pouco sombria. A senhora continuou o seu discurso:

- A pedido de Keiko, eu negocieei pessoalmente uma apresentação privada, que ela fez ontem à noite para um dos ministros do imperador. O mesmo ministro que se encantou por ela na apresentação que nos levará ao castelo Edo. O pagamento foi bastante alto e além de ter sua dívida saudada, ela recebeu um valor que tornará possível para ela abrir uma pequena okiya no interior. Mas foi com grande pesar que eu fiz essa negociação. Todas vocês sabem que sou contra o agendamento de apresentações privadas, elas não mancham apenas a reputação da gueixa, mas também diminuem a boa reputação da nossa casa de um modo geral. Só concordei com esse acordo porque Keiko me implorou e eu a amo assim como amo todas vocês. Amanhã, Takashi, o filho do samurai, virá buscá-la. Ele irá se casar com ela, mesmo contra a vontade de seu pai e mesmo sem ter recursos para sustentá-la. Então teremos apenas essa noite para convencê-la a não cometer mais esse erro e eu conto com a ajuda de vocês nessa tarefa...

A senhora Amaya segurou as mãos de Keiko em um gesto dramático e sua expressão parecia com a de alguém que sentia dor quando ela suplicou à moça:

- Por favor, Keiko, não faça isso. Deixe seu dinheiro aqui, nessa okiya, e eu farei de você minha herdeira juntamente com Naomi. Mantenha Takashi como dana, mas não se case com esse homem. Eu desejo apenas o seu bem e tenho terríveis pressentimentos a respeito dele.

Diferentemente das outras gueixas que estavam com seus cabelos soltos para tratar apenas dos ensaios, Keiko mantinha o penteado elaborado da noite anterior, mas também estava sem maquiagem e, por isso, tornava-se fácil para todos ao redor perceber seu novo olhar, havia ali uma malícia completamente nova, e apesar de falar com toda a educação e respeito característicos de uma gueixa, Daniel sentiu a amargura e o sarcasmo no tom de voz da jovem quando ela respondeu à senhora Amaya:

- Obrigada, minha mãe, mas não. Eu estou finalmente livre para viver o meu amor e não abrirei mão disso. Não me importo se Takashi não tem dinheiro para me sustentar. Eu faria qualquer sacrifício que fosse necessário por ele. Abrirei minha própria okiya e o sustentarei se for preciso até que ele possa se estabelecer, e ele me amará ainda mais por isso. Sei que a senhora gostaria de ficar com o valor excedente do meu pagamento, mas isso não vai acontecer.

A senhora Amaya olhou nos olhos de Keiko e em seguida abaixou e balançou a cabeça com profunda tristeza. Sua expressão parecia com a de uma pessoa ainda mais antiga e Daniel sentia que podia ler em seus olhos uma velha história. Amaya parecia conhecer todos aqueles fatos de cor, e olhava com a expressão de quem consegue ver o futuro. Ela começou a subir as escadas sem olhar para trás e se despediu de Keiko, dizendo:

- Seu dinheiro nunca me fará falta, e eu nunca o desejei. Só espero estar errada e que você possa ser feliz.

Quando a senhora sumiu de vista nos andares superiores, Keiko respondeu de forma que todas as gueixas puderam ouvir:

- Pode apostar que eu serei feliz.

Daniel ao lado de Naomi perguntou a sua mentora:

- O que você acha? Essa é uma ótima notícia, não é mesmo? Os planos de Keiko parecem ser muito bons.

- Não, minha querida Gina. Os planos de Keiko não são nada sensatos e só podemos torcer para que ela tenha muita sorte e seja uma exceção para uma regra. Takashi não teve a oportunidade de provar o seu valor, Keiko lhe tirou essa oportunidade com sua pressa e seu acordo com o ministro. Esperamos que ela seja muito feliz, mas tudo indica que ela está cometendo um erro.

Daniel não entendia o porquê de tanta preocupação, mas ainda tinha uma pergunta a fazer:

- O que é uma apresentação privada?

- Você é apenas uma criança, Gina. Só o que posso lhe dizer é que a senhora Amaya negociou uma apresentação onde Keiko deveria tocar e cantar totalmente a sós para o ministro que a contratou. Mas nunca queira fazer esse tipo de apresentação, não é algo agradável para se fazer.

- Talvez eu não tenha visto direito, mas pelo que eu percebi, Keiko não estava levando um instrumento quando saiu ou voltou de seu compromisso ontem à noite...

- Não. Ela não levou nenhum instrumento.

Nesse momento, Daniel, que não era tão criança quanto Gina, compreendeu.

Capítulo XVI – O estrangeiro e as cartas

Na okiya da senhora Amaya, as gueixas e maikos contavam os dias para a apresentação no castelo Edo, que estava cada vez mais próxima. Com toda a agitação e preparativos, as moças mal tinham tempo de pensar ou comentar a respeito do destino de Keiko, mas sentiam que a falta da moça havia produzido um grande desfalque em um momento crucial para a okiya, que agora contava apenas com três gueixas e três maikos. A boa notícia veio quando as gueixas foram informadas que Takashi havia cumprido sua promessa, o rapaz se casou com Keiko e ambos se mudaram para o interior.

Mas agora, toda a responsabilidade da moça havia recaído sobre os ombros de Daniel. A manobra criada por Amaya era arriscada, o mais sensato seria utilizar uma gueixa mais experiente como atração principal no espetáculo em construção, mas a senhora da okiya pensava que seria impossível produzir uma apresentação especial e original sem correr algum risco. A utilização de uma criança como atriz principal traria um encanto novo e inesperado e seria diferente de muitas outras coisas que o imperador já teria visto.

Daniel se dedicava ao seu monólogo com a mesma intensidade com que se dedicava a tudo mais em sua vida. O rapaz tinha a alma de um grande estudioso e gostava de ver os resultados positivos de seu trabalho, por mais difícil que fosse a sua tarefa. Agora, ele estava em cima do palco da okiya atuando e recitando suas falas de forma apaixonada. A apresentação havia sido perfeita e quem visse o ensaio finalizado não poderia imaginar quantas repetições e acertos foram precisos para que ele finalmente chegasse ao ponto de fazer seus movimentos e entonações parecerem naturais. Ao final, Naomi falou enquanto subia ao palco para cumprimentar Daniel:

- Está muito bom, Gina. É impressionante o quanto você progrediu nos últimos dias. Mas na hora da apresentação no castelo, você vai sentir as coisas de forma diferente. Você se sentirá sozinha no palco e estará cercada por estranhos. O segredo para não ficar nervosa é tentar imaginar justamente o contrário. Pense que todos na plateia são seus parentes e amigos de longa data, pense que todos desejam seu sucesso e você se sairá bem.

O rapaz no corpo da menina inclinou-se cumprimentando Naomi. Ele se sentia bem ao lado dela e pensava de quando em quando na marca que a moça trazia no ombro. Era como estar na companhia de seu velho amigo Chao Hong e na bela companhia de Jeniffer ao mesmo tempo. Naomi tinha o poder de curar a saudade constante que não deixava o coração de Daniel. Mas os dois não podiam ficar juntos o tempo todo. Daniel tinha que desocupar o palco para que as moças pudessem ensaiar suas partes na apresentação. Durante a pausa, Mika e Yuki convidaram o rapaz para tomar chá no jardim e Daniel as acompanhou.

O sol de primavera enchia todo o jardim e apesar de ainda não estar satisfeito com sua condição na pele da menina, Daniel começava a pensar que a coisa toda não era tão ruim. Ele estava cercado por beleza e tranquilidade, todos na okiya o tratavam com gentileza e bondade e as aulas de teatro foram libertadoras de uma forma que ele mal podia descrever. Daniel se deu conta de que sempre faltou um pouco de arte em sua vida e que a imersão no mundo da arte o tornou uma pessoa mais feliz. As meninas sentadas ao lado dele estavam animadas com a apresentação, Mika falava da canção que deveria cantar e Yuki dos novos passos de dança, enquanto Bunko, já quase completamente recuperado de seu encontro com Takashi, servia o chá para as meninas. Daniel continuava interessado no estado de saúde de seu novo amigo:

- Como você se sente hoje, Bunko?

- Estou muito melhor, senhorita Gina. Não gosto de ver a senhorita tão preocupada. Não deveria se perturbar por minha causa.

- Você foi muito corajoso ao enfrentar aquele homem armado sozinho.

- Eu senti muito medo quando ele colocou a espada na minha garganta. É uma sensação realmente terrível. Não sei como agradecer à senhorita por me ajudar naquela hora. Se pudesse, ajudaria a pagar o vaso.

- Deixe disso. Acho que Takashi não tinha mesmo a intenção de machucar você, e quanto ao vaso, acho que esse dinheiro não vai fazer muita diferença na minha dívida. Já percebi que esse problema, referente à dívida, não é tão terrível quanto parece, ele sempre acaba se resolvendo de uma forma ou de outra. Não é diferente de qualquer outro estilo de vida, no final, todos sempre devem lutar quando têm algum objetivo em mente.

- A senhorita amadureceu muito rapidamente. De qualquer maneira, gostaria de agradecer mais uma vez.

Bunko se curvou enquanto Daniel inclinava a cabeça recebendo os agradecimentos. Logo depois que Bunko se retirou, as meninas, que tomavam chá na varanda, viram o velho porteiro atravessar o jardim apressado. Depois de alguns momentos ele retornou acompanhado da senhora Amaya. Mika e Yuki continuavam conversando, mas Daniel apenas se mantinha observando a cena. A dona da okiya não permitiu que o visitante misterioso, que aguardava no portão, entrasse, mas de onde estava, Daniel podia vê-lo parcialmente. O homem era loiro, a visão de cabelos dourados era rara naquele lugar. O rapaz não conteve sua curiosidade e perguntou às meninas:

- Vocês conhecem aquele homem loiro no portão?

Elas tiveram que se inclinar para vê-lo, mas logo Yuki respondeu:

- O nome dele é George.

- O pretendente de Naomi?

- Ele mesmo. Parece que enfim retornou de viagem.

- Naomi ainda está magoada com ele por ele nunca ter escrito uma carta mandando notícias. Duvido que ela vá recebê-lo.

Yuki olhou para Daniel com um sorriso indiscreto e olhar travesso:

- Não sei se ele nunca escreveu. Eu tenho um segredo, mas vocês têm que prometer nunca contar a ninguém que eu falei.

Daniel e Mika concordaram enquanto se inclinavam com curiosidade para ouvir o segredo. Yuki continuou:

- Eu sempre quis saber como era a sala da mãe Amaya. Um dia eu acordei de madrugada, vi que ela estava no quarto dormindo e fui até lá. Eu revirei algumas coisas, descobri que ela tem muito dinheiro guardado...

Mika interrompeu:

- Você não pegou nada, não é?

- Claro que não. O que eu faria com dinheiro se não saio daqui? Além do mais, dizem que ela conta cada tostão todo santo dia e seria uma grande confusão se eu pegasse alguma coisa. Eu só estava curiosa, mas enfim, em uma das gavetas eu encontrei um maço grosso de cartas, todas fechadas e endereçadas a Naomi. Eu ouvi passos, provavelmente de alguma criada que entrou para comer escondido, então eu me assustei e saí de lá antes que fosse pega. Eu não posso dizer que tenho certeza absoluta, mas acredito piamente que as cartas eram do George.

Daniel estava tentando entender:

- Mas por que a senhora Amaya não entregou as cartas para Naomi?

- Ela nunca aprovou as visitas do rapaz. Ela gostava do dinheiro que ele deixava na okyia quando vinha assistir às apresentações, permitia que Naomi aceitasse os presentes, mas sempre dizia que não queria de forma alguma que ela se interessasse por um estrangeiro. Dizia que isso só lhe traria dor.

- Acho que a senhora Amaya se intromete demais na vida das moças da okiya... Por que você não contou sobre as cartas para Naomi?

- Primeiro, porque não sei se são mesmo dele, ou se ela não pediu para a senhora Amaya guardar. Depois, ela é a única filha de verdade da senhora Amaya, ela provavelmente iria correndo contar para a mãe que eu andei xeretando na sala dela. Achei melhor não me intrometer nessa história. Lembre-se que você prometeu não contar meu segredo para ninguém, Gina.

Daniel voltou a observar a senhora da okiya conversando com o rapaz loiro no portão. A senhora parecia extremamente contrariada e seus gestos pareciam pedir para que o rapaz se retirasse. Por fim, ele entregou um envelope para a senhora, se inclinou e saiu. A senhora Amaya voltou para o jardim. Ela trazia um envelope nas mãos, mas Daniel sentia em seu coração que a correspondência não seria entregue a sua dona legítima.

Para o rapaz era óbvio que Naomi não tinha conhecimento algum das correspondências, a maior queixa da moça estava relacionada à falta absoluta de notícias por parte de seu pretendente. Daniel não sabia de que forma poderia falar com Naomi a respeito de sua descoberta, principalmente depois de ter prometido a Yuki que não contaria a respeito da traquinagem da menina a ninguém.

O restante da tarde transcorreu normalmente até o crepúsculo quando um rapaz magro, de óculos, veio visitar a okiya. Desde o dia em que Daniel viu Amaya pagando a moeda para o mensageiro ele passou a se interessar pelos movimentos da senhora e pelo que ele observou no momento da chegada do rapaz de óculos, parecia claro que ele veio até ali a convite da dona do lugar.

A senhora Amaya pediu que Naomi entretivesse o rapaz de óculos e os dois passaram a tarde em um canto reservado do grande salão, onde todos podiam observá-los, mas não poderiam ouvir sobre o que conversavam. O convidado parecia estar se divertindo e olhava para Naomi com total atenção enquanto a moça falava com desenvoltura e usava todas as suas técnicas para fazer o rapaz tímido se abrir e conversar. No fim da tarde, ele se despediu e Naomi retomou seus afazeres repassando o texto com Daniel pela centésima vez. Para Naomi, o rapaz de óculos não era diferente de qualquer outro cliente da okiya, mas logo a senhora Amaya revelou suas intenções, interrompendo o ensaio do

monólogo:

- E então, minha filha? O que você achou do senhor Hiroki?

Naomi pressentia onde sua mãe queria chegar:

- Ele é bastante educado, mas não faz o meu tipo.

- Como não? Ele é jovem e já dirige uma empresa, vem de boa família, tem uma excelente formação...

- Ele me pareceu um pouco monótono.

- Já sei. Você só dá uma chance para estrangeiros. Estou farta disso. Estou cansada de ver você esperando por um homem que nem ao menos está interessado em você. A partir de hoje você verá o senhor Hiroki pelo menos uma vez por semana. Você será extremamente agradável com ele e fará dele o seu dana.

- Mas mãe...

- A discussão acabou. Já está na hora de você começar a ouvir a sua mãe.

A senhora Amaya se retirou, cada um de seus passos demonstrava determinação. Naomi suspirou como se estivesse cansada e Daniel colocou a mão em seu ombro entendendo a situação difícil em que a moça se encontrava. Daniel ainda não havia contado a Naomi a respeito da visita do rapaz loiro que havia acontecido mais cedo. Ele próprio não entendia por que não havia feito isso ainda, até esse momento, quando lhe ocorreu: ele estava sentindo ciúme. Daniel queria Naomi apenas para si, mesmo sabendo que estava em uma situação onde seu amor não poderia ser correspondido. Por fim, o rapaz respirou fundo, engoliu seus sentimentos egoístas e falou:

- Não sei se você já foi informada, mas o George esteve aqui hoje. Parecia estar procurando por você. Acho que é por isso que a senhora Amaya está com tanta pressa para vê-la interessada em outra pessoa.

Naomi pareceu ficar agitada no mesmo instante:

- Ele esteve aqui? Por que não veio falar comigo? Por que ninguém me contou?

- A senhora Amaya não pareceu feliz com a visita, acho que ela mandou ele embora, mas ele deixou uma carta. Você recebeu?

- Não, ela não me falou nada sobre isso...

Naomi substituiu seu ar de ansiedade por um olhar de tristeza e decepção quando concluiu:

- Mas também, acho que agora já é tarde demais para ele me escrever alguma carta. Ele passou dois anos sem me enviar qualquer notícia, não é mesmo? Acho que minha mãe só está tentando me proteger...

Daniel chegou a abrir a boca para falar sobre as cartas encontradas na gaveta da dona da okiya, mas em seguida se calou. Seria impossível contar a respeito do que ele sabia sem quebrar a promessa feita a Yuki. Além do mais, a menina havia informado que não tinha certeza de que as cartas eram mesmo

de George. Se ele falasse se baseando apenas no que tinha ouvido de Yuki, poderia estar criando um boato infundado e difamando alguém. Só havia uma forma de resolver o problema. Daniel teria que ver as cartas com seus próprios olhos.

Capítulo XVII – Segredo revelado e a grande apresentação

Daniel fez um grande esforço para se manter acordado aquela noite. As gueixas mais velhas costumavam dormir muito tarde e ele não poderia sair de seu quarto antes de ter certeza de que todas elas estariam em seu sono mais profundo. Quando já não se ouvia mais nenhum som pela casa, depois de algum tempo em que todas as luzes haviam se apagado, o rapaz no corpo de Gina colocou a cabeça para fora do quarto e caminhou pelo corredor escuro, pé ante pé, apalpando as paredes até chegar à última sala no fim do corredor.

A porta do escritório estava trancada e Daniel teve que se esgueirar até o quarto da dona da okiya em busca da chave. A senhora Amaya roncava e sua aparência era ainda mais terrível sem o turbante habitual cobrindo os cabelos curtos e ralos. Daniel revirou a pequena bolsa de moedas que a senhora levava sempre consigo e que agora estava em cima da penteadeira entre outros objetos: a chave estava lá dentro, como ele suspeitava. Daniel voltou para o corredor escuro de onde havia saído. Ele alcançou novamente a sala no fim do corredor, girou a chave e correu a porta devagar. Finalmente, o rapaz entrou no escritório misterioso.

Daniel abriu um baú cheio de quimonos caríssimos e olhou nos armários e prateleiras daquele lugar sombrio. Havia uma infinidade de vasos, estátuas, quadros, joias e todo tipo de objeto valioso, mas da forma como tudo se amontoava e pela falta de utilidade prática agregada a eles, Daniel sentia como se tivesse entrado em um depósito de lixo. Era inevitável esbarrar em alguma coisa por ali e temendo fazer algum barulho, Daniel demorou algum tempo até conseguir se aproximar da grande escrivaninha. O móvel, onde haveria a gaveta em que Yuki disse ter encontrado as cartas de Naomi, estava voltado para a janela e era iluminado de forma tênue pela luz da lua.

Daniel examinou o maço grande de correspondências amarradas em uma fita e mesmo com a luz fraca, com seus olhos já acostumados com a escuridão, ele pôde identificar o nome escrito à mão na última carta do maço. Aquelas eram realmente as cartas de George e, pelo volume, ele pôde imaginar que a correspondência de dois anos estava acumulada ali. Não havia mais dúvidas e agora só restava uma coisa a fazer. Daniel escondeu os envelopes em seu quimono e se esforçou para deixar tudo exatamente da forma como havia encontrado. Com um pouco de sorte, a senhora Amaya só daria falta das cartas quando já fosse tarde demais.

Ele trancou a porta da sala administrativa e voltou ao quarto da senhora para devolver a chave ao seu devido lugar. Amaya, que roncava em sua cama, se moveu por um instante e Daniel estancou temendo acordá-la. Depois de algum tempo ele voltou a se mover, devolveu a chave à bolsa de moedas e saiu dali o mais rapidamente possível. Em poucos segundos ele já havia cruzado o corredor. Seu destino não era o quarto de Gina, mas o de Naomi. Não havia tempo a perder se ele realmente quisesse revelar a verdade a sua mentora. Daniel sacudiu a moça em sua cama enquanto chamava:

- Naomi, Naomi... Acorde.
- Gina? O que está fazendo aqui? Que horas são?
- É alta madrugada, mas preciso mostrar algo a você. É urgente. Levante-se.

Naomi acendeu um pequeno candeeiro em sua penteadeira e aguardou sonolenta e ligeiramente contrariada as explicações de Daniel para sua invasão:

- Peguei isso na sala da senhora Amaya agora há pouco. Elas pertencem a você.

Naomi pegou o maço de cartas das mãos de Daniel sem entender o que estava acontecendo, enquanto falava:

- Você entrou na sala da nossa mãe? Sabe que é proibido. Ela pode transformar você em uma criada como punição. O que foi que pegou lá? Você pode até ser presa, sabia? É melhor você devolver antes que ela descubra.

- Olhe as cartas e pare de tagarelar!

Naomi examinou as cartas que tinha nas mãos e conforme se dava conta do que se tratava, sua expressão mudava em uma corrente desordenada de emoções. Rapidamente, ela retirou a fita que unia o maço e passou a abrir e examinar as cartas uma a uma:

- Ele me escreveu durante todos esses anos... Como ela pôde fazer isso comigo? Como ela pôde esconder isso de mim? Nessa carta George diz que tem esperança de que um dia eu responda às suas mensagens, mas que compreende minha situação e confia no meu amor... Nessa outra ele diz sentir que eu sou uma prisioneira desse lugar, mas que logo ele vai voltar e me resgatar... Veja, essa foi entregue ontem.

- Sim, eu estava lá na hora que ele a entregou pessoalmente.

- Ele diz que veio me buscar, mas que não poderá ficar muito tempo em Tóquio. O trem para Kioto parte em três dias, ele vai sair de madrugada e espera que eu esteja com ele. George está disposto a pagar minha dívida, mas minha mãe se recusa a receber o dinheiro. Minha mãe disse a ele que eu não o amo e que ele deveria me deixar em paz, mas ele diz que não vai acreditar enquanto não ouvir isso de mim... Gina, eu preciso me encontrar com ele!

Agora que sua missão estava cumprida e a adrenalina baixava, Daniel já não conseguia conter o sono que tomava conta dele:

- Bem, vou deixar você lendo suas cartas. O que você decidir fazer, pode contar comigo.

- Gina, ele vai embora no dia da apresentação para o imperador. Mas não podemos sair da okiya até lá, estamos proibidas. Eu preciso fazer alguma coisa...

- Sim, nós daremos um jeito, conversaremos amanhã sobre isso. Boa noite.

Naomi não respondeu, estava com os olhos pregados nas cartas com uma expressão agitada e fora de sintonia com qualquer coisa ao seu redor. Daniel chegou ao seu quarto tranquilo. Ele odiava ver injustiças acontecendo com pessoas boas e havia feito sua parte para remediar isso. Ele dormiu em paz a noite inteira e o dia seguinte ele passou ao lado de Naomi. A moça tinha um plano e ele devia ser detalhado nos poucos dias que restavam para a execução. Entre um ensaio e outro, tudo estava combinado, e dessa forma chegou o dia da apresentação no castelo Edo.

O dia inteiro havia sido estranho. As moças costumeiramente impassíveis e serenas da okiya, agora estavam agitadas, falavam alto, brigavam umas com as outras e não encontravam os objetos necessários para a apresentação antes de revirar os cantos e reclamar com os criados. Daniel assistia a tudo de longe evitando se pôr no caminho das feras, enquanto corria de um lado para outro preparando o cabelo e vestindo o quimono especial acompanhado por Bunko. A histeria que tomava conta da okiya parecia

bastante justificável para o rapaz, ele próprio sentia como se mil borboletas estivessem voando ligeiras em seu estômago e mesmo as técnicas de respiração ensinadas pelo mestre Cheng Zhi pareciam não estar adiantando naquele momento.

Já de tarde, as gueixas em comitiva, com suas criadas e camareiros, se dirigiam ao castelo Edo levando instrumentos e materiais para o espetáculo através das largas alamedas de Tóquio. As ruas por onde a trupe passava eram ladeadas por cerejeiras em flor enchendo o ar de pétalas rosadas, que se espalhavam cobrindo as pedras que calçavam o caminho. Ao avistar o palácio, Daniel soube que jamais esqueceria aquela visão. O local não lembrava nem de longe os castelos medievais europeus, que o rapaz já havia observado em filmes. Atrás dos grandes muros de pedra havia um grande complexo de enormes e suntuosos pagodes em cores claras, cercado por bosques inteiros de árvores variadas e coloridas.

O lugar fervilhava de empregados atarefados, enquanto a escolta imperial conduzia a comitiva até a sala onde as gueixas deveriam aguardar o momento de sua entrada para a apresentação. Antes de entrar no palco ao lado, que estava sendo finalizado no salão imperial, as moças se mantinham concentradas e quietas. Daniel repassava suas falas mentalmente e as murmurava de vez em quando temendo esquecê-las no momento crucial. Mesmo estando preparado, mesmo depois de vencer sua timidez, nada se comparava ao nervosismo que precedia uma estreia no teatro. Ele não estava ali para dançar ou tocar. Sua missão era falar em público e não somente falar, naquela noite ele não só teria a aparência de outra pessoa, ele deveria ser outra pessoa, seus movimentos e falas estavam programados e deveriam ser precisos.

As gueixas olhavam através das frestas das cortinas para o salão onde aconteceria a apresentação. Toda corte imperial estava ali, assim como os ministros e convidados especiais do imperador Mutsuhito e da imperatriz Haruko. Aos poucos a luz era ajustada até o momento em que o incenso foi aceso anunciando a entrada das gueixas. Takara e Shizue entraram primeiro se posicionaram com seus instrumentos e em seguida vieram Mika e Yuki rodando seus leques.

Através de uma janela, Daniel podia observar a lua surgindo do lado de fora enquanto segurava seu estômago gelado. Naomi entrou ao término da apresentação das maikos tocando um instrumento e cantando e assim as gueixas e maikos se revezavam no palco, uma após a outra, exercendo seu ofício. Por fim, havia chegado a vez de Daniel.

O rapaz no corpo da maiko respirou fundo e entrou no palco sentindo seu coração acelerado. Ele olhou ao redor e viu a multidão de desconhecidos olhando diretamente para ele e soube que o destino de Gina como gueixa seria decidido ali, por ele. Daniel não tremia ou corava por causa das lições aprendidas no templo Shaolin, mas naquele momento ele simplesmente travou. As primeiras falas de seu monólogo fugiram de sua mente como em uma revoada de pombos. Ele desviou o olhar do imperador e fitou a parede escura atrás da plateia. Tomou ar por um segundo, deu dois passos à frente e agarrou a boneca que trazia nos braços. Por fim, ele encontrou as palavras perdidas e elas puxaram as próximas. De repente, tudo parecia claro e natural:

- Minha boneca não tem um coração... Ela me acompanha noite e dia. Eu lhe conto histórias, falo de minhas tristezas e alegrias e ela me observa atentamente com seus olhos esbugalhados de vidro, sorrindo sempre para mim. Mas a pobrezinha não sente e não retribui. Só fica ali, parada, calada, sem poder dizer que me ama ou que me odeia. Aqui está ela. Minha pobre boneca... Não tem um coração...

Daniel recitava as palavras de forma sentida, como se estivesse realmente solitário com a boneca nas mãos. Daniel sentia que o monólogo, que já era comprido, agora parecia interminável, mas mesmo

tentando não pensar nas pessoas que o cercavam, ele sentia a plateia sofrendo com ele quando havia trechos falando de abandono, rindo de suas falas mais absurdas e se encantando com seus modos infantis. A última fala foi pronunciada. Daniel largou a boneca no chão e saiu do palco como se estivesse abandonando a própria infância. Por um momento não se ouvia nada e Daniel se colocou encostado em uma parede como se suas pernas fraquejassem. Naomi correu até ele:

- Você foi maravilhosa, Gina.

Só então ele pôde ouvir a plateia. Os aplausos ecoavam como pesadas gotas de chuva e a imperatriz, que era conhecida por ser reservada e contida, não resistiu e repetia:

- Linda, linda!!!

Naomi praticamente empurrou Daniel de volta para o palco:

- Vá lá agradecer.

A plateia se colocou de pé com a chegada de Daniel e o rapaz se emocionou. Não havia no mundo uma sensação que se comparasse com a energia vinda de uma plateia. Seu coração estava cheio com as demonstrações de aprovação e admiração da mesma forma que seu estômago se satisfazia quando ele se entupia de doces numa época ainda não esquecida. Daniel se curvava sentindo-se realmente agradecido. O teatro não tinha sido inventado para levar felicidade ao público, ele havia sido inventado para trazer o céu até o ator.

Capítulo XVIII – A fuga de Naomi

Depois que Daniel deixou o palco, Naomi o substituiu apresentando sua última canção e em seguida deixou o palco no momento programado para a pausa feita na apresentação. Daniel se colocou ao lado de sua tutora nos bastidores improvisados e a moça segurou firme em suas mãos:

- É agora, Gina. Eu preciso sair imediatamente. Deseje-me sorte.

- Eu vou com você. Volto para a okiya quando tiver certeza de que tudo correu bem.

- Não, você não pode se arriscar por minha causa. Além do mais, o que você poderia fazer para me ajudar? Você é apenas uma menina...

Naomi segurou as mãos de Daniel com extremo carinho, dizendo:

- Vou sentir sua falta, minha querida irmã.

Em seguida a moça saiu discretamente em direção ao corredor aproveitando que a atenção de todos no lugar estava voltada para as gueixas que entretinham os convidados e para as maikos que entrariam em seguida. Sem que ela percebesse, Daniel a seguiu a uma distância razoável. Os modos de Naomi não eram furtivos, muito pelo contrário. Ela seguia com a cabeça erguida e cumprimentava a todos em seu caminho como se fosse natural que estivesse ali. Daniel logo percebeu a situação e continuou fazendo o mesmo. Nada chamaria mais a atenção que alguém agindo de forma esquiva. Para se tornar invisível naquele lugar era necessário fazer exatamente o contrário.

Dentro de alguns instantes, Naomi já havia alcançado o pátio externo e só restava a ela cruzar o portão e seguir além dos muros de pedra. Nesse ponto, Daniel viu a moça vacilar. Ela se esgueirou entre a vegetação que cercava o lugar e parou observando os três guardas que vigiavam o portão. Os guardas imperiais certamente conheceriam as leis que comandavam as gueixas e nunca permitiriam que Naomi saísse dali desacompanhada.

Daniel correu para trás de um arbusto próximo ao perceber a complicação. Nesse lugar ele começou a se desfazer das roupas mais pesadas que compunham seu traje de maiko até ficar apenas com um calção de algodão, um quimono leve e as meias que mantinham os dedões do pé separados dos demais. Ele cobriu o cabelo elaborado de maiko com um tecido branco e correu como um fantasma através das árvores que cercavam o local:

- Quem vem lá?

O primeiro guarda percebeu a presença de Daniel um segundo antes de ser atingido por um chute certo no queixo que o desmontou imediatamente. O segundo guarda olhou espantado para a pequena figura que tinha diante de si sem acreditar que se tratava de uma criança quando Daniel chutou as pernas do homem que caiu de joelhos. O rapaz no corpo da menina se posicionou nas costas do guarda ajoelhado e apertou os braços contra seu pescoço impedindo o fluxo sanguíneo e a passagem de ar até deixá-lo inconsciente. O corpo de Gina não tinha nenhuma força física, mas Daniel havia aprendido a dominar o chi e conhecia bem os pontos a serem pressionados quando a intenção era desacordar alguém.

O terceiro guarda passou por Daniel como se estivesse diante de uma assombração. Não era para menos. Daniel estava vestido de branco, com o rosto pintado de branco e com um tecido branco amarrado na cabeça, tinha a aparência de uma menina, mas já havia derrubado dois homens adultos sem

demonstrar muito esforço. Sua visão era realmente assustadora. Ao perceber que o terceiro homem corria para chamar reforços, Daniel o perseguiu o quanto pôde, mas as pernas de Gina não eram compridas o suficiente para alcançá-lo.

Daniel olhou para trás e viu que Naomi aproveitou bem o momento da confusão para atravessar o portão. A gueixa certamente teria reconhecido Daniel, e provavelmente estaria confusa com a situação, mas ela não tinha tempo para pensar nisso, seu único objetivo era alcançar a rua e conseguir uma condução até a estação de trem. Agora, Daniel já havia feito tudo a seu alcance para ajudar Naomi e só lhe restava torcer pelo sucesso da gueixa e tentar proteger o destino de Gina.

Os guardas se aproximavam do local enquanto o homem que escapou de Daniel gritava histericamente dizendo ter sido atacado por um fantasma ao mesmo tempo em que o rapaz se esgueirava entre as árvores buscando o local onde havia abandonado suas roupas. Daniel retirou o tecido que cobria seus cabelos e apanhou o quimono abandonado atrás do arbusto o mais rapidamente que pôde. Ele se vestiu da melhor maneira possível e voltou a entrar no castelo sorrateiramente até alcançar o primeiro corredor. Enquanto ele se dirigia de volta à ante-sala da apresentação, encontrou com um guarda que saía do local para verificar a confusão do lado de fora:

- O que houve com você, menina? Por que está assim toda desarrumada? O que está fazendo aqui?

- Sou maiko. Faço parte da apresentação que está sendo feita hoje ao imperador. Estou trocando meu figurino, por isso, estou assim, sem as amarrações.

- Você não deveria estar andando por aqui. Volte para seu lugar.

Daniel continuou andando e finalmente encontrou com Bunko no corredor:

- Gina, onde você estava? Eu fiquei quase louco procurando por você. O que houve com o seu quimono?

- Eu precisei usar o banheiro com urgência. Você me ajuda a amarrar?

- Por que não me chamou para ajudá-la?

- Estavam todos muito ocupados, a Naomi me acompanhou.

- E onde ela está?

- Ainda deve estar no banheiro.

Daniel não gostava de mentir, mas nesse caso ele achou que seria realmente necessário, e ele havia se tornado um excelente ator depois do treinamento intensivo recebido nas últimas semanas. Bunko amarrou o quimono de Daniel ali mesmo e os dois encontraram as gueixas nos bastidores. O trecho final da apresentação havia sido interrompido e todos os guardas do castelo estavam mobilizados. As gueixas aguardavam a situação se normalizar até que foram informadas de que havia um fantasma no castelo. Todos estavam assustados, até mesmo os que não acreditavam na versão do fantasma depois de serem informados que dois guardas foram encontrados desacordados em frente ao portão.

Mesmo com toda a confusão, logo a demora de Naomi foi sentida pela comitiva de gueixas. Bunko pediu para que uma das criadas fosse procurá-la no banheiro, mas a moça não foi encontrada em lugar algum. Não demorou muito para que o próprio imperador fosse informado sobre o desaparecimento da

gueixa e para que o boato de que o fantasma teria levado a moça se espalhasse. Bunko parecia especialmente apavorado, ele não acreditava ou tinha medo de fantasmas, mas tinha pavor da senhora Amaya e estava certo de que seria responsabilizado pelo sumiço da gueixa sob seus cuidados.

Daniel agora devia sustentar sua história de que tinha estado com a moça no banheiro e ele foi interrogado uma dezena de vezes a respeito disso. Depois de algumas horas, a comitiva de gueixas compreendeu que já não havia mais nada a se fazer ali e começou a se organizar para voltar à okiya com a promessa do imperador de que Naomi seria encontrada e trazida de volta. A boa notícia para Daniel era que os guardas juravam que ninguém havia passado pelo portão e que a moça só poderia estar dentro do castelo, sendo mantida como refém pelo suposto fantasma. Quando a comitiva estava quase saindo do castelo, Daniel percebeu que um dos guardas olhava fixamente para ele:

- Veja, aquela menina não se parece muito com o fantasma que nos atacou?

- Não seja bobo. É apenas uma maiko. Eu nunca poderia ser derrubado por uma garotinha. O fantasma tinha a força de mil homens e o fato de não termos encontrado nenhum invasor no castelo só prova que se tratava mesmo de um ser sobrenatural. Além do mais, apesar de ser pequeno, o demônio não se parecia com uma criança comum. Ele tinha olhos vermelhos faiscantes e garras em suas mãos negras como carvão...

Daniel desviou o rosto e sorriu enquanto ouvia a conversa. A vaidade dos guardas nunca permitiria que eles pudessem identificá-lo. Já de volta à okiya as gueixas sentiam que o brilho de sua apresentação havia sido roubado pelo desaparecimento de Naomi. As moças estavam chateadas e preocupadas enquanto a senhora Amaya gritava com Bunko e o acusava de irresponsabilidade.

Toda a bagunça da noite deixou Daniel exausto. Ele também estava preocupado com Naomi e seu destino, mas agora já não havia mais nada que ele pudesse fazer e isso o desconcertava. Ao mesmo tempo em que a senhora Amaya gritava no grande salão da okiya, Takara chorava com medo do fantasma, Shizue reclamava por não ter feito sua apresentação final, enquanto as duas maikos aguardavam em um canto com os olhinhos assustados. Assim, as mulheres mal perceberam quando Daniel subiu as escadas em direção ao quarto de Gina.

Lá, ele pegou as “rodas do tempo” mais uma vez e se deitou na cama pensando em tudo que havia acontecido naquela noite. Apesar de todos os problemas, o sucesso de seu monólogo não saía de sua cabeça e por isso ele levou ainda alguns segundos para olhar o objeto que tinha nas mãos. Foi só então que ele percebeu que uma nova palavra estava se formando ali. A palavra era “empatia” e ao mesmo tempo em que via a palavra no relógio, Daniel ouviu uma voz, agora bastante familiar. Aliás, tão familiar que ele nem ao menos precisou se virar para adivinhar quem falava com ele:

- Você aprontou uma bela confusão por aqui. Espero que esteja satisfeito, porque eu estou. Estou muito orgulhosa de você.

- Como vai você, mestra Gaila?

- Eu estou bem como sempre, nunca fico melhor ou pior. Mas você está muito mudado, pelo que posso ver.

Daniel, ainda no corpo da maiko, sentou-se na cama mantendo o relógio mágico em suas mãos. Ele olhou para a senhora sentada no banquinho da penteadeira com os cabelos brancos presos em duas

grandes tranças, ela usava uma roupa cerimonial dourada muito diferente da roupa modesta que trajava no primeiro dia em que ele a encontrou:

- Eu já percebi que você tem um senso de humor bastante peculiar, você deve estar achando minha situação hilária... Ainda não entendi o que vim fazer aqui, além de divertir você. Você me disse que um dia eu vou mudar o mundo, mas eu só aprendi teatro. Você acha que eu vou mudar o mundo seguindo a carreira de ator?

- É claro que não. Você será um cientista. Você sempre foi.

- Então, qual foi o propósito disso tudo?

- Veja só como você está articulado, argumentativo, educado, pronto para falar em um simpósio ou vender suas ideias às mais renomadas personalidades, e o que é mais importante: imagino que você tenha aprendido a lidar com pessoas, a ouvi-las, a sorrir. Um amigo me disse certa vez que uma ideia que fica apenas na sua cabeça não tem qualquer valor e finalmente você aprendeu a se comunicar. Conhecemos diversos nomes de homens e mulheres que parecem ter mudado o mundo sozinhos, mas isso é apenas uma ilusão. Ninguém pode fazer a diferença quando está sozinho, sem que possa se fazer ouvir e se fazer entender.

- Imagino que você tenha vindo para me levar para casa... Não sei se estou pronto para sair daqui. Não que eu não esteja ansioso para voltar a ser um homem, mas eu gostaria de saber se Naomi vai conseguir escapar da guarda imperial que está toda atrás dela.

- Não seja por isso. Eu conto para você o que aconteceu essa noite. Naomi conseguiu chegar à estação de trem a tempo. George ficou muito feliz por encontrá-la, comprou um bilhete a mais e fugiu com ela. Como ele é um homem honrado, vai mandar o dinheiro para a senhora Amaya amanhã de manhã através de um advogado e logo o imperador se dará por satisfeito com o desfecho do caso. George se casará com Naomi nos Estados Unidos. Eles sofrerão com o preconceito das outras pessoas pelo simples fato de a moça ser de outra nacionalidade, mas no que se refere ao seu amor, eu poderia dizer que eles serão felizes enquanto viverem. É uma situação bem diferente da de Keiko.

- O que tem ela? Achei que tudo havia se resolvido.

- Infelizmente, não. Takashi não permitirá que ela abra uma casa de gueixas. Ele vai pegar todo o dinheiro da moça e investirá em negócios aos quais ele não está capacitado para administrar. Logo o dinheiro irá acabar e quando ele estiver em uma situação difícil, ele vai abandonar Keiko e correr de volta para seu pai. As gueixas tinham razão, Takashi é um homem fraco e Keiko apressou as coisas tomando o atalho errado... Keiko irá trabalhar em uma fazenda colhendo arroz, logo será apenas uma sombra da bela artista que foi, mas um dia aceitará se casar com o viúvo dono da fazenda, terá filhos e seu destino não será tão ruim no fim das contas, mesmo que seu erro a tenha impedido de atingir todo o seu potencial.

- E quanto a Gina?

- Ela fará outras apresentações, se tornará a maior gueixa que Tóquio já conheceu. Ficará famosa e herdará a okiya da senhora Amaya. Não se preocupe com Bunko também, logo ele será perdoado por deixar Naomi escapar e tudo será esquecido. O tempo é muito hábil em resolver alguns problemas e apagar alguns erros.

- Espero que a senhora Amaya seja punida um dia pelo que faz...

- Não fique com raiva da senhora Amaya, apesar de não agir da forma mais correta, ela realmente acredita estar fazendo o que é certo e protegendo suas gueixas. Enganar o próximo é uma forma de violência. Mas ela já teve sua cota de sofrimento, conhece bem o preconceito pelo qual Naomi irá passar e só queria poupar a filha disso tudo. O que ela não percebeu é que não temos o direito de decidir o destino de nossos filhos, no fim das contas cada ser humano é responsável por si mesmo. E quanto à punição, acho que já basta saber que um dia todos os seres humanos irão morrer, os bons e os maus. Acho que essa já é uma punição suficiente para quem não causou um sofrimento maior a outra pessoa.

- Eu fiquei intrigado com a marca que Naomi traz no ombro esquerdo, ela é exatamente igual à de Chao Hong. O que isso significa?

- Naomi já foi Chao Hong um dia, assim como você já foi Jian Shi e Gina.

- Chao Hong também viajou no tempo?

- De certa forma. Naomi é a reencarnação de Chao Hong assim como você também já foi Jian Shi e Gina antes mesmo de eu fazê-lo lembrar. Você já deve ter percebido o quanto você tem em comum com as pessoas cujos corpos você habitou. Muitas coisas mudaram, mas não o caráter que se revela mais na forma como você se dedica às atividades que está aprendendo. Eu não poderia levá-lo a um corpo que já não tivesse sido seu.

- Sei que isso parece meio óbvio, mas acabo de entender que é apenas minha mente que está viajando... Nesses dias em que estive aqui, eu acabei me afeiçoando muito a Naomi. Você acha que eu vou encontrá-la de novo?

- Seu espírito e o dela sempre estiveram ligados de alguma forma e vai continuar sendo assim. A boa notícia é que sempre que você a reconhecer você saberá que tem alguém em quem confiar.

- Então acredito que isso seja tudo. Você vai me levar para casa agora?

- Acho que você já está pronto para decidir, mas a má notícia é que você ainda não está pronto para retornar. Ainda tenho mais uma lição que gostaria de ensinar, mas somente se você estiver disposto a aprender.

Daniel se calou por um momento. Até agora, as lições que ele havia aprendido em sua viagem através do tempo tinham sido difíceis. Elas o haviam tirado de seu conformismo, o haviam obrigado a agir e se reinventar, mas pensando no que ele era antes de chegar até ali e nas coisas que aprendeu, Daniel percebeu que havia se tornado uma pessoa melhor em um curto espaço de tempo. Mestre Gaila tinha razão, tudo que ele havia experimentado poderia ser extremamente útil quando ele pudesse retomar a sua vida, mas antes de decidir ele perguntou:

- O que devo aprender agora?

- Você conheceu pessoas e se afeiçoou a algumas delas, mas eu ainda não percebo em você um sentimento que o conecte com a humanidade. Você continua se sentindo solitário e eu sei o que você deve aprender para preencher esse vazio.

- E o que eu devo aprender? Será algo que fará com que todos gostem de mim?

- Não. O solitário não precisa ser mais amado, ele só precisa aprender a amar.

Daniel não entendeu ao certo o que aquilo queria dizer, mas sentiu que mais um pouco de aventura poderia lhe fazer bem. Ele balançou a cabeça afirmativamente e mestra Gaila perguntou:

- Você está pronto?

- Eu estou pronto.

A palavra “empatia” se alinhou perfeitamente entre as engrenagens do relógio e o chão se abriu sob o rapaz enquanto o som de um guizo soava no ambiente. Daniel estava sereno e se manteve calado enquanto passava pelo turbilhão do tempo que se abria mais uma vez diante dele. Daniel pensou enquanto acelerava na velocidade próxima à da luz que se a viagem era necessária, então não haveria mais o que fazer, senão aceitar seu destino.

Capítulo XIX – Encontro com o Dalai Lama

Após muitos dias de trabalho, a mandala havia sido, enfim, concluída. Daniel agora era um lama com cerca de sessenta anos de idade e seu novo nome era Nikko. Quando Daniel chegou ao palácio de Potala, em Lhasa, em um dos pontos mais altos do Tibete, local também conhecido como o “Teto do Mundo”, o monge Nikko já estava ocupado na confecção da mandala e contava com a ajuda de outros três lamas para concluir o trabalho. A mandala parecia um imenso caleidoscópio desenhado no chão como um tapete. Para confeccionar o desenho, os monges espalhavam areia colorida utilizando delicadas ferramentas. A mandala era elaborada, cheia de detalhes, e qualquer imprecisão na tarefa poderia pôr todo o trabalho a perder.

Diante da mandala, sentado em um banco alto de madeira acima de todo o salão, estava Tenzin Gyatso, o décimo quarto Dalai Lama. Aquele era o Bodhisattva da Compaixão, um espírito iluminado que renunciou ao nirvana para ajudar a humanidade em seu caminho rumo à iluminação. Mas, mesmo tendo todas essas informações, herdadas da mente de Nikko, Daniel não conseguia deixar de ver a figura à sua frente como sendo apenas a de um menino com um gorro dourado na cabeça, que não devia ter mais de nove anos de idade.

A criança acima de todos os monges se esforçava para permanecer imóvel enquanto um grupo de lamas, que ladeavam o grande salão vestindo túnicas vermelhas e mantos dourados, entoava mantras. Aquela era uma ladainha incessante que entrava nos ouvidos e na alma e que, algumas vezes, podia ser confundida com uma canção. “Eu submeto minha vida às eternas leis de causa e efeito que governam o universo”, era o que dizia um dos mantras entoados pelos monges.

Daniel olhava o resultado do trabalho a sua frente com orgulho. A mandala de areia havia ficado lindíssima e mesmo sabendo que só havia ajudado na parte final da confecção, o rapaz no corpo do lama sentia-se feliz por saber que teve participação na linda obra de arte que estava diante dele. Um velho monge entrou no grande salão e a ladainha cessou imediatamente. Aquele era o lama Gejung, o principal responsável pela educação espiritual do jovem Dalai Lama. Enquanto os monges que haviam feito a mandala se posicionavam mais atrás no centro do grande salão, o velho se aproximou do menino e perguntou:

- Diga-me, o que sua santidade achou da mandala que os monges fizeram para você durante semanas de trabalho incessante?

- Ela é muito bonita.

- E você sabe por que ela é feita de areia?

O menino balançou a cabeça negativamente enquanto o professor apanhava um leque gigantesco que estava encostado na parede do salão. O velho lama se aproximou da mandala e com apenas um gesto de seu leque espalhou a areia que compunha o tapete em todas as direções. O caleidoscópio estava desfeito, não existia mais, e o trabalho que havia levado tanto tempo para ser construído havia sido destruído em um segundo. O velho olhou novamente para o menino e disse:

- A mandala representa todas as coisas que existem em todo o universo. Tudo passa. Tudo acaba. Tudo é esquecido. Governos se sucedem, castelos desmoronam, pessoas morrem, uma geração substitui a outra e seus discursos se repetem. Tudo nessa vida não passa de uma ilusão.

Daniel, que assistia a tudo, sentia como se tivesse tomado um choque quando a areia se espalhou e todo o trabalho de Nikko se transformou em nada. Ele sentiu também seu coração despedaçar ao ouvir as palavras do velho lama Gejung. Aquelas palavras não eram duras demais apenas para um menino, o próprio Daniel que era mais velho e já havia aprendido tanto e passado por tantas coisas se sentiu atormentado por essa ideia. O monge Nikko, que havia emprestado suas memórias, já havia mostrado a Daniel que toda doutrina budista estava baseada no desapego e na compaixão por todos os seres vivos do planeta, mas ele nunca havia pensado em desapego de uma forma tão radical. Daniel tinha passado toda sua vida preocupado com o peso de suas ações, correndo atrás de grandes objetivos, buscando se tornar a melhor pessoa que pudesse ser. Mas se tudo estava destinado a acabar, se todas as coisas na vida de alguém seriam fatalmente esquecidas, qual seria a razão para todo seu esforço?

Alguns monges se aproximaram do banco onde o pequeno Dalai Lama estava sentado e, usando suportes de madeira, ergueram o assento da criança no ar. O velho lama Gejung iria continuar ensinando o menino em outro lugar e seguiu na frente saindo pela mesma porta por onde havia entrado, enquanto era acompanhado pelos monges que carregavam o menino. Quando o Dalai Lama saiu do grande salão, todos os lamas que meditavam ali se levantaram. Daniel também se colocou em pé e seguiu através dos corredores do mosteiro constituído por mais de mil aposentos individuais para os lamas. Ele entrou em seu quarto modesto, segurou as “rodas do tempo” em suas mãos, sentou-se na posição de lótus em uma esteira e meditou até entrar em transe, um estado que o velho monge Nikko conseguia atingir facilmente por causa dos anos de meditação e estudos. Daniel permaneceu assim sem ter qualquer noção de tempo até que Matsuo, um monge de aproximadamente vinte anos de idade, que estava a seus cuidados como discípulo, o despertou.

Matsuo desejava se tornar um lama, ou seja, um professor capacitado a ensinar outros monges, mas só conseguiria atingir seu objetivo depois de passar por testes difíceis que aconteceriam em alguns meses e que englobavam não apenas o conhecimento sobre o budismo, como também a cultura geral do monge. Matsuo sentou-se em frente a Daniel e o rapaz no corpo do velho lama começou a sabatinar o jovem a sua frente usando um questionário que Buda havia respondido há milênios atrás. Matsuo deveria usar as mesmas palavras do Iluminado:

- Responda-me, Matsuo. Qual é a espada mais cortante?
- A palavra raivosa é a espada mais cortante, lama Nikko.
- Qual é o maior veneno?
- A inveja é o mais mortal dos venenos.
- Qual é o fogo mais ardente?
- A luxúria.
- Qual é a noite mais escura?
- A ignorância.
- Quem obtém a maior recompensa?
- Aquele que dá sem o desejo de receber.
- Quem sofre a maior perda?

- Aquele que recebe de outro sem devolver nada sofre a maior perda.
- Qual é o escudo mais impenetrável?
- A paciência.
- Qual é a melhor arma?
- A sabedoria.
- Qual é o ladrão mais perigoso?
- O mau pensamento.
- Qual o tesouro mais precioso?
- A virtude.
- Quem recusa o que de melhor lhe é oferecido nesse mundo?
- Quem aspira à imortalidade.
- O que atrai?
- O bem atrai.
- O que repugna?
- O mal repugna.
- Qual é a dor mais terrível?
- A má conduta.
- Qual é a maior felicidade?
- A libertação.
- O que ocasiona a ruína no mundo?
- A ignorância.
- O que destrói a amizade?
- A inveja e o egoísmo.
- Qual a febre mais aguda?
- O ódio.
- Qual é o melhor médico?
- O Buda.

Ao término das perguntas, Daniel balançou a cabeça satisfeito, percebendo que o jovem monge havia se dedicado aos estudos como o lama Nikko havia recomendado. Mas em seguida, a melancolia que ele estava sentindo antes da chegada do rapaz retornou e Daniel, perguntou:

- Matsuo, do que adianta tudo isso? Se tudo passa, se tudo acaba, que diferença faz o que fazemos ou deixamos de fazer nessa vida?

Matsuo pensou que estava sendo testado e respondeu:

- Os tesouros do mundo se perdem com a morte, mas não a alma. Nós reencarnamos infinitas vezes e tudo que fazemos nessa vida levamos para a próxima em forma de carma bom ou ruim. Dessa forma, tudo que fazemos tem um enorme peso, porque corremos o risco de repetir nossos erros infinitas vezes.

Daniel balançou a cabeça em aprovação enquanto meditava ainda perplexo e, por fim, perguntou a Matsuo tentando fazer o rapaz compreender seu raciocínio e assim obter uma resposta que o satisfizesse:

- Por que você está estudando?

- Eu quero me tornar um lama.

- Isso é um objetivo, não é mesmo? Isso é uma forma de apego. Por que você quer se tornar um lama?

- Eu quero repassar os conhecimentos de Buda e ajudar os outros a evoluir. Essa é a base da compaixão.

- E para que evoluímos?

- Para chegar ao nirvana.

- E o que há no nirvana?

O brilhante discípulo do lama Nikko parou por um momento pensando. A resposta correta seria que no nirvana não há nada. Sidarta Gautama, conhecido como Buda, ou seja, o Iluminado, era o que os ocidentais chamariam de filósofo. Ele acreditava em reencarnações e achava a ideia absolutamente terrível. Para ele, o homem estava destinado a nascer, ficar doente, perder seus entes queridos, sofrer decepções, envelhecer e morrer infinitas vezes. A tudo isso ele chamou de sofrimento e chegou à seguinte conclusão: “Existir é sofrer”. Ele também pensou que só reencarnamos porque queremos. Ansiamos por rever nossos entes queridos, experimentar sabores e sensações, realizar objetivos. Por fim, ele chegou à conclusão de que a única forma de não sofrer seria não reencarnando. Para isso era preciso deixar de desejar e deixando de desejar deixaríamos de existir. O nirvana era apenas isso, deixar de existir. Daniel sabia de tudo isso graças às memórias que herdou do lama Nikko. Ele não queria que Matsuo o ensinasse, apenas que compreendesse sua aflição. Então ele repetiu a pergunta, mas não recebeu a resposta que esperava:

- E então, o que existe no nirvana?

- A felicidade, lama Nikko. Quando paramos de desejar passamos a ficar felizes com tudo que temos, mesmo que não tenhamos nada.

Daniel sorriu. Ele não precisaria olhar no ombro esquerdo de Matsuo para saber que estava diante de um velho amigo. Mais uma vez os espíritos de Jian Shi e Chao Hong se encontravam através dos tempos e se revezavam no papel de mestre e aluno. Daniel se levantou, apanhou alguns pergaminhos e entregou ao jovem monge recomendando que ele continuasse seus estudos e elogiando o brilhantismo do discípulo nas respostas. Matsuo se retirou e Daniel voltou a sentar-se na esteira sentindo seu corpo

cansado e dolorido. A velhice do monge Nikko pesava sobre os ombros de Daniel, o próprio corpo havia se tornado uma enorme carga para se carregar.

O mosteiro tibetano era diferente do templo Shaolin. Em Henan, os monges mais velhos se mantinham em excelente forma por causa dos exercícios, mas ali, no palácio de Potala, o desapego em relação às coisas materiais sobrepujava todo o resto e o corpo é um bem material.

O único desejo dos monges era o de encontrar o nirvana ainda em vida, por isso, não havia nada que Daniel precisasse fazer senão meditar, andar em prece constante, tecer intermináveis tapetes de areia para ser desmanchados um minuto depois de concluídos. A lógica dos monges tibetanos era inegável. É um fato que, um dia, mesmo coisas que parecem imutáveis como o planeta Terra ou o Universo se acabarão. É um fato que a vida é uma sucessão de alegrias e tristezas cujo sentido é bastante difícil de compreender. E por essas razões o rapaz se entregou à rotina daquele lugar místico.

Antes que se desse conta, sua mente entrou em comunhão com a dos demais monges do lugar. Já não havia mais problemas ou obrigações, não fazia diferença se ele era um velho, uma menina ou um rapaz, se estava em um templo ou no aconchego de sua casa, não havia mais tempo ou espaço, já não havia mais Daniel... E pela primeira vez em sua existência, o espírito do jovem que viajava através do tempo sentiu o que era a paz interior. Nenhuma de suas experiências anteriores havia lhe proporcionado uma sensação como aquela. Daniel havia encontrado a verdadeira e total felicidade.

Capítulo XX – O vilarejo e a compaixão

Mesmo Daniel não saberia responder por quanto tempo ele permaneceu no palácio de Potala. Dias, meses, semanas, nada disso fazia mais qualquer diferença. Ele se lembrava que mestra Gaila o havia mandado até ali para que ele se conectasse com a humanidade e se tornasse mais empático e, por isso, em suas meditações o rapaz dedicava uma boa parte de sua energia perdoando as pessoas que o haviam magoado e emanando bons fluidos, cheios de compaixão, para que toda a humanidade ficasse em paz.

Em vários momentos, Daniel era requisitado para ensinar as crianças no mosteiro e ele falava sobre a importância de respeitar todas as formas de vida e descrevia os animais como sendo nossas almas irmãs. Eles tinham sentimentos e apesar de sua inteligência não se comparar à dos seres humanos, eles deveriam ser amados como espíritos que um dia iriam evoluir. E sempre que falava aos seus discípulos a respeito de paz e compaixão, Daniel sentia que havia encontrado o caminho para mudar o mundo e transformá-lo em um lugar melhor.

O rapaz no corpo do velho andava devagar e tranquilamente pelos corredores sagrados do mosteiro quando encontrou com Matsuo saindo de seus aposentos. O jovem monge, que parecia estar sempre sereno, agora apresentava um ar de profunda tristeza e interpelou Daniel assim que o encontrou:

- Lama Nikko. Que bom que encontrei o senhor! Eu estava a sua procura.

- Estou a sua disposição. Você está com algum problema, Matsuo?

- Mestre, eu sei que não devemos nos apegar e que a morte é apenas uma passagem, mas eu recebi notícias de minha mãe. Ela está morrendo. Eu convivi por pouco tempo com ela. Vim para cá quando ainda era um menino e minha família me dizia que estava se separando de mim apenas para que eu pudesse ter uma vida melhor que a deles. Minha mãe sempre me escreveu dizendo que se orgulhava por ter um homem santo na família e estava se referindo a mim quando falava isso. Não é por mim que peço, mas acho que traria algum alívio para ela se eu pudesse visitá-la nesse momento tão difícil que ela terá de enfrentar.

- Claro que você tem minha permissão, Matsuo. E se me permitir, eu gostaria de acompanhá-lo na sua jornada. Não é bom para você ficar sozinho em uma tarefa como essa e um pouco de ar puro me fará bem.

Daniel apanhou algumas coisas que seriam necessárias durante a caminhada, seguiu Matsuo através dos corredores e salões ricamente adornados por afrescos e estátuas e os dois se prepararam para deixar o palácio. Antes de cruzar os grandes portões nos limites das muralhas protetoras do mosteiro de telhados dourados, que mais parecia uma fortaleza, os dois amigos contaram ainda com a companhia de outros dois monges que se ofereceram para acompanhar o lama Nikko até o condado próximo, onde ficava a casa dos pais de Matsuo.

Daniel se encantava com o azul do céu que emoldurava a imensidão das montanhas a sua volta e se esforçava para manter o ritmo de caminhada sem reclamar ou atrasar os outros monges, conforme passavam através das trilhas desenhadas em meio à vegetação rala e rasteira da região. Agora não era apenas a idade avançada de Nikko que dificultava a locomoção de Daniel como também o ar rarefeito, que fazia os pulmões dos monges doer pelo esforço físico naquela enorme altitude. Os três monges mais jovens buscavam amparar Daniel e se preocupavam com a saúde do rapaz no corpo do velho a cada

passo que ele dava. Daniel sentia-se mal ao perceber que estava causando preocupação no grupo e começou a se questionar se tinha sido realmente uma boa ideia acompanhar o monge Matsuo em sua visita, mas o caminho até o vilarejo não era tão longo e logo já era tarde demais para arrependimentos. Dessa forma, com algum esforço, os quatro monges entraram na pequena vila.

Aquele era um lugar simples, mas bem cuidado, com pequenas casas brancas feitas com tijolos de barro e telhados de pedras quadradas e lisas. Enquanto andava pelo local, Daniel pensava que uma vida de simplicidade era diferente de uma vida de pobreza, a diferença estava na dignidade que o local e a cultura ofereciam àquela gente. Ali, pessoas circulavam por todos os lados, as crianças saudáveis corriam, um homem vendia mercadorias de todos os tipos honestamente, uma senhora carregava leite de iaque até sua casa, homens passavam na companhia de seus animais e um pequeno universo parecia fervilhar naquele local. Por onde passavam, todos paravam o que estivessem fazendo para se curvar diante dos quatro monges recém-chegados. Daniel retribuía a cortesia com um aceno de cabeça e um sorriso no rosto enquanto seguia Matsuo até sua antiga casa.

Ali, o jovem discípulo Matsuo foi recebido pelo seu pai, sua irmã e seus dois irmãos mais velhos em um misto de alegria e tristeza, intimidade e respeito. Os quatro monges aguardaram na cozinha tomando chá com manteiga até que foram, enfim, convidados para ver a mulher convalescente. Quem chamava era a irmã de Matsuo:

- Vocês podem entrar agora. Desculpem a demora, mas eu não queria que vocês vissem o quarto desarrumado. Nossa mãe também não gostaria que você a encontrasse antes que eu lhe desse um aspecto de dignidade, na medida do possível.

Matsuo comentou enquanto se levantava:

- Vocês não me disseram qual doença ela tem na carta que me enviaram...

- Ela teve um derrame há alguns meses e todos nós estamos sofrendo muito desde então. O quadro se agravou nos últimos dias devido a uma grave pneumonia que a acometeu sem qualquer explicação. Toda família está apenas aguardando pelo pior.

Enquanto os monges se dirigiam para o quarto da senhora, Daniel recebia as informações da moça, irmã de Matsuo, sem conseguir se desligar de suas memórias ocidentais, onde e quando uma doença como pneumonia poderia ser curada se descoberta a tempo:

- Mas o que o médico fez para socorrer sua mãe quando identificou a doença?

A moça respondeu como se a pergunta não fizesse sentido algum:

- Nada. Não há o que fazer. Ela está com pneumonia...

De fato, Daniel não tinha essa informação, mas os doutores Fleming, Florey e Chain em breve receberiam o Prêmio Nobel pela descoberta da penicilina. E mesmo assim, infelizmente, os antibióticos não constariam entres os artigos que chegariam tão cedo àquele vilarejo específico, situado no “Teto do Mundo”. Daniel se aproximou da cama da senhora enquanto tentava recuperar sua paz interior respirando e se convencendo de que todo o sofrimento era passageiro.

Diante dele, a mulher estava desfigurada e trazia em seu rosto retorcido uma expressão carregada de dor. Por um instante, a senhora reconheceu Matsuo e passou a olhar para ele de forma suplicante

enquanto se esforçava para estender o braço paralisado em forma de gancho, mas sem conseguir emitir qualquer som. O jovem monge tocou o rosto da mãe em um dos poucos locais onde ele pensou que ainda poderia haver alguma sensibilidade e começou a entoar um mantra para consolar sua mãe e permitir que seu espírito ficasse em paz:

- “Eu submeto minha vida às eternas leis de causa e efeito que governam o universo”.

Aquele era um mantra de resignação e conformismo. Daniel e os outros monges entoavam também a oração, mas o coração do rapaz no corpo do lama já não estava em paz. O sofrimento da senhora o havia trazido de volta para a realidade e, vendo o pesadelo humano representado a sua frente, ele quase podia visualizar a grande multidão de pessoas que sofriam nesse mesmo momento ao redor do mundo, acometidas por doenças, desastres ou pobreza, como se um filme de terror estivesse invadindo sua mente.

Daniel sentiu-se impotente e revoltado enquanto se lembrava da morte de sua avó e pensava na dor que assolava toda a humanidade. Era por causa desses pensamentos que, de quando em quando, ele andava pelo quarto e resmungava uma frase tentando encontrar uma solução para a situação da mulher inválida e atormentada a sua frente:

- Não é possível que não haja nada que possamos fazer... “Eu submeto minha vida às eternas leis de causa e efeito que governam o universo”. Sei que os médicos daqui não devem saber nada sobre pneumonias, mas... “Eu submeto minha vida às eternas leis de causa e efeito que governam o universo”. Talvez haja alguma substância que possa ser usada como antibiótico... “Eu submeto minha vida às eternas leis de causa e efeito que governam o universo”. Não, isso seria loucura, mas pelo menos alguma coisa para diminuir a dor... “Eu submeto minha vida às eternas leis de causa e efeito que governam o universo”. Pelo menos a aspirina já deve ter sido inventada...

Daniel parou de entoar o mantra e passou a examinar a mulher enquanto tentava buscar uma solução para tirá-la daquele estado. Ele revirava a casa atrás de remédios e pensava que se estivesse em Shaolin poderia achar alguma erva que pudesse pelo menos amenizar o sofrimento da senhora. Depois insistiu para que o médico fosse chamado apenas para ouvir da boca dele que nada mais poderia ser feito pela mãe de Matsuo. Daniel ainda revirou um último armário em busca de algum analgésico e comentou:

- Me sinto um inútil por ficar aqui parado, sem poder fazer nada...

Nesse momento, Matsuo se irritou de vez com a inquietação do rapaz no corpo do lama:

- Lama Nikko! O senhor não está ajudando em nada. O que há com o senhor? Será que a idade avançada, enfim, afetou o seu cérebro? O senhor está agindo como um garoto.

- E você está agindo como um paralítico. Você não se incomoda com o sofrimento da sua mãe? Eu nem conheço essa senhora e não me conformo com o que ela está passando.

- Lama Nikko, foi o senhor mesmo quem me ensinou, quando eu ainda era apenas uma criança, que um dia todos nós iremos morrer...

- Sim, mas será que precisamos morrer dessa maneira? Em meio a tanta angústia? Será que não podemos aliviar a dor das pessoas de uma forma mais significativa do que com rezas? E se vamos morrer de novo e de novo e de novo, será que não poderíamos fazer alguma coisa para permitir aos seres humanos morrer com mais dignidade?

A senhora convalescente inspirou fundo, de forma bastante sofrida e em seguida fechou os olhos. Matsuo verificou o pulso de sua mãe e saiu do quarto ao constatar que ela estava morta. Todos olhavam para Daniel com espanto diante do rompante de emoções do monge enquanto o rapaz no corpo do lama seguia Matsuo em direção ao quintal da casa modesta. Lá, ele encontrou seu amigo sentado no chão encostado em uma parede. Daniel também se sentou diante dele:

- Desculpe-me se eu aborreci você, Matsuo. Ainda mais em uma hora tão difícil... Como você está?

O jovem monge se esforçava para conter as lágrimas e permanecer sereno, mas Daniel conseguia perceber o grande esforço necessário para Matsuo manter as aparências:

- Eu estou muito bem, lama Nikko. Os laços que me prendiam a essa mulher eram apenas carnisais. Eu devo me compadecer dela da mesma maneira que me compadeço de qualquer ser humano que ainda não encontrou a iluminação. Afinal, nós devemos nos desapegar de todos os laços que nos prendem a esse mundo.

- Pare de dizer bobagens, Matsuo. Essa mulher era sua mãe. Dê um tempo para você. Não precisa ser um monge agora.

Matsuo desabou em lágrimas ao mesmo tempo em que Daniel colocava a mão sobre o ombro do amigo sem saber o que fazer para consolá-lo, enquanto o jovem monge insistia em repetir:

- Não é grande coisa. Todo mundo morre. Eu preciso me desapegar...

Daniel se revoltou com as palavras de Matsuo: por mais que uma pessoa desejasse se afastar da tristeza em uma hora como essas, se esforçar tanto para negar sentimentos tão naturais como a dor e a perda parecia um esforço para negar a própria humanidade:

- Por que precisamos nos desapegar?

- Eu já respondi a essa pergunta. Precisamos nos desapegar para encontrar a felicidade.

- Sabe de uma coisa, Matsuo? A felicidade é superestimada...

Nesse momento, Daniel pensava que os monges tinham razão. A única maneira de encontrar a felicidade seria através do desapego e do conformismo. Mas ele já não sabia se queria ser feliz em um mundo onde as pessoas sofrem. Além do mais havia uma imensa gama de sentimentos que talvez fossem mais interessantes que a felicidade, sentimentos como o amor, a satisfação de uma vitória, a realização pela conquista de um objetivo. Daniel voltou seus olhos para o céu e falou em voz alta, mas ele não parecia estar mais falando com Matsuo, mas para si mesmo. Sua voz estava carregada com um pouco de revolta, um sentimento há muito tempo esquecido pelo lama Nikko:

- A filosofia budista é interessante e a cultura dos monges é muito bonita e deve ser preservada, mas acho que talvez haja monges, padres, sacerdotes e religiões demais nesse mundo. Os valores morais ensinados por todas as religiões são importantes e podem ser resumidos no amor pelo próximo, mas quantas pessoas e quanto esforço serão necessários para transmitir essa mensagem? No final das contas, o que a humanidade precisa é de mais médicos, mais cientistas, esses sim demonstram amor verdadeiro pelo próximo ao tentar curar suas enfermidades e quando buscam solucionar seus problemas. Não importa quanto tempo vamos passar nesse mundo, uma vida, mil vidas, um único dia. Quem realmente se compadece pelo outro não se preocupa com isso, porque sua única preocupação está voltada para o

alívio da dor humana. Uma palavra de consolo e esperança não deve ser menosprezada, ela é importante para aliviar as aflições da alma, mas esse tipo de consolo seria muito melhor recebido se viesse acompanhado por ações.

Daniel se levantou tomado por um enorme senso de urgência. Ele sentiu que não poderia fazer nada para ajudar seu amigo naquele momento. Ali ele deveria ter dito para Matsuo que mesmo morta sua mãe ficaria bem. Ela logo reencarnaria novamente, e se suas ações e sua vida tivessem produzido um bom carma, então sua próxima vida seria muito melhor.

Daniel sabia que havia falado para o amigo justamente o oposto do que uma pessoa naquela situação desejaria ouvir, mas sentia que havia dito as palavras necessárias para mudar a vida do rapaz; compartilhando ideias e pensamentos que mudariam sua própria vida. Além do mais, Matsuo conhecia as palavras tradicionais de consolo de cor. Matsuo estava acostumado a dar palestras inteiras sobre consolo da alma e ali havia outros dois monges que poderiam desempenhar esse papel. Por isso, Daniel se voltou novamente para Matsuo sem constrangimentos por falar uma última vez o que pensava:

- Estamos sendo egoístas na nossa busca pela paz interior e pelo nirvana, meu amigo. Não podemos abandonar as pessoas no sofrimento. Pasteur, que descobriu a existência dos germes, amou muito mais ao seu próximo que qualquer religioso que eu já conheci. Existe um ditado em nossa doutrina que ensina: “Há uma grande diferença entre conhecer o caminho do bem e realmente percorrer o caminho do bem”. Nós religiosos entoamos mantras ou rezamos e isso faz bem para nossa alma, mas se não agimos, então conhecemos o bem apenas de forma teórica. Talvez seja tarde demais para nós nessa vida, Matsuo. Nem sempre o nosso destino nos envia para onde desejaríamos estar, mas me prometa que nunca mais encarnaremos como monges. Assim que pudermos, seja nessa vida ou na próxima, seremos cientistas e passaremos nossa vida tentando transformar o mundo em um lugar um pouco melhor para todos. Se pudermos curar alguma doença, cegueira, paralisias, ou qualquer outro mal que acomete a humanidade, mesmo que esse mundo seja apenas uma passagem, podemos fazer com que seja uma passagem menos desagradável, você não acha? Sei que nossa existência será muito mais útil dessa forma.

Matsuo tinha lágrimas nos olhos quando balançou a cabeça concordando com o lama. A dor no seu coração não permitia que o jovem monge pensasse direito, mas havia muita lógica no que seu professor dizia e Matsuo não ignoraria suas palavras. Ali um pacto foi selado de uma forma muito simples, não era necessário mais que um aceno de cabeça para cumprir uma promessa feita com o coração. Daniel não estava negando toda a espiritualidade que havia adquirido em sua experiência como monge, nem estava abrindo mão da serenidade que havia encontrado. Algumas coisas realmente poderiam ser relevadas e teriam menos peso do que o rapaz imaginava tempos atrás, mas o amor ao próximo, ensinado também no budismo, era absolutamente incompatível com o desapego. Para ajudar a humanidade era necessário trabalhar duro, desejar intensamente, e dedicar a vida toda a conquistas e objetivos difíceis de alcançar.

Daniel pegou suas coisas na cozinha, uma vela de sete dias para iluminar sua caminhada, despediu-se da família de Matsuo, que o recebeu tão amavelmente, e se pôs a caminho em direção ao palácio de Potala. Os outros monges tentaram impedi-lo, o sol já se punha entre as montanhas e seria perigoso para o lama Nikko seguir sozinho por aquelas trilhas à noite, mas nada poderia impedir Daniel, que também insistiu em recusar qualquer companhia. O rapaz sentia que deveria voltar para casa imediatamente. Sentia como se tivesse perdido muito tempo em uma situação onde havia muito para se fazer.

Ele não poderia dormir ali ou consolar os parentes até a manhã seguinte, quando o corpo da mãe de Matsuo encontraria seu destino final. O estado de espírito atual de Daniel poderia trazer mais dor às

peças que sofriam naquele lugar se o rapaz permanecesse ali. O que o jovem no corpo do lama sentia naquele momento era o oposto do recomendado, ele estava possuído por uma intensa sensação de inconformidade.

Agora, Daniel acreditava ter finalmente encontrado seu caminho espiritual. Para ele, era na ciência que residia o verdadeiro sacerdócio. Se era necessário amar o próximo para agradar a Deus, se era necessário amar o próximo para evoluir, se só podemos demonstrar amor praticando o bem, e se o bem que beneficia o maior número de pessoas ao longo de muitas eras e gerações só pode ser obtido através da ciência, então aí estava a resposta sobre o que fazer para agradar a Deus, não importando a forma como cada ser humano vê ou acredita em Deus.

O que os monges diziam era verdadeiro, mais cedo ou mais tarde todos nós seremos esquecidos. Mesmo os nomes de grandes inventores ou cientistas que fizeram uma grande diferença mudando a história da humanidade poderiam realmente ser esquecidos, perdidos na história, suas descobertas e invenções poderiam ser atribuídas às pessoas erradas, roubadas ou exploradas por outros. Alguns inventores ficaram muito ricos, mas outros poderiam até mesmo morrer na pobreza e obscuridade, isso não importava. Suas descobertas durariam por muito tempo, salvariam muitas vidas, aliviariam muito sofrimento; não eram como os tapetes de areia. Cada descoberta leva a uma próxima descoberta, o conhecimento do homem continua evoluindo ao mesmo tempo em que as almas humanas evoluem, e mesmo se não vier a ser eterno, mesmo que o radicalismo ideológico um dia venha a tomar o poder e levar o ser humano para uma nova idade das trevas, ali estava algo pelo qual valia a pena lutar. Ali estava uma exceção à regra.

Capítulo XXI – O caminho de volta

Daniel se preocupava em não sair da trilha. Naquele breu absoluto seria impossível reencontrar o caminho de volta se ele se desviasse da estrada estreita. O rapaz no corpo do lama segurava a grande vela usando o manto dourado enquanto uma enorme quantidade de cera quente se derramava sobre o braço da sua túnica vermelha. Ele caminhava o mais rapidamente que podia enquanto aparava a chama tremulante, impedindo que o vento frio, que soprava sobre ele, apagassem sua única e escassa fonte de luz naquela via escura e insegura.

A ideia da morte rondava constantemente a imaginação de Daniel enquanto ele canalizava seu chi tentando otimizar as forças do velho monge na medida do possível. Uma das preocupações do rapaz estava relacionada à presença de animais selvagens naquela região. As imagens do funeral tibetano saídas da memória do monge, que havia emprestado suas lembranças, povoavam a imaginação de Daniel por mais que ele se esforçasse para afastá-las, não somente por estar naquele lugar lúgubre como também por ter visto uma pessoa morrendo diante de si não fazia muitas horas. O mau pensamento era, com certeza, o ladrão mais perigoso.

No funeral tibetano não existia enterro ou cremação, o corpo era cortado e abandonado para as aves de rapina, que abundavam naquele lugar. Os monges poderiam entoar mantras enquanto as aves devoravam a carne do cadáver. A voracidade das aves garantia que os ossos ficassem extremamente limpos para serem triturados e entregues aos familiares.

O rapaz apertava o passo temendo que a vela se extinguísse antes da chegada a seu destino, enquanto sentia os pés do velho monge pesando a cada passada. A subida de volta ao palácio era infinitamente mais desafiadora que a descida rumo ao vilarejo. O frio era intenso e o esforço provocado pelo ar rarefeito era ainda maior à noite. E assim, por mais corajoso que tivesse se tornado, Daniel se preocupava enquanto pensava, de quando em quando, que todas aquelas aves devoradoras de carne estariam rondando por ali ao mesmo tempo em que ele caminhava com dificuldade, preso ao corpo frágil do lama Nikko.

O funeral tibetano certamente pareceria bárbaro do ponto de vista da cultura ocidental, mas a verdade era que o ritual simples e despojado era perfeitamente condizente com a crença das pessoas daquele lugar. Os budistas tibetanos nunca poderiam ser acusados de incoerência quando o assunto tratava do desprendimento da matéria. Segundo suas crenças, quando o corpo humano é abandonado pelo espírito, ele não se torna diferente de qualquer outra carcaça de animal e, portanto, deve ser tratado como tal. Ao mesmo tempo, seria considerado um ato de extremo egoísmo desperdiçar a carne que poderia alimentar outro ser vivo que necessite dela para sobreviver. Esse era o pensamento budista na sua plenitude, lógico, pragmático, coerente.

Enquanto Daniel subia pesadamente através da trilha escarpada e sinuosa, lhe ocorria que o rompante de se aventurar na montanha durante a noite pudesse não ter sido uma boa ideia, mas de alguma forma, por motivos que ele não poderia explicar, parecia não haver a possibilidade de as coisas terem ocorrido de outra forma ou mesmo a noção de poder voltar atrás, retornando pela trilha. Somente quando ficasse muito mais velho, Daniel perceberia o que era incapaz de enxergar agora, não importava o quanto tivesse aprendido sobre paciência, por quanto tempo pudesse meditar completamente imóvel, ou quão inteligente pudesse ser. Daniel ainda era muito jovem e, por isso, não podia conter seus impulsos e não sabia como voltar atrás. Mais tarde, depois de experimentar as melhores coisas que a vida teria para

oferecer, Daniel evitaria experiências desagradáveis, mas, por enquanto, ele não saberia diferenciar uma coisa da outra. Toda experiência era válida e nova, ele não poderia saber o que seria uma má ideia antes de passar por ela até o final.

Mesmo assim, entre tropeços e assustadores sons noturnos, o rapaz no corpo do lama pôde, enfim, enxergar as luzes acesas através das janelas no palácio de Potala e mesmo com todo frio e cansaço, Daniel sentiu-se feliz por realizar sua missão voltando ao mosteiro sem a ajuda de ninguém. Ele foi recebido com espanto pelos monges que guardavam o portão e, após se identificar, ele entrou e encaminhou-se diretamente a seus aposentos. Daniel precisava encontrar as “rodas do tempo”.

Mesmo se precisasse, Daniel não poderia explicar a súbita necessidade de voltar para seu tempo de origem. Essa forte sensação simplesmente tomou conta de todo seu ser. Ele sentia que a única maneira de concretizar seu destino seria retornando, e apesar de saber que seriam necessários anos de trabalho e estudos constantes para realizar seus objetivos, havia nele aquele anseio inexplicável impulsionando-o nessa direção. E o motivo para que Daniel se sentisse assim era simplesmente por considerar-se pronto.

Já em seu quarto, o rapaz no corpo do lama apanhou as “rodas do tempo” e sentou-se na esteira na posição de lótus. Ele já havia tentado decifrar o relógio algumas centenas de vezes sem sucesso, mas a sensação que ele experimentava diante do objeto era diferente dessa vez. Algo novo surgiu em Daniel no momento em que ele presenciou o sofrimento e a morte da mulher no vilarejo. Havia nele uma nova obstinação, algo parecido com uma obsessão, algo como a fé. Daniel imaginou que o segredo para decifrar o relógio não era exatamente as palavras, mas o conceito contido nelas.

Cada ideia apresentada no relógio havia levado o rapaz a uma época onde uma deficiência sua pudesse ser preenchida: ele havia encontrado a coragem no templo Shaolin, a política na okiya e a empatia no palácio de Potala. Nem sempre as lições que ele precisava aprender se apresentavam da forma mais óbvia. E a pergunta que ele deveria fazer para si mesmo nesse momento era: o que ele iria encontrar em seu tempo de origem?

Daniel se lembrou da conversa que teve com o mestre Cheng Zhi. Por mais que quisesse contar ao mestre sobre as coisas que havia em seu tempo, ele não saberia como descrevê-las e em muitos casos, mesmo que ele pudesse descrever, ele não conseguiria explicar como os cientistas de seu tempo puderam chegar àquela conclusão. E sem uma base sólida, mesmo a verdade perde a credibilidade e se torna inútil. De que adiantaria para o mestre Cheng Zhi saber sobre as células se ele não teria acesso aos equipamentos que permitissem a ele vê-las ou manipulá-las?

Isso levava ao motivo para Daniel querer voltar para casa: ele desejava do fundo de seu coração salvar vidas, curar doenças e mudar o destino do ser humano, mesmo que fosse com uma pequena contribuição. Ele não poderia fazer isso onde estava agora e nem nos lugares por onde passou. A única coisa sobre saúde que ele poderia ensinar às pessoas que conheceu seria a respeito da importância da higiene na prevenção de doenças, mas isso seria redundante já que os orientais eram reconhecidamente limpos. Não havia nada que ele pudesse fazer ali, não só porque as pessoas não compreenderiam as coisas que ele conhecia, como também porque ele não conhecia nada profundamente e não tinha as respostas sobre o que fazer para realizar seus objetivos. Aliás, mesmo esses objetivos ainda não se apresentavam de uma forma clara para o rapaz.

Conforme analisava e movia as engrenagens, Daniel também pensava nas palavras de mestra Gaila ao longo de toda sua trajetória, ao mesmo tempo em que enumerava as palavras do relógio: coragem,

política, empatia... O que ele poderia encontrar em seu tempo para completar a sequência? No que mestra Gaila desejava transformá-lo? Ele seria alguém que mudaria o mundo, mas, segundo a mestra, ninguém pode mudar o mundo sozinho, para mudar o mundo é preciso liderança, para ser líder é preciso saber se comunicar. Aí estava a resposta, mestra Gaila estava transformando Daniel em um orador, em um líder, alguém que pode convencer a muitos quando encontra uma grande solução. Ele se levantou por um momento e olhou pela janela. O sol já havia nascido. O rapaz no corpo do velho lama falou baixinho:

- Coragem, política, empatia... O que há no meu tempo? Por que eu não posso mudar o mundo enquanto estiver aqui?... O que ocasiona a ruína do mundo?... O que me falta para mudar o mundo?... O que me falta para convencer as pessoas?...

Daniel sentou-se novamente na esteira, se concentrou mais uma vez no relógio e começou a alinhar as letras devagar. Dessa vez, ele sabia que palavra ele desejava posicionar entre as engrenagens. As três rodas se moviam em velocidades diferentes, mas logo a palavra foi tomando forma em sua posição. Dois Cs, dois Os... Daniel concluiu a tarefa. A palavra “conhecimento” alinhou-se perfeitamente e o turbilhão do tempo se abriu sob os pés do rapaz.

Daniel observava as imagens e luzes distorcidas enquanto acelerava na velocidade próxima à da luz e torcia para que sua intuição o levasse ao destino correto. Quando a esteira onde estava sentado finalmente começou a desacelerar, o rapaz teve a nítida impressão de reconhecer algumas imagens abaixo de si. Mas antes que pudesse distingui-las, em uma fração de segundo, ele já havia pousado. Agora Daniel estava sentado em um banco de madeira coberto pela esteira do monge Nikko. O rapaz se levantou devagar mantendo as “rodas do tempo” em suas mãos e observou a esteira se desfazer em pó diante de seus olhos.

Uma sirene estridente soou e, olhando ao redor, Daniel reconheceu: ele estava de volta a seu antigo colégio, diante de si estava o banco onde ele viu mestra Gaila pela primeira vez e ao lado do banco estava sua velha mochila ostentando no bolso lateral a embalagem vazia de um bolinho recheado. O rapaz apalpou o próprio corpo fofinho, subiu as mãos até suas bochechas macias e sorriu. Aquele era ele mesmo. Daniel havia retornado ao mesmo local de onde havia saído, mas ainda restava saber por quanto tempo ele esteve fora. Ele apanhou a mochila do chão e caminhou pelo corredor.

Mais adiante os alunos deixavam suas salas e se encaminhavam para o refeitório do colégio. Em meio à multidão de garotos e garotas de sua idade, Daniel viu uma moça saindo do laboratório de química. Ele não pôde evitar sorrir:

- Jeniffer!

- Oi, Daniel. Você está bem?

Jeniffer perguntou um pouco acanhada. Ela sabia que Daniel era extremamente tímido e se preocupava em não constranger ou assustar o rapaz sempre que falava com ele, mas Daniel tinha alguma coisa de diferente em si dessa vez. Seu olhar era altivo e brilhante, sua expressão era serena e confiante e seu sorriso era largo como o de um velho amigo:

- Eu estou ótimo! E você? Que bom encontrar com você assim, logo de cara... Eu estou um pouco confuso... O que foi que eu perdi? Quanto tempo faz que você não me vê?

- Você sumiu por duas horas. Eu fiquei preocupada com você... Você nunca perdeu nenhuma matéria

e eu não vi você na aula de química...

- Eu só perdi a aula de química?

- Sim. O que aconteceu com você?

Daniel guardava as “rodas do tempo” na mochila enquanto caminhava com a moça em direção ao refeitório:

- Eu acho que cochilei e perdi a noção do tempo.

- Você ainda está chateado por causa do Anísio? Eu acho esse garoto tão bobo...

- Não. Na verdade eu já nem me lembro mais do que ele fez...

Daniel sorriu mais uma vez enquanto olhava para baixo tentando resgatar os fatos que haviam ocorrido naquela manhã, ele realmente já não conseguia mais se lembrar. E mesmo sem saber por que, Jeniffer sorriu também. A presença de Daniel era extremamente agradável. Ele mal lembrava o garoto tímido que havia sido humilhado ainda naquela manhã. Ele continuou perguntando de forma casual como se sempre tivesse sido eloquente e como se Jeniffer fosse uma amiga de longa data. Daniel não estava representando um papel, ele simplesmente não se lembrava de como ele era antes de passar por sua experiência através do tempo:

- Você pode me emprestar suas anotações de química? Eu copio durante o almoço e já devolvo para você.

Jeniffer entregou o caderno já nas páginas onde estavam as anotações e apanhou um prato para se servir, mas Daniel não a acompanhou. Ele se sentou em uma mesa vazia e começou a copiar o conteúdo emprestado da colega até que a moça se aproximou, sentou a seu lado e perguntou:

- Você não vai comer?

- Não. Não sei o que comi, mas eu me sinto empanturrado. Além do mais, eu tenho muito o que fazer e não sei se vai dar tempo...

- O que você tem que fazer?

- Bem, primeiro eu vou copiar o conteúdo da matéria que eu perdi e depois eu preciso revisar minhas próprias anotações... Dizem que a única coisa que a gente não perde é o que a gente aprende e mesmo isso não é verdade... Se você não usa o que você aprendeu por muito tempo você logo esquece...

- Você está tão diferente... Parece outra pessoa...

- Sério?

Nesse momento um grupo de alunos, amigos de Jeniffer, sentou-se à mesa cumprimentando a moça e olhando Daniel com desconfiança. O rapaz terminou de copiar as anotações de Jeniffer e devolveu o caderno agradecendo a gentileza, ao mesmo tempo em que observava as pessoas ao redor. Bianca, uma das moças do grupo, usava uma camiseta com estampa onde três pares de sapatilhas em ponta se destacavam. Imediatamente, Daniel fez um comentário a respeito do objeto que chamou sua atenção, esse era apenas um dos hábitos adquiridos durante sua estada na okiya:

- Que camiseta interessante! Você gosta de balé?

- Eu adoro balé. Eu faço aula.

- Há quanto tempo?

- Desde os oito anos de idade.

- Puxa! E você pretende seguir carreira nessa área?

- Eu vou ser atriz. A dança faz parte no currículo... Aliás, eu estou organizando uma peça aqui na escola a pedido dos professores...

De repente, Bianca não parava mais de falar. Ela adorava aquele assunto e Daniel olhava diretamente em seus olhos como se prestasse atenção a cada palavra que a moça dizia, fazia comentários positivos e perguntas a respeito dos interesses da menina. Logo, os dois estavam rindo juntos, enquanto Bianca olhava para Daniel como se estivesse encantada com ele. Henrique, um dos rapazes no local, não gostou da cena e interrompeu a conversa de maneira brusca:

- Escuta! Por que você estuda tanto? Por que você faz tanta questão de saber tudo?

- Eu sempre quis entrar em uma boa faculdade e recentemente eu decidi que vou fazer algo relacionado à medicina. Eu quero ser útil, sabe? Fazer a diferença... É bem difícil entrar em uma faculdade e hoje em dia existem tantas outras áreas relacionadas: genética, química farmacêutica, microbiologia, biomecânica... Eu ainda não sei para qual área eu devo ir, então tenho que estudar um pouco de tudo. É preciso estudar um bocado para entrar em qualquer uma dessas carreiras, ainda mais se eu precisar de uma bolsa de estudos...

- Todo mundo diz que você estuda para aparecer! Eu acho que você só se mete a sabichão para chamar atenção e que você se acha mais esperto que todo mundo...

Daniel olhou para Henrique intrigado como se estivesse diante de um segredo com o qual ele havia convivido a vida inteira e que só agora era revelado:

- Jura? Você acha mesmo que eu me acabo de estudar só para fazer você se sentir mal e para ser notado pelos alunos da sala, que vão tirar sarro de mim depois? Puxa vida! Que perda de tempo seria fazer uma coisa dessas... Ainda mais porque depois de três anos o colegial acaba... Que loucura! Imagine só uma pessoa estudando por horas, assistindo a documentários, pesquisando na internet, e pensando: “agora aquelas pessoas que eu mal conheço terão uma grande surpresa...”. Que perda de tempo!

Jeniffer e Bianca não puderam deixar de sorrir diante da lógica inegável do rapaz. Henrique ficou constrangido. Eram muitas as pessoas que tentavam chamar a atenção dos outros alunos em sala de aula, mas estudar nunca constaria entre as formas mais adequadas de se fazer isso. Daniel continuou falando com simplicidade:

- Não é nada disso. Eu estudo para conseguir um trabalho decente no futuro. Nunca pensei que meus sonhos pudessem aborrecer alguém... Mas e você, Henrique, já decidiu se vai cursar faculdade ou o que vai fazer depois do colegial?

A conversa ao redor da mesa começou a se tornar interessante e rica em conteúdo. Logo todos os amigos de Jeniffer que se aproximavam queriam que Daniel ouvisse o que eles tinham a dizer. As pessoas

ao redor daquela mesa riam tanto e pareciam estar tão entretidas nos diversos assuntos que logo chamaram a atenção de todo o refeitório. A conversa só foi interrompida quando Anísio se aproximou. Um profundo silêncio pairou ao redor apenas para que os presentes pudessem ouvir o garoto dizer:

- Balofão!

Daniel ainda estava sorrindo quando respondeu:

- Oi, Anísio. Como vai? Tudo bem com você?

- Tudo...

Daniel acenou com a cabeça parecendo sincero em seu cumprimento e voltou a conversar com as pessoas ao seu redor. Jeniffer tinha sido interrompida e Daniel retomou o assunto:

- Então, Jeniffer. Você estava dizendo...?

As pessoas voltaram a conversar normalmente. Ninguém riu da costumeira provocação do garoto. Parecia que faltava algo na piada. Era como se, enfim, todos tivessem percebido como a provocação era velha e repetitiva. A verdade era que Daniel nunca tinha sido o motivo principal da piada. As pessoas riam mais de Anísio, na verdade, seus modos estranhos, sua feiúra... Mas quando Daniel se mostrava sério e ofendido diante da agressão, lembrava a todos na sala uma cena de “o gordo e o magro”, os risos eram inevitáveis. Uma vez que Daniel não desempenhasse seu papel, a provocação de Anísio deixava de ser engraçada e parecia apenas com uma maldade sem propósito.

O tempo parecia ter voado quando a sirene, anunciando o horário da próxima aula, soou novamente. As aulas seguintes se desenrolaram de forma tranquila. Anísio continuou chamando Daniel de balofo e o rapaz continuou respondendo às perguntas que os professores lhe faziam, mas tudo parecia diferente. Agora Daniel não ligava mais para o que pensavam sobre ele, as antigas piadas de Anísio perdiam seu efeito a cada repetição e os amigos de Jeniffer olhavam para Daniel com simpatia e amizade.

Capítulo XXII – Novo homem, nova vida

Ao longo das semanas que se seguiram seria impossível para quem observasse de fora entender o que havia acontecido com Daniel sem conhecer a trajetória do rapaz. E como sua experiência tinha sido extremamente íntima e não havia produzido qualquer prova ou registro, Daniel logo se tornou um mistério que todos os alunos do colégio queriam decifrar.

O rapaz não levava mais que meia hora para conquistar qualquer pessoa que estivesse falando com ele e para fazer uma nova amizade. Quem estivesse por perto, podia observar as pessoas que o cercavam se divertindo de uma forma totalmente diferente. Daniel não buscava ser o centro das atenções, no lugar disso ele fazia quem estivesse próximo brilhar e, por isso, muito rapidamente, um círculo tácito se formou em torno dele, como se o rapaz fosse o próprio sol em um mundo carente de calor. A velocidade com que todo o refeitório começou a comentar a respeito de Daniel foi impressionante e, conforme o rapaz se esforçava para lembrar de nomes e fatos, que seus novos colegas contavam, ele também apresentava pessoas com interesses em comum, transformando todo o ambiente escolar em um grande clube onde os jovens se reuniam em função de amizades e ideias e o centro, que mantinha a dinâmica do processo, estava em um único personagem.

É claro que Daniel não se tornou uma unanimidade mesmo em sua fase de maior popularidade. De fato, isso nunca aconteceria. Alguns alunos não gostavam dele mesmo sem conhecê-lo simplesmente porque todos os outros gostavam, outros alunos desejavam tomar o lugar ocupado por ele e outros simplesmente não entendiam o que estava acontecendo e sentiam-se incomodados por isso. Anísio, por exemplo, se encaixava em todas essas categorias ao mesmo tempo. Dessa forma, era inevitável que Daniel ouvisse comentários sobre ele gritados a plenos pulmões, muitas vezes por pessoas que ele sequer conhecia, mas que diziam: “não sei o que todos vêem nesse gorducho...”, “acho esse garoto totalmente arrogante...” e muitas outras frases similares que eram reprimidas pelos novos amigos de Daniel que retrucavam: “pare com isso! Ele é legal...”.

Em meio a toda euforia que o cercava, Daniel não supervalorizava nem a bajulação, nem a repulsa. Ele compreendia que tudo aquilo era pequeno, passageiro e que apenas poucas pessoas ali estavam interessadas nele verdadeiramente, tanto para o bem quanto para o mal. Daniel mantinha sempre aquela imagem chocante em sua memória, se lembrava do enorme leque se abatendo sobre a mandala. Então, o rapaz continuava a se dedicar aos estudos e a resolver problemas que ele considerava mais urgentes em sua vida. Ele entrou em uma academia de kung fu usando o dinheiro da mesada, que no passado ele gastava inteira em doces; passou a se interessar por filmes chineses, mangás japoneses e a se corresponder com lamas tibetanos para não perder a fluência adquirida magicamente nessas línguas; e, principalmente, ele passou a acompanhar o que acontecia no mundo atual e a imaginar o que ele poderia fazer para contribuir com mudanças.

Daniel não pensava que iria encontrar a fórmula para melhorar o mundo de uma hora para outra, mas pensava que se encontrasse alguma pista poderia, pelo menos, encaminhar seus estudos nessa direção. Além do mais, não havia uma regra de idade para se ter grandes ideias. Philo Farnsworth teve seu primeiro “insight” a respeito de dissecação de imagens aos catorze anos de idade, mais tarde seu trabalho escolar resultaria na invenção da televisão; e outro exemplo era o de Steve Jobs, que concebeu o computador pessoal aos dezessete. É impossível saber quando uma boa ideia pode surgir e, por isso, Daniel pensava ser indispensável se manter atento.

Dessa forma, buscando desdobrar sua atenção entre suas novas amizades, os estudos e os exercícios praticados na academia de kung fu, Daniel via seus dias completamente ocupados e mesmo sem pensar em fazer algum regime, ele mal encontrava tempo para se alimentar e assim, sem fazer qualquer esforço extraordinário nesse sentido, ele começou a emagrecer.

Tudo parecia estar indo bem e não havia qualquer coisa de excepcional naquele dia, quando Daniel acordou pouco antes do sol nascer por completo e começou a cumprir seu ritual diário se preparando para o colégio. Ele tomou seu banho, comeu rapidamente uma tigela de cereais, deu um beijo na bochecha de sua mãe, Catarina, e recebeu dois tapinhas nas costas de seu pai, Glauco, que se mostrava muito orgulhoso com o novo condicionamento físico do filho, assim como com as notas do bimestre, que haviam acabado de chegar. Daniel ainda estava sonolento quando cruzou as poucas quadras que separavam sua casa do colégio e alcançou o corredor que dava para a sala cento e três.

Enquanto ainda se aproximava da porta, ele percebeu que Bianca havia deixado uma caneta cair um pouco depois do batente entrando na sala. Daniel se abaixou para apanhar a caneta e quando começou a se levantar, já chamando pelo nome da menina, sentiu a presença de algo vindo em sua direção. Sem ter tempo para pensar no que era, Daniel segurou com força o objeto, parando-o a cerca de dez centímetros do seu rosto. Quando se levantou, o rapaz percebeu que tinha o pulso de Anísio entre seus dedos. Anísio tremeu de medo ao perceber que precisava olhar para cima para visualizar o rosto de Daniel, ele tentou desvencilhar o braço, mas não conseguiu, Daniel estava usando a mão esquerda para segurar o pulso direito do garoto com uma força fora do comum. Então, ele entregou a caneta que havia acabado de apanhar para Bianca, agarrou a mão de Anísio com sua mão direita e sacudiu de leve:

- Como vai, Anísio? Tudo bem com você? Você continua fazendo esse tipo de brincadeira com as pessoas, não é mesmo? Você não deveria agir assim... Suas brincadeiras são muito agressivas. Eu, particularmente, não acho a menor graça... Sabe, Anísio? Eu acho que você deveria parar de perder tempo tentando chamar atenção. Eu realmente me preocupo com você. Se você não parar por um momento, e se não começar a pensar no que está fazendo no mundo, se continuar focado em outras pessoas ao invés de se preocupar com você mesmo e com seu futuro, você pode acabar jogando sua vida fora. Será que você não percebe quanto tempo desperdiça focando sua atenção em mim, por exemplo? Vamos lá, garoto! Comece a viver sua própria vida.

Daniel soltou a mão de Anísio e entrou na sala sob o som de aplausos. No canto, ocupando as últimas carteiras, os amigos do menino ruivo gargalhavam como se Anísio tivesse se tornado vítima de uma peça, ao mesmo tempo em que Daniel fazia sinal para que a sala parasse de aplaudi-lo. Ele não tinha a intenção de passar um sermão em Anísio ou mesmo de humilhar o garoto de qualquer forma, estava apenas sendo sincero quando aconselhou Anísio a mudar de atitude, mas não foi assim que o garoto avaliou o ocorrido. Daniel teve apenas um segundo para reagir quando percebeu que Anísio vinha em sua direção usando uma cadeira como arma. Daniel desferiu um golpe focando todo seu chi, enquanto a turma observava perplexa, seu punho atravessar o assento de madeira maciça.

Alguns alunos se apressaram para segurar Anísio, que parecia descontrolado, enquanto Jeniffer e outras meninas corriam para ajudar Daniel e uma grande comoção tomava conta da sala de aula. Bianca retirava o assento da cadeira, que havia envolvido o braço de Daniel como uma pulseira, e Jeniffer observava a mão ferida do rapaz, quando o professor Túlio entrou e foi informado pelos alunos sobre o que havia acontecido. Quando a situação se acalmou, Anísio foi levado para a sala da diretoria, e por sua vez, Jeniffer acompanhou Daniel até a enfermaria.

Graças ao treinamento recebido a respeito de técnicas sobre como aplicar um soco devidamente e concentrar o chi na hora do golpe, a mão de Daniel não estava quebrada. Mas mesmo com seu conhecimento em wushu, por estar de volta ao seu antigo corpo, que ainda não estava devidamente condicionado, a mão de Daniel sangrava nos gomos entre os dedos e inchava rapidamente com o trauma. Jeniffer parecia muito chocada, enquanto ajudava a enfermeira com os curativos e perguntava para o rapaz:

- Como você fez aquilo?

- Eu conheço um pouco de kung fu. Eu tive um mestre há algum tempo chamado Cheng Zhi e ele me ensinou que podemos aumentar muito a nossa força física usando a nossa mente...

- Eu adoro kung fu! Sempre quis praticar...

- Acho que você deveria. Se quiser, eu posso levar você até a academia que eu estou frequentando, depois da aula. Você pode dar uma olhada e ver se gosta.

Jeniffer olhou para Daniel e sorriu concordando. Pela primeira vez ela conseguia enxergar nele o queixo forte, e as diversas características que faziam dele um rapaz bonito. Em seguida ela comentou:

- É realmente engraçado. Não entendo por que você demorou tanto para se adaptar... Você parecia ser tão tímido algum tempo atrás... Como alguém pode estar sofrendo “bullying” um dia e ser a pessoa mais popular do colégio no outro?

- Pois eu estou começando a achar que a vida é bem assim mesmo. Acho que um dos fatos mais importante que eu aprendi, não faz muito tempo, é que a maioria das coisas é passageira e temporária. Isso faz toda a diferença, porque significa que podemos nos reinventar a cada dia. Existe uma grande diferença entre ser e estar e ninguém precisa se acomodar em uma situação desconfortável por tempo indeterminado. Quanto à popularidade e o “bullying”, se você pensar bem, as duas situações não são absolutamente opostas. O fato é que eu sempre chamei muita atenção...

Daniel deu um sorriso amarelo enquanto olhava para o chão. Apesar de parecer uma brincadeira, era verdade que ele chamava muita atenção mesmo sem querer e ele ainda tentava descobrir se aquilo era uma coisa boa ou ruim. Depois de um segundo ele voltou a falar:

- Você sempre foi legal comigo...

- Você sempre pareceu ser uma boa pessoa por causa das coisas que eu via você fazer. Eram só pequenos detalhes, como apanhar objetos que as pessoas deixavam cair, abrir portas para os deficientes, ajudar velhinhas a carregar sacolas pesadas... Sabe, Daniel? Acho que caráter é a qualidade mais importante que alguém pode ter. Além do mais... acho que você vai pensar que eu sou louca por causa disso... mas eu tive a sensação de que já conhecia você assim que vi você entrar na sala de aula pela primeira vez.

Daniel sorriu e ruboresceu, como há muito tempo não acontecia, enquanto pensava que havia se apaixonado por Jeniffer desde o primeiro momento em que a viu. Ele pensou se deveria dizer isso a ela, mas a sirene anunciando a próxima aula tocou e logo ele pensou que poderia assustar a moça irremediavelmente se dissesse algo assim. Então ele agradeceu a enfermeira, se levantou da maca onde o curativo havia sido feito e voltou-se para Jeniffer enquanto caminhava ao lado dela voltando à sala de aula:

- Obrigado por me acompanhar até a enfermaria, tudo foi bem mais agradável por causa da sua companhia.

Dessa vez foi Jeniffer quem corou, não tanto pelo que Daniel havia dito, mas pelo tom de sua voz e pelo modo que ele olhava para ela. A conversa foi interrompida aí. Assim que se aproximaram da porta da sala cento e três os dois foram rodeados por colegas como sempre acontecia. Daniel tinha pouquíssimas oportunidades para conversar com Jeniffer a sós. O problema maior não era apenas sua recente popularidade, mas o fato de a garota quase nunca ficar sozinha. A situação era exatamente como Naomi havia descrito, ele não havia se apaixonado pela moça sem razão. Havia pelo menos outros três garotos na sala que eram declaradamente apaixonados por ela, sem contar vários outros que fingiam não estar tão interessados.

Daniel, por sua vez, ficava feliz apenas pelo fato de se sentar ao lado dela, pelo menos por enquanto. Ele imaginava que logo chegaria o momento certo para que ele pudesse se aproximar. Enquanto isso ele seguia os conselhos de Naomi e buscava ser um homem merecedor. Alguém que estivesse à altura do amor que ele desejava conquistar.

Naquele dia, Anísio não assistiu à aula de química. Logo Daniel seria informado que o garoto havia recebido uma suspensão de uma semana por causa da agressão com a cadeira, mas, ao término desse período, ele não voltou a ser visto em sala de aula. A mãe de Daniel curou-se rapidamente, mas não pôde evitar sentir-se aliviado com o desaparecimento de Anísio, imaginando que o garoto havia se transferido para outro horário ou outra escola. Já fazia algum tempo que todos imaginavam que isso aconteceria mesmo sem dizer em voz alta. Anísio não suportava a nova realidade onde outra pessoa e não ele era o centro das atenções.

Durante esse breve período, ninguém mais falava sobre Anísio. Suas piadas repetitivas não faziam falta e o garoto foi completamente esquecido, até que alguns rumores sombrios voltaram a circular pelo colégio tratando sobre o destino do rapaz.

Capítulo XXIII – O olhar do inimigo

Talvez não tenha ocorrido por mera coincidência, mas sim, por alguma indecifrável charada do destino. O fato foi que todos os eventos naquele fim de semana haviam conspirado para que Daniel saísse mais tarde do que deveria da festa de confraternização na academia de kung fu. Os colegas de Daniel não demoraram para perceber que o rapaz conhecia mais sobre técnicas de wushu que o mestre contratado. A partir de então, eles sempre insistiam em pedir para que Daniel ensinasse o que sabia sobre posições de mãos e precisão de golpes, aproveitando qualquer circunstância onde surgisse a oportunidade. Por isso, mesmo nesse dia de festa, Daniel não pôde evitar sair dali apenas depois que o dia já havia escurecido por completo.

O rapaz já estava se despedindo dos novos colegas quando os gritos de socorro foram ouvidos, vindos de um beco de má reputação que ficava atrás do bar algumas quadras distantes dali. Daniel tentou convencer seus novos colegas a acompanhá-lo:

- O que foi isso? Vamos lá ver.

Um deles retrucou:

- Você está louco. Seja o que for, não é problema nosso.

O argumento não convenceu Daniel. Ele não insistiu no chamado, mas, rapidamente, decidiu verificar o que estava acontecendo sozinho, afastando-se do grupo e seguindo em direção ao local de onde vinham os gritos cada vez mais desesperados. Daniel chegou correndo até o bar próximo ao beco e decidiu agir com cautela a partir daí. Da esquina Daniel podia ouvir os clientes dentro do bar conversando:

- Você não vai chamar a polícia?

- Não. Isso é disputa entre gangues. Prefiro não me intrometer nessa confusão.

- Mas e se derem tiros? Não seria perigoso para nós?

- Essa molecada ainda não anda com arma de fogo. Ainda mais por esses lados onde o bairro é bem patrulado. Deixe assim. Eles já vão embora.

Daniel olhou da esquina para dentro do beco. Aparentemente o dono do bar tinha razão, não parecia haver ninguém portando uma arma de fogo, mas os cinco rapazes no final do beco espancavam um garoto veementemente e além de estarem em maior número e armados com um taco de beisebol, chaco e outras armas brancas, o garoto que estava apanhando parecia ser bem mais franzino que qualquer um deles.

Daniel ouviu o garoto tentando argumentar enquanto os demais riam e o esbofeteavam no rosto e só então reconheceu. O garoto que estava sendo espancado era Anísio e pelo que Daniel conhecia a respeito, ele provavelmente merecia a surra que estava levando. Daniel encostou-se ao muro e refletiu por um momento enquanto ouvia o garoto perverso de sua sala gemer. Daniel entendia as razões das pessoas ao redor para não interferir: era verdade que Anísio não merecia nenhuma ajuda ou consideração, era verdade que grupos agressivos como aquele no beco costumavam ser vingativos e viriam atrás de quem se intrometesse mais tarde e era verdade que, apesar de não ser visível, uma arma de fogo poderia estar escondida entre os membros do grupo.

Daniel deu um passo na direção da rua oposta, decidido a sair dali quando ouviu Anísio urrar de dor. O grito ecoou pelo beco de acústica impecável e estancou de repente como se o fôlego do garoto tivesse se esgotado. Daniel deu mais uma olhadela para dentro do beco e viu os olhos inchados de Anísio. O menino estava deformado e havia acabado de tomar um soco forte no estômago enquanto outro rapaz se preparava ameaçando quebrar suas pernas com o taco.

Daniel suspirou. Ele sentia que não tinha outra escolha senão a de ajudar. Se ele não fizesse alguma coisa imediatamente Anísio iria morrer e por algum motivo que ele próprio não sabia explicar, talvez pela enorme covardia da cena, talvez por se tratar de outro ser humano, Daniel sentiu que não poderia deixar isso acontecer. Ele pegou um lenço em sua mochila, improvisou uma máscara e adicionou um boné na esperança de não ser reconhecido pelos bandidos em alguma outra ocasião. Em seguida, ele entrou furtivamente na escuridão do beco.

Os cinco rapazes que atacavam Anísio, mal tiveram tempo de ver de onde surgiu o primeiro golpe. Em questão de segundos, Daniel arrancou o bastão das mãos do rapaz mais velho e zuniu o taco nas costelas de seu dono. Ele desarmou o garoto que usava o chaco e acertou a mão do seguinte que puxava uma faca. Daniel largou o chaco no chão e reagiu antes de ver ao certo qual era o objeto que um dos agressores apontava em sua direção, mas conseguiu desviar o revólver apontado para seu peito um segundo antes que o bandido efetuasse o disparo. O estampido ensurdecedor fez o ouvido de Daniel zunir enquanto o ar se enchia com a fumaça mal-cheirosa da pólvora que se espalhava em todas as direções.

Nesse momento, foi como se tudo ficasse em câmera lenta. Daniel olhou para trás e viu que o tiro havia acertado um dos bandidos às suas costas. Ele olhou novamente para a arma na mão do garoto cujo pulso ele estava segurando e torceu o braço do atirador com velocidade e força até ver o revólver cair no chão. Rapidamente Daniel chutou a arma para dentro de um bueiro e socou o rosto do atirador, que caiu sentado e aturdido diante dele.

Os rapazes da gangue entreolharam-se assustados. Um deles estava baleado no ombro e sangrava abundantemente, outro segurava a costela quebrada pelo taco de beisebol, o atirador que estava no chão percebeu que seu braço estava quebrado e o quarto homem segurava a mão atingida pelo chaco de seu colega que observava estupefato um pouco mais distante da ação. Foi esse quem chamou:

- Vamos embora! Vamos embora!

Depois que os bandidos saíram em disparada Daniel sentou-se pesadamente ao lado de Anísio e começou a retirar a máscara improvisada e o boné. Anísio tinha perdido alguns dentes e mal podia falar, mas mesmo assim se esforçou para expor seu espanto:

- Balofão! É você mesmo?

Daniel quase achou graça pela forma como estava sendo recebido depois de ter salvado a vida do garoto:

- Eu bem que mereço mesmo. Quase fui morto agora tentando salvar você e a primeira coisa que você faz para me agradecer é me chamar de balofão.

Anísio tentou rir, mas não conseguiu por causa da dor:

- Desculpe, é o hábito.

Depois Daniel pareceu muito sério percebendo finalmente o risco que correu enquanto discava o número de emergência:

- Eu me arrisquei demais, fui muito impulsivo. Deveria ter chamado a polícia no lugar de bancar o herói assim.

- Não teria dado tempo. Eu já não aguentava mais.

A ligação com a emergência acabava de ser completada:

- Por favor, chamem a polícia e uma ambulância. Meu colega de escola foi atacado e está muito mal. Eu o encontrei desacordado aqui no beco...

Daniel desligou depois de passar o endereço e Anísio comentou:

- Você fez bem em não entrar em detalhes. Ninguém iria acreditar se contassem o que aconteceu.

Daniel permaneceu em silêncio por um momento, ele não tinha muita vontade de se tornar amigo de Anísio, mas por fim sua curiosidade venceu:

- Por que eles estavam atacando você?

Anísio exibiu uma tatuagem horrorosa que imitava um símbolo pirata e falou:

- Eu entrei para uma gangue. Para me aceitarem, eles me mandaram pichar o território da gangue rival com o nosso símbolo. Esses sujeitos me flagraram no meio da pichação. Eu corri mais que eles, mas acabei encurralado nesse beco. Eu nunca tinha vindo para esses lados antes... Quer saber por que eu decidi entrar para uma gangue?

Daniel levantou a sobrancelha e os ombros, mas Anísio continuou:

- Eu queria ter acesso a uma arma e ter uns amigos perigosos para ir atrás de você.

Daniel olhou para Anísio com revolta e nojo, mas o garoto continuou:

- Não se preocupe. Depois de hoje você pagou sua dívida comigo. Eu não pretendo mais matar você.

- E desde quando eu devo alguma coisa para você, Anísio?

- Sujeitos como você sempre têm tudo...

Daniel ficou calado olhando para fora do beco enquanto esperava a ambulância chegar. Mestra Gaila tinha razão, Anísio não passava de um desequilibrado e não havia motivos para discutir com ele. No entanto o garoto continuou:

- Se eu puxasse o saco dos professores como você faz eu também tiraria boas notas.

- Você alguma vez pensou em estudar? Eu acho que dá mais certo.

- Eu não sou bom em decorar matérias... Só tiro nota para passar de ano colando.

- As notas não são a questão. Se você tentasse entender o que os professores estão buscando ensinar as notas viriam naturalmente. O que você descobre enquanto estuda é o que realmente importa, as

notas só servem para medir se você está acompanhando ou não... Não sei como tantas pessoas conseguem passar pelo mundo sem querer entender o que acontece a sua volta, como as nuvens se formam, por que as cores mudam no céu, como nosso corpo cresce a partir de duas células. Que loucura não se interessar por coisas assim...

- Química, por exemplo, é uma matéria inútil para mim. Nunca vou usar durante minha vida.

- Talvez você tenha razão. Afinal, química só explica do que são feitas todas as coisas que existem a nossa volta...

Anísio tentou rir novamente com sua boca ensanguentada:

- Eu não fui feito para a escola. Eu nasci para ser bandido. Quero ficar rico rápido. Todos irão me respeitar quando eu tiver uma boa pistola na mão. Logo irão me tratar do mesmo jeito que tratam você.

Pobre Anísio. Sempre sentindo pena de si mesmo. Convicto de que o mundo devia tudo a ele sem nunca pensar em conseguir algum mérito para tanto ou de que forma ele poderia retribuir tudo que recebia de sua família e amigos. Que sentido havia na vida daquele rapaz? Será que alguma vez ele já havia se perguntado o que ele estava fazendo no mundo ou sobre o que deixaria para trás quando partisse? Daniel pensou que não. Anísio não refletia a respeito de nada e por isso não compreendia nada. Era quase como um animal perdido no meio dos homens.

Anísio havia criado uma enorme gama de valores distorcidos porque se deixava levar pelas aparências. Mas o fato era que, por mais que a sociedade parecesse dar valor excessivo ao poder e ao dinheiro, sempre haveria mais por trás de tudo isso. Muitas pessoas desejam ser admiradas sem fazer nada de excepcional para merecer o retorno que buscam. Mas quando se analisa a fundo se descobre que nenhum homem é aclamado como grande sem antes criar ou fazer algo realmente grandioso. No fim das contas, o valor de cada ser humano é medido pela forma como ele contribuiu para a sociedade e de acordo com o número de vidas que ele influenciou de maneira positiva.

Depois de se esforçar muito trilhando a carreira de bandido, Anísio até poderia ser bajulado por algumas pessoas, que buscariam seus favores ou que temeriam sua vingança, mas todas essas pessoas seriam tão pequenas e mesquinhas que a adulação nunca teria o mesmo valor da aprovação vinda da sociedade respeitável acima desse submundo.

Daniel se arrependeu por um momento por ter se arriscado somente para salvar alguém tão primitivo quanto Anísio, mas em seguida, sentiu as mãos do rapaz em suas costas:

- Obrigado por salvar minha vida. Agora você é meu amigo, Daniel. Eu sou muito leal aos meus amigos...

Daniel voltou a sentir pena do garoto, mas torceu em seu coração para não se encontrar com ele outra vez. A ambulância e a polícia chegaram. Daniel informou por alto que tinha visto cinco rapazes atacando Anísio, mas se recusou a ficar por mais tempo e prestar depoimento, ele estava ansioso para voltar para casa e deixar toda a feiura do mundo de Anísio para trás. Depois desse episódio, o garoto cumpriu a promessa de lealdade feita a Daniel e nunca contou a ninguém sobre sua interferência. Era necessário evitar que a história se espalhasse ou a reputação de herói geraria problemas na vida de Daniel.

Algum tempo depois, Anísio apareceu em frente ao colégio, ainda se recuperando dos ferimentos e

acompanhado de dois membros de sua gangue. Aquele era o horário de saída das aulas. Anísio cumprimentava os colegas que passavam por ele, mas Daniel foi o único a se portar como se ainda estivesse diante de outro ser humano retribuindo o cumprimento de Anísio com um aceno e seguindo seu caminho.

Os antigos colegas de classe de Anísio sabiam já há bastante tempo que o garoto estava andando em más companhias. O próprio Anísio havia contado para seus amigos que havia se tornado membro de uma gangue como se essa fosse uma novidade interessante que despertaria a inveja de seus companheiros de turma. Agora, eles passavam por Anísio um pouco assustados, desviando o olhar e buscando não ser reconhecidos.

Depois que a notícia de que o garoto havia entrado para o mundo do crime se espalhou, todos passaram a evitá-lo como se ele fosse um leproso. Nunca importaria se Anísio estivesse bem vestido ou se exibisse calhamaços de dinheiro para seus antigos colegas, ser visto na companhia dele era o mesmo que ter a reputação manchada e nenhum estudante com algum futuro e que não estivesse interessado em comprar drogas desejava algo assim. Logo a policia passaria a ser chamada sempre que o garoto aparecesse na região até o ponto de ele ser expulso dos ambientes frequentados por seus antigos iguais. Anísio foi expulso da convivência de pessoas respeitáveis. Ele já não estava à altura delas.

Anísio nunca entendeu que havia sido ele próprio quem se afastou. O garoto havia entrado em um lugar onde quem desejava ser feliz, bom e útil não poderia acompanhá-lo. Ele passou a sentir-se inferior aos estudantes de seu antigo colégio, mas como vivia com os bolsos cheios de dinheiro, não entendia por quê. Pensava que era porque tinha parado de estudar, talvez porque fosse baixinho, ou talvez menos instruído... Anísio era realmente discriminado, mas nunca ocorreu ao rapaz que o verdadeiro motivo para ele ser tratado como alguém inferior seria porque ele havia se tornado, de fato, moralmente inferior.

O sentimento de inferioridade logo se transformou em ódio, a aprovação de seus companheiros de gangue não preenchia o vazio e foi assim que um dia, o garoto perverso se tornou um verdadeiro bandido sem alma.

Capítulo XXIV – Alguns velhos amigos

Desde o dia em que Jeniffer havia acompanhado Daniel até a enfermaria, o rapaz sentia que alguma coisa tinha mudado entre eles e que a chance de ele conquistar a moça havia aumentado. Agora ele poderia, enfim, ter alguma esperança, mesmo com toda a concorrência nos calcanhares dela. Os sinais de interesse por parte de Jeniffer não estavam em coisas explícitas que a moça falava ou fazia, eram apenas detalhes discretos, olhares e sorrisos, enquanto discutiam matérias escolares, o gosto pela música, e as muitas coisas que tinham em comum no pouco tempo que dispunham para isso em suas extensas rodas de colegas.

Agora, era Bianca quem tomava a palavra impedindo o casal de conversar no pátio durante os poucos minutos em que se reuniam antes de deixar a escola. Esse era um momento muito esperado pelos dois mesmo estando cercados por outros alunos:

- Daniel, pelo que você já nos falou a respeito dos seus interesses, eu percebi que você também adora as artes cênicas. Eu estou certa?

- Está sim, Bianca.

- E você já atuou alguma vez?

- Eu apresentei um monólogo uma vez... É uma longa história...

- Como eu disse algum tempo atrás, eu estou encarregada de reunir alunos e ajudar a professora Marta, de literatura, em uma apresentação de teatro. Você teria alguma sugestão para uma peça?

- Eu gosto muito de Shakespeare. Henrique V, em particular, é a minha peça favorita.

Bianca riu:

- Meninos... Mesmo os que gostam de Shakespeare preferem peças que falam de guerras e que tenham muitas cenas de lutas... Que tal Romeu e Julieta?

- Eu acho que já foi apresentada demais... A peça original e as diversas versões.

Nesse momento Jeniffer interrompeu a conversa tomando a palavra:

- Eu acho que é impossível uma peça como Romeu e Julieta ser apresentada demais... Eu, por exemplo, sempre sonhei em representar o papel de Julieta...

Jeniffer falava isso enquanto olhava para Daniel profundamente e ele sabia em seu coração o que deveria responder quando murmurou:

- Eu posso ser Romeu...

Henrique interrompeu a conversa aparentando estar visivelmente enciumado:

- Você é grande demais para ser Romeu. Romeu precisa ser um tipo mais romântico. Eu sei que ficaria muito melhor no papel.

Bianca aprovou o comentário de Henrique. Ela só concordaria em ter Daniel no papel de Romeu se ela pudesse ser a Julieta:

- Henrique tem razão. Não é que você não faria um ótimo Romeu, Daniel, mas a questão é que Jeniffer e você não formam um casal harmonioso...

Daniel já não ouvia mais nada do que seus dois colegas ciumentos diziam. Jeniffer mantinha os olhos fixos nos dele e Daniel mal podia pensar antes de dizer:

- Eu não quero que você seja Julieta com ninguém mais, Jeniffer!

- É claro que não. Eu não seria Julieta com mais ninguém.

Daniel tocou nos cabelos negros, longos e levemente cacheados da moça enquanto examinava seu rosto calmamente. Ele se inclinou um pouco enquanto retirava o cabelo que cobria o pescoço da moça, e então estancou. Em baixo dos longos cabelos de Jeniffer, em seu ombro esquerdo, havia um desenho amarronzado e esmaecido:

- O que é isso no seu ombro?

Mesmo decepcionada, sem entender por que Daniel havia desistido de beijá-la, Jeniffer afastou os cabelos expondo o dragão enrolado em si mesmo que estava representado ali:

- É uma marca de nascença, eu nasci com ela e não há como eu me livrar... Você não gostou dela, não é mesmo? Achou terrivelmente feia.

- Não, não é nada disso, Jeniffer. Mas eu acabei de me lembrar que devo ir para minha aula de kung fu, eu não gosto de me atrasar.

Daniel virou as costas tendo em seu rosto a expressão de alguém que viu um fantasma e isso não deixava de ser verdade de alguma forma. Ele se sentiu um pouco estúpido enquanto caminhava devagar até o portão de saída. Como ele pôde não ter percebido que Jeniffer era Chao Hong, Naomi e Matsuo? Toda aquela empatia, os assuntos e preferências em comum... Os dois não precisariam mais se revezar no papel de mestre e discípulo, eles haviam alcançado o mesmo estágio e talvez ele tivesse até recebido uma ajuda de mestra Gaila, não só para se conectar com a humanidade, mas também para estar à altura da alma de seu amigo... O que ele deveria fazer agora? Como olhar para Jeniffer da mesma maneira que olhava antes? Ela não era uma menina comum. Ela era seu amigo Chao, sua professora Naomi e seu discípulo Matsuo...

O rapaz olhou para trás antes de cruzar o portão. Jeniffer estava em pé rodeada pelos amigos, sua expressão era um misto de confusão, decepção, insegurança e mágoa. Ele ficou ali por um momento olhando para ela, enquanto pensava estar vendo um brilho estranho nos olhos da moça, algo que as pessoas em volta pareciam não perceber, mas que para ele estava claro mesmo de longe: os olhos de Jeniffer estavam marejados de lágrimas, enquanto Henrique segurava o braço dela e fazia menção de tocar em seus cabelos:

- Como eu estou sendo ridículo! Eles são a encarnação um do outro, mas não são a mesma pessoa. E quanto a mim, eu sou louco pela Jeniffer! Que dúvidas eu posso ter?

Daniel retornou até a roda de amigos caminhando a passos largos. Jeniffer olhava para ele sem saber o que esperar, enquanto ele deslocava Henrique usando o corpo e se pondo de frente para a moça no lugar que o garoto ocupava e dizendo:

- Desculpe amigo, chegue um pouco para lá, por favor.

Daniel colocou o rosto de Jeniffer entre suas mãos e sentiu que não havia qualquer resistência. Ele se aproximou fechando os olhos e a beijou apaixonadamente:

- Jeniffer, você quer ser minha namorada?

- É claro que sim.

Daniel sorriu e a beijou mais uma vez ignorando os olhares ciumentos ao seu redor:

- Traga uma roupa esportiva amanhã, eu quero levar você para praticar wushu comigo. Eu tenho certeza absoluta de que você vai adorar. Eu estou indo agora, mas nos vemos amanhã.

Jeniffer colocou a mão escondendo o dragão em suas costas enquanto insistia em perguntar:

- Você não gostou da minha marca de nascença, não foi?

- É a coisa mais linda que eu já vi.

Daniel olhou para Henrique e sorriu como se estivesse consolando o rapaz pela enorme perda que ele devia estar sofrendo, o próprio Daniel não podia imaginar a dor que seria para ele perder Jeniffer definitivamente... No entanto, Daniel sabia também que amava Jeniffer mais do que qualquer outro poderia amar. Ele sentia que era digno da moça e apenas isso importava. Daniel deu dois tapinhas nas costas do amigo, se despediu também dos demais colegas e saiu.

Daniel sentia seu coração como se estivesse batendo em suas mãos e mal percebeu a distância que percorreu até a academia de kung fu. Lá ele interagiu com seus colegas de treino e contou entusiasmado que estava namorando a garota mais incrível do colégio. Daniel precisava contar que estava namorando Jeniffer. Precisava repetir sempre que possível para que ele mesmo pudesse acreditar que aquilo era verdade e que estava realmente acontecendo. Depois ele aproveitou o treino passado pelo seu novo professor de wushu. Esse mestre obviamente não se comparava a Cheng Zhi em sabedoria, ainda assim era um bom sujeito e capaz de ensinar técnicas de luta diferenciadas a Daniel, além de mantê-lo em forma.

Saindo dali, ao caminhar pelas ruas de seu bairro, Daniel se lembrou da frase de Anísio: “Sujeitos como você sempre têm tudo”. Ele sentiu nesse momento que o garoto que tinha sido seu inimigo por tanto tempo havia notado algo que ele próprio não percebia em si mesmo: Daniel percebeu que era privilegiado em muitos sentidos e sentiu-se grato por isso. Agora que finalmente ele havia conquistado seu amor, Daniel sentia que algo indizível dentro de si transbordava e toda aquela plenitude que ele estava experimentando era mais difícil de digerir como verdade do que sua incrível viagem mágica através do tempo e do espaço.

Ele foi para casa sentindo-se ansioso para retribuir ao mundo esses incríveis privilégios concedidos. Ele tomou um banho e se colocou em frente ao computador revendo o que havia aprendido no colégio e olhando as últimas notícias a respeito de ciência, tecnologia e atualidades. Por mais que olhasse, estudasse ou procurasse, nada lhe chamava a atenção em particular. Aquele sentido de urgência que havia levado Daniel de volta a seu tempo, depois de sua experiência na pele do lama Nikko, ainda fazia a mente do rapaz fervilhar, assim como a sensação de que deveria encontrar o seu destino o quanto antes para curar a constante ansiedade que sentia por não saber ao certo o que estava procurando.

O rapaz esfregou os olhos por um momento. Ele estava cansado, mas ainda não estava pronto para

deixar a busca para o dia seguinte. Quando abriu os olhos novamente viu mestra Gaila parada em frente a ele, vestindo uma roupa que parecia ter saído de um musical dos anos quarenta e folheando uma revista científica que havia encontrado na escrivaninha do rapaz:

- Você é mesmo um homem muito determinado. Acho que é por isso que eu gosto tanto de você.

- Mestra Gaila! Que bom que decidiu aparecer! Por algum tempo pensei que não veria você de novo...

Daniel abraçou sua pequena mestra e só então se deu conta de que era a primeira vez que ele a tocava e que era surpreendente o fato de a velha senhora, que estava em todos os lugares por onde ele passou sem mudar de aparência, tivesse um corpo físico:

- Me desculpe por ter deixado o palácio Potala antes de aprender a lição que a senhora queria me ensinar...

- E quem disse que você não aprendeu?

- Mas eu saí de lá negando quase tudo o que os monges pregavam.

- Nem sempre aprendemos a lição que precisamos aprender concordando com nossos mestres, Daniel. De fato, apenas quando descobrimos as nossas próprias verdades, nós nos graduamos e passamos a ser considerados mestres. O que houve com aquela solidão que você sentia? Você se sente conectado à humanidade agora?

- Não sinto mais solidão. Acho que é porque estou cercado por amigos...

- Não é verdade. Muitas pessoas formidáveis que passaram por esse mundo estiveram sempre cercadas por admiradores, mas morreram na solidão. Você não se sente mais solitário porque parou de passar todo o tempo focado em si mesmo. Você tem causas maiores para resolver agora e não existe solidão que resista a isso. Você está conectado com a humanidade e se preocupa mais em ser útil para o mundo do que com o seu ego, sua vaidade.

- Puxa! Acho que eu dei uma dica errada para o Anísio. Antes de ele abandonar a escola eu disse que ele deveria prestar mais atenção na própria vida. Talvez esse conselho tenha influenciado a decisão dele de entrar para aquela gangue...

- Sei que ele disse que havia entrado para gangue por sua causa, para se vingar de você, mas isso foi uma mentira. Ele já tinha esse projeto em mente antes mesmo de conhecer você. Seu conselho foi perfeito. Ninguém consegue ajudar a humanidade sem antes conseguir organizar a própria vida. É o excesso que transforma coisas saudáveis em vícios. O sábio Buda já disse uma vez: "Se a corda estiver frouxa, ela não toca; se estiver muito esticada, ela arrebenta". Um dia você encontrará a medida certa para todas as coisas, mas, eu lamento informar, quando esse dia chegar, você já estará muito velho...

- O que vai acontecer com ele?

- Logo vai deixar de ser apenas mais um membro de gangue que comete pequenos delitos. Ele vai se tornar um verdadeiro bandido, mas mesmo nisso ele será medíocre. Receio que logo ele estará morto.

- Eu posso fazer alguma coisa para ajudá-lo ou impedi-lo de machucar outras pessoas?

- Não. Ninguém pode e ele vai destruir a vida de qualquer um que tentar. Nada do que você falou

para ele antes ou depois de salvar a vida dele teria o poder de mudar sua mentalidade estreita. O aprendizado é uma responsabilidade do mestre e do aluno e o Anísio nunca será bom em nenhum dos dois papéis. Como eu disse, eu sempre senti mais pena dele do que de você. Eu já havia dito a você uma vez: cada ser humano é responsável pelo seu próprio destino. Mas você vai ajudar muitas outras pessoas. Aliás, você vai ajudar uma parcela enorme da humanidade. É para isso que você estuda e se dedica tanto, não é?

- Eu acreditei que esse era o meu destino depois que percebi que você havia se dado ao trabalho de mudar toda minha vida me levando através dessas viagens no tempo, mas agora eu sinto que é quase impossível, para mim, fazer uma coisa dessas. Como eu vou mudar o mundo? O que eu vou fazer? O que vai acontecer comigo?

- É exatamente isso que você deve descobrir. Quando menos esperar, você vai saber de algo que ninguém mais sabe, mas eu não posso contar para você o que é. Afinal, se eu contar o que você vai descobrir, quem terá descoberto serei eu, não é mesmo? E que mérito você teria nisso? Não, senhor, o jogo perde todo seu propósito e sentido quando um dos participantes usa de trapaça. Quando você encontrar o que está procurando você saberá que encontrou, não se preocupe com isso. Quando a verdade surge diante de nós é como se mil faróis de repente se acendessem na mesma direção. Os antigos gregos costumavam gritar “eureka”.

Daniel se levantou, foi até seu armário e pegou as “rodas do tempo” em uma das gavetas. Ele mantinha o objeto bem escondido para que ninguém se perdesse em uma aventura inesperada:

- Acho que isso é seu e eu devo devolvê-lo...

- Não se preocupe com isso...

Mestra Gaila apanhou as “rodas do tempo” de dentro de sua bolsa e mostrou para Daniel, que perguntou surpreso:

- Existem duas delas?

- Não. “Rodas do tempo” é um objeto único e incomparável. O relógio que está comigo é o mesmo que está com você. Eu apanhei o meu no passado... ou no futuro... Dependendo do ponto que você observa. Mas o fato é que eu dei um presente para você, ele é seu e eu não posso pegar de volta, mas recomendo que você use com sabedoria.

- Eu gostaria de saber o que houve com Matsuo depois que eu questionei o modo de vida dos lamas.

- Ele se tornou um monge muito mais ativo e o lama Nikko, que continuou lembrando-se bem das suas palavras, acompanhou seu discípulo em suas diversas missões. Você mudou a vida dos dois, mas infelizmente, por causa dos seus novos valores, eles não se calam quando o Tibete foi ocupado e os dois acabaram morrendo alguns anos depois.

- E eu fui o culpado! Eu tenho que voltar lá e avisar...

- Avisar o que, Daniel? Que o lama Nikko vai reencarnar e se tornar você? Não acho que o destino deles tenha sido tão mal assim. Além do mais, nada poderá convencê-los a agir de forma diferente uma vez que eles acreditam estar lutando pelo que é certo. O lama Nikko se sentiu responsável pela morte de

Matsuo um pouco antes de ele próprio morrer também. Eu acho que foi por isso que você se tornou tão tímido nessa encarnação, mas é claro que isso é uma grande bobagem. Matsuo tomou suas próprias decisões, fez o que precisava fazer, morreu como qualquer outro ser humano do planeta e reencarnou assim como você. Aliás, você acaba de reconhecê-lo, não é mesmo?

- Jeniffer... Eu demorei para reconhecê-la.

- Não fique muito chateado por isso, afinal, você também não reconheceu Bianca que é a reencarnação de Mika ou Henrique que é a reencarnação de Ming e provavelmente também não vai reconhecer Cheng Zhi quando estiver com ele na faculdade...

- Sério? Eles estão todos aqui?

- Claro que sim, ele sempre estiveram. A morte é um evento muito desagradável, mas é apenas uma ilusão.

- E o que eu faço com essas informações?

- Faça o que você quiser. Eu conheço o passado, o presente e o futuro, seja lá o que isso queira dizer, mas não sou eu quem toma as decisões. Se eu contar o que vai acontecer com você, você pode querer mudar o futuro apenas para comprovar o seu livre arbítrio e isso teria o efeito de alterar o seu destino que você mesmo irá escolher e deverá decidir. Não se preocupe com o futuro, você é inteligente o bastante para decidir o seu destino.

- Você tem certeza de que escolheu a pessoa certa? Não sei se sou tão inteligente assim. Eu conheço muita gente com QI maior que o meu...

- Você vai se fazer essa pergunta muitas vezes ao longo de sua vida, Daniel, mas isso também não cabe a mim responder... E haverá outros momentos em que você se verá tão aclamado pelas multidões que, assim como César, precisará de alguém lembrando a você que não passa de um homem. Acho que preparei você bem para esses dois momentos, que chegarão fatalmente e que não passam de perda de tempo já que para as duas impressões existe apenas uma única resposta: Tire os olhos de você, e volte-os para o mundo, mantenha-se curioso e continue trabalhando. Esse é todo conselho que tenho para dar.

Mestra Gaila entregou a revista que tinha nas mãos para o rapaz, levantou a mão direita em um aceno e se desfez em pó diante dos olhos de Daniel, como se ela própria fosse algo que não pertencesse àquela época e local. Daniel deixou a revista sobre a cama, guardou as “rodas do tempo” em uma gaveta e imaginou se voltaria a ver mestra Gaila outra vez. Ele deitou em sua cama repassando tudo que a mestra havia dito, tentando encontrar alguma pista que pudesse ter passado despercebida ou algo que pudesse dar um rumo a sua vida, mas parecia que não havia realmente nenhuma pista a ser encontrada ou qualquer rumo a se tomar. A vida era assim mesmo, o único fim real que todos nós podemos encontrar estaria na morte, mas mesmo isso parecia não ser o final derradeiro. Daniel deveria viver um dia de cada vez e sua história se manteria sempre em construção, continuaria e continuaria, cheia de altos e baixos, vitórias e derrotas como todas as vidas são.

Ele pegou a revista que mestra Gaila estava folheando e se dirigiu até a escrivaninha para colocá-la no lugar. Antes de fechar a matéria, no entanto, uma frase chamou sua atenção. Ele já tinha lido aquilo antes, mas, da primeira vez, ele não havia notado o que agora parecia tão óbvio, aquela frase não estava correta. Aliás, se uma parte daquele artigo estivesse realmente afirmando aquilo que ele havia

compreendido, as mudanças que deveriam ser feitas implicariam em transformações que alterariam completamente a vida e a sociedade como a conhecemos.

Daniel analisou o texto com cuidado. Por um momento ele duvidou de si mesmo. Ele pensou que teria muito que verificar antes de decidir se tinha ou não errado em suas conclusões. Sentou-se na cama sentindo as pernas bambas. Ele não precisava mais que alguém lhe contasse como seria seu futuro, a resposta estava ali, na frente dele e aquilo era totalmente diferente do que ele esperava encontrar. As implicações de sua descoberta seriam muito maiores do que ele pensava, ele passaria metade de sua vida tentando provar sua nova teoria e sua importância como cientista seria muito maior do que ele jamais ambicionou. Antes de se levantar e começar a colher informações que comprovassem o que ele havia acabado de imaginar, ele sorriu tendo absoluta certeza de que mestra Gaila o observava naquele momento e falou baixinho:

- Eureka!!!

Fim